

JOSÉ AELSON DA SILVA JÚNIOR

PEDAGOGIA DO ARMÁRIO: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

JOSÉ AELSON DA SILVA JÚNIOR

PEDAGOGIA DO ARMÁRIO: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

S586p Silva Júnior, José Aelson da
2018 Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. – 2018.
160 f. : il.

Orientador: Sílvio Ricardo da Silva

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 143-155

1. Lazer - Teses. 2. Futebol - Torcedores – Teses. 3. Homofobia - Teses. 4. Homossexuais e esportes – Teses. 5. Masculinidade – Teses. 6. Sexualidade – Teses. 7. Identidade de gênero – Teses. I. Silva, Sílvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



ATA DA 32ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

JOSÉ AELSON DA SILVA JÚNIOR

Às 09h00min do dia 18 de julho de 2018 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais" requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)	X	
Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira (UFRGS)	X	
Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL)	X	
Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Este documento tem validade de 60 dias.

Belo Horizonte, 18 de julho de 2018.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva _____

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias _____

Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira _____

Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco _____

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner _____

Dedico a todos os familiares e amigos que nutriram com amor o sonho e o desafio de realizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer também é o momento de dividir com todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram com a realização deste trabalho de pesquisa. Concluir mais etapa traz com o resultado do trabalho a certeza do carinho manifesto nas palavras de incentivo, nas orações, nas broncas, no afago e no choro compartilhado. Enfim, decerto, não somos nada sem o amor. Sem ele nada de bonito nasce, nem um trabalho flori.

Agradeço a Deus e a espiritualidade superior pelo discernimento, paciência e serenidade para conduzir e realizar esta tese, mas, acima de tudo, pela vida e por torná-la tão mais fácil e prazerosa de ser vivida com a presença de todos os que fizeram e fazem parte dela.

Agradeço a minha mãe, D. Lourdes, meus irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas e demais familiares. Foram tantos abraços não dados, tantas ausências, tantas reticências para que o foco não se perdesse nos contratempos e problemas do cotidiano... Mas valeu a pena, os quase seiscentos quilômetros de BH à Porteirinha voltarão a ser só mais um “ali”, um “pertin”, coisa que mineiro entende bem. Amo vocês!

Agradeço aos outros irmãos que a vida me deu, Carlos e Davidson, vocês são preciosos demais. Aos amigos do G8, os amigos de Ouro Preto, os novos amigos e nova família de Belo Horizonte, o meu forte abraço. Obrigado ao Júnio, pelo companheirismo, e a Cléo, por me cativar. Vocês dão mais leveza e alegria aos meus dias.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerias pela acolhida, ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), pela oportunidade de realizar esta pesquisa, ao Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) – por tantos aprendizados, partilhas e trabalhos coletivos, em especial a Barbara, Luiza e Flávia, por me ajudarem com a leitura atenta e crítica. Ao Grupo de Estudos Feminismo, Gênero e Sexualidade (FEMEGEN), pelos debates provocadores. A todos (as) os/as professores (as), colegas e funcionários (as), o meu carinho.

Agradeço, ainda, aos dezesseis torcedores que aceitaram, de forma muito solícita, participar deste trabalho e ao Júnio, por permitir que eu o acompanhasse tantas vezes aos

estádios. Embora não tenha participado das entrevistas, você foi fundamental para que eu compreendesse o clubismo e a paixão que move tantos outros torcedores.

Por fim, o meu muito obrigado ao professor Sílvio Ricardo pela orientação, mas, mais que isso, pela grandeza de caráter e generosidade inspiradoras. Ao professor Luciano Pereira e à professora Silva Goellner pela qualificação do trabalho (está última também ensejada na versão final da tese) e aos demais professores: Cleber Dias, Gustavo Bandeira, Leonardo Turchi e às professoras Priscila Campos e Cristianne Gomes, que aceitaram, gentilmente, participar da banca examinadora, trazendo contribuições enriquecedoras ao debate que aqui prestamos.

Obrigado a todos e todas! A vocês, meu sincero e fraterno abraço!

“A diferença é um problema apenas se acreditarmos que a uniformidade é o estado normal das coisas. [...] No momento em que começamos a fazer classificações, institucionalizar hierarquias em nome da diferença, como se as diferenças fossem naturais e não construídas, acreditando que são imutáveis e portanto legítimas, aí sim estamos em apuros.”

Achile Mbembe

RESUMO

Tratar como objeto científico a participação de homens homossexuais na assistência do futebol representa um contraste histórico e cultural que marca um deslocamento sobre a lógica desse esporte como espaço de resistência e manutenção de uma ordem heteronormativa ou, mais que isso, de um modelo de masculinidade esperado e aceito no campo do futebol. As lacunas existentes sobre essa temática justificam a relevância em problematizar o futebol e o torcer como espaços de vivência do lazer, cuja dominação de uma determinada masculinidade é evidenciada e valorizada. Dito isso, aos objetivos do trabalho foram investidas as seguintes questões: (1) como os torcedores gays se apropriam deste espaço; e, a partir da compreensão desse cenário, (2) quais discursos são produzidos por eles sobre a relação homossexualidade, homofobia e futebol. Para isso, dialogamos com autores e autoras cuja produção se insere nos Estudos Culturais, Queer e Feministas, para composição do arcabouço teórico utilizado na compreensão dos conceitos chave, bem como, de trabalhos que têm constituído “um campo” de Estudos sobre Futebol, no Brasil. Esta pesquisa assume uma natureza qualitativa na descrição e análise dos dados e o trabalho de campo fez uso de dois instrumentos de coleta - a observação participante e a entrevista semiestruturada - organizadas em dois momentos. As observações foram orientadas por um roteiro prévio e os registros dos quinze entrevistados foram organizados em quadros temáticos, a fim de que pudéssemos compreender, nas interseções dos discursos, os objetivos definidos, *a priori*. Entendemos, a partir dos discursos analisados, que nenhum dos informantes está alheio a homofobia nos estádios e na vivência do torcer, ainda que alguns deles não a reconheçam no futebol, atribuindo outros sentidos aos xingamentos e comportamentos ali experimentados. De maneira geral, eles se apropriam desses territórios, produzem e reproduzem comportamentos heterossexistas e homofóbicos de forma semelhante aos demais torcedores, alinhados a uma lógica heteronormativa de torcer. Foi providencial classificá-los, metaforicamente, como torcedores miméticos, ao refletirmos sobre as experiências que eles relataram viver com o futebol e seu clubismo. O termo “mimético” é entendido, aqui, como forma de proteção e defesa num processo de acolhimento e inclusão entre “iguais”, sustentado em referenciais de masculinidades e virilidades típicas dos estádios de futebol, onde o torcedor mimético se assemelha aos demais torcedores movidos por diferentes interesses ligados à vivência dessa prática de lazer.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Masculinidades. Homofobia. Torcedores gays. Futebol

ABSTRACT

Gay men participation in soccer assistance, in a scientific aim, represents a historical and cultural contrast which highlights a shift on this sport's logic as a space of resistance and conservation of a heteronormative order or, more than that, of a model of an expected and accepted masculinity in the soccer field. The gaps on this subject justifies the relevance in discussing the cheering act and the soccer game, as spheres for leisure practicing, where the domination of a certain masculinity is evidenced and valued. This said, the following issues were entrusted to the goals of this study: (1) how gay spectators fit into this space; and, from the understanding of this scenario, (2) which speeches are made about homosexuality, homophobia and soccer by them. To reach such aim, there has been established a dialogue with male and female authors whose production is included in Cultural Studies, Queer and Feminist, to the theoretical framework composition used for the understanding of the key concepts, as well as works that have constituted "a field" of Studies about Soccer in Brazil. This research is qualitative in nature description and data analysis, in which the field of work made use of semi-structured interview. The records of the fifteen subjects interviewed were organized into thematic frames, in order to an understanding of the objectives defined, *a priori*, in the intersections of the speeches. It can be understood that none of the informants are unrelated to the homophobia in the stadiums and in the experience of cheering, even though some of them do not recognize it in soccer games, by assigning other senses to swearing and behaviors experienced in such places. In general, they appropriate these territories, produce and reproduce heterosexist and homophobic behavior in a similar aspect to other spectators, aligned to a heteronormative logic of the cheering act. It was helpful to metaphorically classify them as mimetic spectators, when reflecting on the experiences that they reported living within soccer and their factionalism. The term "Mimetic" is understood, in this research, as a form of protection and defense in a reception and inclusion procedures among "the equal", sustained by referential of masculinities and manhood typical for the soccer stadiums, where the mimetic spectator resembles the other fans/spectators, driven by different interests linked to the experience of such form of leisure.

Keywords: gender, sexuality, masculinity, homophobia, gay spectators, soccer

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Cartaz exibido pela torcida do <i>Bayer</i> de Munique	20
Figura 02 – Time de futebol do Bangu (1904)	56
Figura 03 – Time de futebol do Atlético Mineiro, “Esquadrão Imortal” (1970-1971)..	57
Figura 04 – <i>Picture Courtesy of Professor Jonh Jonh</i>	59
Figura 05 – <i>Picture Courtesy of Professor Jonh Jonh</i>	59
Figura 06 – Jogador inglês Justin Fashanu	75
Figura 07 – Manifestação da torcida Macha Verde	81
Figura 08 – Times que compõem a <i>Ligay</i>	129
Figura 09 – Chaveamento da 1ª <i>Champions Ligay</i> , no Rio de Janeiro	130
Figura 10 – Chaveamento da 2ª <i>Champions Ligay</i> , em Porto Alegre	130
Figura 11 – Iluminação da fachada do Mineirão com as cores da bandeira LGBT	132
Figura 12 – Aniversário Bharbixas, (2018).....	132
Figura 13 – Nuvem de palavras	133
Figura 14 – Foto da torcida <i>Coligay</i>	135
Quadro 01 – Dados gerais dos participantes da pesquisa	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise do Discurso

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa

FEMEGEN - Grupo de Estudos Feminismo, Gênero e Sexualidade

GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas

GT - Grupo de Trabalho

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

NUH - Núcleo de Direitos Humanos

PPGIEL - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

TCLC - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido

TO - Torcida Organizada

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos da Pesquisa	27
1.2 Procedimentos Metodológicos	28
2 CAPITULO I	37
2.1 Jogando com gênero, sexualidades e masculinidades	37
2.2 Futebol e torcida como possibilidades de lazer	49
2.3 O armário como possibilidade	71
3 CAPÍTULO II	88
3.1 “Comporte-se!”: O futebol na trajetória de vida dos torcedores	88
3.2 O mimetismo como salvo-conduto de torcedores homossexuais	103
3.3 A identificação com o clube e a indiferença quanto à homossexualidade invisível	117
4 CAPITULO III	122
4.1 O paradoxo da gentileza e da violência potencializada	122
4.2 “É proibido proibir” (?): algumas resistências num torcer e jogar requebrante ...	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
APÊNDICES	156
ANEXO I	160

1 INTRODUÇÃO

*O “Brasil está vazio na tarde de domingo, né?/ Olha o sambão, aqui é o país do futebol.”*¹Já não se questionam, há muito tempo, o futebol como tradição e seu enraizamento na cultura e identidade do povo brasileiro. Assim, direta ou indiretamente, em algum momento da vida, somos tocados por esse fenômeno.

Não me lembro com certeza do meu processo de encantamento, sedução e arrebatamento ao futebol. *Atleticano*², sempre que me pergunto – ou me perguntam – sobre o porquê dessa vinculação time/pertencimento à minha subjetividade de torcedor, me vem à lembrança o pôster, em destaque, na parede da sala da minha avó. O pôster em questão retratava a conquista do Campeonato Brasileiro de 1971 e, com grande orgulho, muito antes do meu nascimento (1982), já recebia todo e qualquer visitante que ali chegasse como traço cultural e demarcador de um território alvinegro. As lembranças juntam-se como peças de um quebra-cabeça e outros elementos saltam em minha história pessoal - como na de milhões de brasileiros - quando, ao me apresentar em público, por exemplo, defino em minha subjetividade traços identitários e de pertencimento, reiterando a predileção por um time de futebol sempre evidenciado (como se houvesse um protocolo ou roteiro pré-estabelecido). As “peladas” ou “rancas” nas ruas também traziam em suas práticas a necessidade de uma filiação imagética a um time de futebol e, por vezes, nesse faz de contas, nos tornávamos os grandes ídolos desse esporte.

As experiências escolares também reforçam a presença do futebol no cenário educativo formal. Enquanto conteúdo esportivo hegemônico para a educação de meninos e meninas³, essa experiência traz elementos que coadunam com a discussão a que se prestou este trabalho de pesquisa.

¹ Fragmento da música *Aqui é o país do futebol*, escrita pela dupla do Clube da Esquina, Milton Nascimento e Fernando Brant, e que ganhou fama na voz de Wilson Simonal. Disponível em: www.vagalume.com.br. Acesso em 25 de junho de 2015.

² Faço referência ao Clube Atlético Mineiro que, durante grande parte do texto, deve aparecer simplesmente como Atlético. Assim também o farei ao me referir ao Cruzeiro Esporte Clube, apenas por seu primeiro nome.

³ O futebol, como conteúdo da Educação Física escolar ou ainda como atividade recreativa muito praticada nesse ambiente é, por vezes, uma prática pouco incentivada para as meninas e, em alguns casos, negada a elas.

“Nesses noventa minutos. / De emoção e alegria. /Esqueço a casa e o trabalho”. Ainda nos versos de Milton Nascimento e Fernando Brant é possível tecer uma crítica ou problematizar sobre o espaço devotado ao Futebol e à conformação de seus códigos e valores como naturalizados e, portanto, banalizados em nossas relações no dia a dia. Questões sociais, econômicas e de ordem política são, por vezes, arrefecidas sob a pujança do “esporte nacional”.

Isso se desdobra nas relações que futebol, gênero e sexualidade vêm assumindo historicamente. Desconsiderando a especificidade dos conceitos, o espaço do futebol em todas as formas de sua assistência está associado a uma masculinidade dominante, hegemônica e irrefutável.

Deslocando-me da posição de torcedor para a de pesquisador, situo minha trajetória acadêmica para melhor compreensão sobre o lugar de onde falo - embora eu entenda que ambas configurem uma subjetividade dinâmica e incompleta, que vai se conformando diante das inspirações e desafios do cotidiano - desde a graduação em Educação Física, fui afeito às questões referentes ao corpo social em suas relações com o espaço e com o “outro”, diferentemente da atenção biológica e funcional atribuída por outras faces dessa episteme.

Nos estudos de mestrado, trabalhando com a temática Educação Física escolar e educação especial inclusiva, vinculei-me à linha de pesquisa “Aspectos socioculturais da Educação Física”, buscando aporte teórico nas ciências humanas e dando ênfase às experiências dos alunos surdos e às representações atribuídas a eles nas práticas escolares do ensino básico regular.

O doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer orienta, em sua linha de pesquisa “Lazer e Sociedade”, investigações que abordam o lazer sobre diferentes aspectos práticos e modos de organização da vida social cotidiana. Neste sentido, ao abordar o Futebol masculino, tema amplamente discutido no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT)), busquei dar visibilidade a uma questão ainda pouco considerada nas ciências humanas e sociais, a saber: “Futebol e sexualidade”, enfatizando a presença de torcedores homossexuais (gays) nesse território conservador, de condição viril, masculinidade típica e atitudes homofóbicas. Acredito

que produzir saberes sobre questões tradicionalmente silenciadas, bem como dar notoriedade a esses sujeitos ocultos, permite um diálogo cada vez mais próximo com a diversidade e o reconhecimento das diferenças em nossa sociedade tão plural.

Um detalhe que se revelou muito importante durante o trabalho empírico da pesquisa diz respeito ao fato de, até o ano de 2014, eu nunca ter entrado em nenhum grande estádio, visto minha origem no interior das Gerais, nem, tão pouco, ter dividido o espaço das arquibancadas com outros torcedores. Atribuo tal importância ao olhar atento que, aos poucos, foi se conformando às cenas recorrentes nos itinerários assumidos por mim em dias de jogos de Atlético e Cruzeiro, instaurando, progressivamente, uma cenografia⁴ para o meu discurso sobre a vivência do torcer nos estádios de Belo Horizonte.

Tomando o futebol como prática de lazer dos brasileiros, buscamos problematizá-lo a partir de uma relação com os estudos sobre gênero e sexualidade e lançamos mão desta proposta de pesquisa. O futebol representa uma identidade coletiva? Todos os brasileiros se identificam ou são identificados como pertencentes a esse território⁵?

Reconhecendo o futebol como território generificado reservado a uma masculinidade ortodoxa⁶ (ANDERSON, 2005), alimentado por práticas heterossexistas e homofóbicas, como são enquadrados os torcedores que destoam desse paradigma, haja vista a habitual rejeição de mulheres e homossexuais nos campos do futebol? Mais detidamente, como recorte para apresentação desta tese, importa-nos compreender como os torcedores gays,

⁴ “A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala” (MAINGUENEAU, 2006, p. 68).

⁵ Para Haesbaert e Limonad (2007), o espaço é tornado território pela apropriação e dominação social. Segundo esse mesmo autor, “esse espaço tornado território pela apropriação e dominação social num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais.” (HAESBAERT & LIMONAD, 2007, p. 49)

⁶ O conceito de masculinidade ortodoxa, cunhado por Eric Anderson, em seu livro *In the game: gay athletes and the Cult of masculinity*, pode ser caracterizado por um conjunto de atributos necessários para ser homem. Esses atributos são nomeados por esse autor como *capital masculino*. Anderson apresenta uma diferenciação entre masculinidade ortodoxa e hegemônica, de maneira que esta última descreve os homens que não só alcançaram todos estes princípios, mas que também possuem as variáveis atribuídas da forma dominante à masculinidade, em qualquer estado ou contexto que existe atualmente. Ou seja, homens que possuem masculinidade hegemônica na cultura norte-americana são brancos, ativos, heterossexuais, atléticos e atrativos [...]. (ANDERSON, 2005, p. 24).

autoidentificados torcedores e com pertencimentos clubísticos (DAMO, 1998) apropriam-se desta condição – de torcedores – ainda que indesejados nesse espaço.

Nesta primeira apresentação, os diferentes conceitos de masculinidade, bem como suas subclassificações⁷, não serão trazidos à baila juntamente com seus autores. Basta-nos o entendimento provisório de que a masculinidade a qual nos referimos diz respeito àquela vinculada à heterossexualidade compulsória.

As questões suscitadas acima, de estalo, mais como inquietações retóricas, funcionam como uma ponta solta no novelo emaranhado de complexas relações sobre fenômenos tacitamente demarcados, como é o caso da sexualidade de jogadores, torcedores e todos aqueles que se envolvem no universo do futebol.⁸

É pertinente investigar as formas de expressão do preconceito, visto que o futebol, embora seja um espaço de manifestação e fruição da cultura e possibilidade de diversão, ou seja, uma atividade em que o indivíduo possa experimentar/vivenciar momentos de lazer, é um dos contextos mais representativos da masculinidade heterossexual – que aqui se caracteriza como prática singular de “ser homem” - e de uma resistência ao que destoia desta ordem.

Outra questão que merece atenção é a homofobia que se sustenta dentro dos espaços de enraizamento e ocupação/domínio do futebol. Mesmo que fora dos estádios ou de outros desses territórios transitórios (bares, os próprios domicílios, rodas de amigos/torcedores), questões sobre respeito à diversidade - entre elas as diferenças de gênero - sejam pauta, parece que nesses “territórios viris” há uma grande resistência quanto à acessibilidade de um público “desviante”, ou mesmo evita-se assumir

⁷ Os conceitos de masculinidade utilizados nesse trabalho são fruto dos trabalhos realizados pela socióloga australiana Raewyn Connell (conhecida em suas publicações por Robert Connell, antes de sua transição) e Eric Anderson, sociólogo americano que tem se dedicado aos estudos de masculinidades no esporte, em destaque o futebol/*soccer*.

⁸ Alguns exemplos que serão melhor detalhados ao longo da tese ilustram bem os conflitos advindos do envolvimento de jogadores em polêmicas quanto a uma suposta homossexualidade no futebol brasileiro. Como no caso do jogador Richarlysson e o estigma de gay que o acompanhava pelos clubes por onde passou, bem como a objeção de sua contratação por parte de algumas torcidas de clubes brasileiros, ou ainda a violenta reação da torcida corintiana ao ver fotos de Emerson Sheik, um dos principais jogadores do time, ao dar um “selinho” (beijo carinhoso) em um amigo, em um restaurante, após a vitória do Corinthians. Ou mesmo a expulsão de um dos dirigentes da torcida organizada gaviões da fiel, ao ser exposto publicamente, por sua ex-namorada, em fotos íntimas com outro rapaz, entre outros exemplos.

discursos de tolerância⁹ e diálogo com sujeitos ou temas que desestabilizam o *status* imaculado do futebol heteronormativo¹⁰.

Isto significa que muitas questões – enfatizadas, nesta reflexão, as questões de ordem social e política - ficam alheias ao campo do futebol e, naturalmente, perdem-se nos bastidores deste universo. Como afirmam Milton e Brant, “[...] Dinheiro fica lá fora./ A cama fica lá fora./ A mesa fica lá fora./ Salário fica lá fora./ A fome fica lá fora./ A comida fica lá fora./ A vida fica lá fora./ E tudo fica lá fora.”

“Tudo” deveria ficar lá fora¹¹? Ainda hoje os homossexuais ficam lá fora, as mulheres ficam lá fora, o respeito à diferença fica lá fora. A discussão que aqui se inicia busca problematizar as relações já tencionadas entre o futebol/torcer, como práticas radicadas no masculino e trazer para dentro outras masculinidades e feminidades, e todos os que ali quiserem estar, independente de seus corpos e orientações, deixando lá fora apenas o preconceito (o heterossexismo, a misoginia, o racismo, a homofobia e todas as outras formas de segregação e ódio).

Muitas são as “barreiras” existentes no futebol... Obstáculos que resistem como paradigmas e incitam uma educação do torcer másculo, fálico, potente, viril, alicerçado na tradição inventada do “futebol como coisa de macho”. A ideia de um torcer viril acompanha o conceito de virilidade, entendida por Pierre Bourdieu (1999, p. 64) como “a capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança)”, é, acima de tudo, uma carga. Junqueira (2012) salienta se tratar de uma carga, pois, em contraposição ao privilégio masculino, a tensão e a contensão permanente, em alguns casos absurdos, impõem a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância sua virilidade.

⁹ Tomaz Tadeu da Silva (2014) chama atenção para essa questão da tolerância para com a diversidade e a diferença, questionando sua posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada nos dias de hoje. Nesse sentido, o autor questiona essa como uma posição liberal e instiga uma reflexão onde se pensasse “como se configuraria uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las” (SILVA, 2014, p. 74).

¹⁰ O conceito de heteronormatividade será retomado e melhor desenvolvido no decorrer do texto, mas, em termos gerais, diz respeito à organização do espaço, das coisas que ali existem e das pessoas que ali se relacionam entre si e com o todo, sob as normas de uma cultura heterossexual, regulada por uma masculinidade e/ou uma feminilidade singular e hegemônica.

¹¹ Considerando a interdependência *identidade e diferença*, é importante estar atento ao fato de que “aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’. A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural” (SILVA, 2014, p. 84)

Neste sentido, tratar como objeto científico a participação de homossexuais na assistência do futebol representa um contraste histórico e cultural que marca um deslocamento sobre a lógica desse esporte como espaço de resistência e manutenção de uma ordem heteronormativa ou, mais que isso, de um modelo de masculinidade esperada e aceita no campo do futebol.

O que convencionamos chamar de campo e território, embora representem conceitos deslocados da antropologia e da geografia, neste texto, representa o lugar onde uma rede de sentidos e significados são confluentes entre os sujeitos que, de maneira reticulada, compõem os valores próprios a esse espaço e sua territorialidade no futebol, sendo esta última, segundo Haesbaert e Limonad (2007), o exercício de poder sobre o território.

A fim de contextualizar o espaço homofóbico do futebol ao qual venho me referindo, apresento a seguinte situação, cuja incursão se dá no cenário internacional, mas pode facilmente ser observada na cena brasileira. O leitor que já vivenciou uma ida ao estádio para um jogo de futebol, fatalmente, já se deparou com contextos de preconceito semelhantes aos apresentados abaixo.

A figura apresentada ilustra uma cena típica nos estádios de futebol, onde o modelo que chamamos de hegemônico é construído não apenas na valorização desse modo de subjetivação¹², mas também pela desqualificação de outras possibilidades de gênero e de sexualidade.

¹²Castro (2016, p. 409) lembra que “Foucault denomina ‘modos de subjetivação’ [...] ‘as formas de atividade sobre si mesmo’. Apesar de que toda moral sempre comporta um código de comportamento e que, em algumas formas morais, o modo de subjetivação adquire quase essencialmente uma forma jurídica”. A partir de Foucault (1988), podemos entender a subjetivação do sujeito como efeito do processo, ou seja, o foco está no processo, nos procedimentos, independentemente se são bons ou ruins, se as pessoas são boas ou más. Nesse sentido, os modos de subjetivação podem ser entendidos como a forma com que as pessoas são levadas a pensar e agir de determinadas maneiras. Pensar nessas formas de subjetivação fica mais fácil quando consideramos os conceitos de *governo de si*, *governo dos outros* e *governo de estado*, conjuntamente aos modos de subjetivação. Esse elemento é muito forte quando se trata de sexualidade.

Figura 01: Cartaz exibido pela torcida do Bayern de Munique, em partida contra o Arsenal



Fonte: www.esporte.uol.com.br¹³

Segundo reportagem do site UOL, o cartaz em questão faz referência aos 'Gunners' (apelido do Arsenal), chamando-os de "gays", e ao meia Mesutözil, que é caricaturado na imagem em um desenho bastante sugestivo, uma mensagem direta e absolutamente coerente com o paradigma heteronormativo que alimenta o torcer no futebol. Os autores também desenharam um canhão (símbolo presente no distintivo do Arsenal) apontado para as nádegas de Mesut. Todos esses elementos compõem uma mensagem claramente homofóbica.

Junqueira (2012, p. 282) afirma que o heterossexismo e a homofobia “são manifestações de sexismo, não raro associadas a diversos regimes e arsenais normativos normalizadores e estruturantes de corpos, sujeitos, identidades, hierarquias e instituições, tais como o classismo, o racismo, a xenofobia”.

Ainda segundo Junqueira, o termo heterossexismo está centrado “fortemente em torno da discriminação e opressão por orientação sexual (não raro, a partir de pressupostos essencialistas)”. Já a homofobia é entendida como um fenômeno social relacionado “a preconceitos, discriminação e violência voltados contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de

¹³Disponível em:< <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/03/13/bayern-pode-ser-punido-com-r200-mil-apos-cartaz-homofobico-de-torcedores.htm>>. Último acesso em 13 de março de 2014.

gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade” (JUNQUEIRA, 2012, p. 282-283).

A provocação entre torcidas rivais busca, na desconstrução da masculinidade alheia, macular a sexualidade do outro, desconsiderando as próprias diferenças conceituais entre identidade de gênero e sexualidade.

Sobre esses conceitos, Louro (2014, p.25) nos lembra que é necessário demonstrar que:

não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Ainda para essa autora, se Foucault (1979) foi capaz de traçar uma história da sexualidade, isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma “invenção social”, ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes e que produzem “verdades”.

Louro (2014) ajuda-nos a entender as diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual, embora não negue a articulação entre esses conceitos.

Essas identidades estão profundamente inter-relacionadas. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (p. 31).

As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, poderíamos pensá-la, como sugere Stuart Hall (1996, p. 68), “como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação”.

Ainda para Louro (2014), as identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como os sujeitos vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. “Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero” (2014, p. 30).

Identidades de gênero, no plural, pois não há uma forma única de ser masculino ou feminino (como também é possível estar fora do binário), embora saibamos que em diferentes contextos elas estão hierarquizadas como hegemônicas e subordinadas¹⁴. A formação da identidade condiz com a história desses sujeitos que estão constantemente em construção.

Na ilustração apresentada anteriormente (Fig. 01), assumindo a lógica do futebol como espaço heteronormativo, desqualificar a torcida adversária retirando-lhe os atributos do masculino parece estar naturalizado na cultura do torcer, em que comentários homofóbicos, que põem em xeque o predicado da virilidade, assumem a categoria de xingamento, palavrão, condição desviante, anormal, defeituosa.

Neste duelo “corpo a corpo”, é inevitável deslocar os olhares da ciência para esse objeto que, aos poucos, vai se configurando. Há mais de duas décadas, estudos sobre esporte e gênero têm sido alvo de pesquisas científicas pelo mundo (ANDERSON, 2005, 2009, 2011; JARVIS, 2015; PRONGER 1990; CASHMORE e CLELAND, 2011; CLELAND, 2015; CAUDWELL 2011). No campo do futebol, entretanto, no tocante à sexualidade de seus jogadores e de seus torcedores, trata-se de um espaço tenso, minado e, justamente por isso, “delicado” a ser explorado.¹⁵No Brasil, desde o ano de 2010, Wagner Camargo, bem como Gustavo Bandeira¹⁶, vêm apresentando diversos textos

¹⁴Connell (1995) discorre brilhantemente sobre as relações de força existentes entre diferentes masculinidades - o que também podemos aplicar às feminilidades – sejam elas hegemônicas, conservadoras ou subordinadas.

¹⁵ Os trabalhos de Eric Anderson (2005, 2009, 2011, 2012, 2014), Jayne Caudwell (2011), Brian Pronger (1990), Ellis Clashmore e Jamie Cleland (2011) abordam questões relativas a gênero, sexualidade e esporte, com particular atenção ao contexto do futebol nos Estados Unidos e Europa. Gustavo Bandeira (2010, 2012, 2017) e Wagner Camargo (2012, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b, 2014c, 2014d, 2014e, 2014f, 2014h, 2017) também têm produzido estudos sobre essa temática no contexto brasileiro.

¹⁶ As pesquisas realizadas por Gustavo Andrada Bandeira (2010, 2012, 2017), descritas ao longo do texto, refletem os currículos de masculinidade existentes no contexto dos estádios de futebol.

sobre masculinidades no esporte, discutindo relações de gênero e sexualidade no futebol¹⁷.

Uma tensão presente na truculência das disputas de poder e território entre essas forças, aqui traduzidas como de resistência e de uma suposta militância, está manifestada na violência física e simbólica exercida pelos torcedores, pelos jogadores e demais sujeitos do universo futebolístico¹⁸.

O estigma, de acordo com Goffman (2013), é entendido aqui como o atributo social negativo associado ao desvio, que é incorporado à identidade deteriorada das pessoas e dos grupos discriminados em função de uma variedade de motivos, entre eles, os sexuais. Parafraseando a análise de Junqueira (2012, p. 283) sobre o heterossexismo e homofobia na escola, observamos o estigma da homossexualidade no futebol como alvo dos processos de “normalização e ajustamento heterorregulatório e de marginalização dos sujeitos, saberes e práticas dissidentes em relação à matriz heterossexual”, o que os exclui e torna invisíveis nesse e em outros esportes.

Um exemplo de violência decorrente da homofobia no futebol pode ser observado na nota¹⁹ a seguir.

O ativista sueco Showan Shattak foi esfaqueado no último sábado (8 de março, 2014). Os golpes atingiram os braços e perfuraram o pulmão do rapaz. O caso é considerado crítico pelos médicos.

Showan é um dos principais ativistas do movimento "Torcedores de futebol contra a homofobia" da Suécia e voltava de uma passeata em homenagem ao dia das mulheres quando foi atacado. Duas mulheres e um homem também foram espancados no ato dos nazistas, mas o caso de Showan é o mais grave. A torcida do Malmö, time do rapaz, se pronunciou através do facebook: “Aqui é lugar onde todos com um coração azul (cores do time) são bem-vindos. Nunca aceitaremos qualquer tipo de racismo ou atitudes nazistas na nossa casa, ou em nossa cidade. Força!”

O rompante agressivo anunciado no caso acima remete às evidências de que em algumas manifestações do esporte, mais detidamente do futebol, a relação que os

¹⁷ As produções de Wagner Camargo (2012, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b, 2014c, 2014d, 2014e, 2014f, 2014h, 2017) e Gustavo Bandeira (2010, 20120 2017) são utilizadas como aporte teórico e estão completamente descritas no Referencial Bibliográfico desse trabalho.

¹⁸ Ver os trabalhos de Rodrigo Rosa (2010) e Heloísa Reis (1998, 2006).

¹⁹ Notícias do *site* Mundo Mais <www.mundomais.com.br> referindo-se ao caso de esfaqueamento do ativista sueco Showan Shattak, do movimento “Torcedores de futebol contra a homofobia”. Último acesso em 12 de março de 2014.

torcedores estabelecem com o comportamento homossexual ainda está longe de se configurar como amistosa. Vale ressaltar, entretanto, que a homossexualidade velada, ou seja, aquela invisível aos olhos e oportunamente não pronunciada, foge à abjeção anteriormente anunciada, visto que o estádio representa para alguns torcedores um grande armário, onde são “trancadas” suas privacidades.

Por outro lado, há uma ação política e, portanto, ideológica de alguns torcedores que questiona a polarização de categorias de preconceito ainda vivenciadas nos estádios de futebol. Nos últimos anos, com grande efervescência em 2013, questões sobre homofobia, visibilidade e a acessibilidade de torcedores gays no futebol têm sido pauta de entrevistas na imprensa de grande circulação nacional (de veiculação impressa e/ou virtual), em blogs e diferentes redes sociais no Brasil e no mundo, tematizando o preconceito nos estádios e em outros campos do futebol, bem como a existência de fãs desse esporte, historicamente ocultados, cujo discurso sugere que sua identidade sexual não deva ignorar e desqualificar sua paixão pelo clube e pelo jogo em si²⁰.

O aparecimento de grupos organizados de torcedores homossexuais (gays e lésbicas) ou mesmo de torcedores contrários ao caráter sectário do futebol e “simpatizantes” da causa e do público LGBT’s²¹ foi o chamariz para o meu envolvimento e motivação para discutir academicamente questões sobre futebol, gênero e sexualidade, tendo em vista, ainda, que são incipientes os trabalhos acadêmicos que abordam a relação entre identidade sexual e futebol, sendo esta, no discurso dos agentes futebolísticos tradicionais, inexistente para além da lógica heterossexual.

Parafrazeando Monique Wittig²² (1980), em sua análise sobre “O Pensamento Hétero”, poderíamos supor que não há lugar para homossexuais nos espaços do futebol. Isso

²⁰ Soma-se a essa questão a opressão heteronormativa vivida por jogadores e demais agentes do futebol que garantem seus espaços e menos prejuízos como profissionais ao esconderem suas homossexualidades, bem como outras formas de preconceito no futebol, como a misoginia, o machismo e o assédio às mulheres dentro e fora dos gramados.

²¹ LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, mas, em alguns casos, a letra T remete a Travestis e Transexuais. Há divergência na literatura internacional quanto a inclusão ou exclusão de letras, a fim de contemplar uma perspectiva teórica e política de instituições e movimentos sociais. Neste texto optamos por LGBT, de maneira padrão, ainda que reconheçamos a existências de outras identidades não representadas por esse acrônimo.

²² Este texto foi lido pela primeira vez em New York, na Modern Language Association Convention, em 1978, e dedicado as lésbicas estadunidenses. Para a autora, segundo o pensamento heterossexual, “[...] seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois ‘mulher’ tem

parece inteligível uma vez que “futebol é coisa para homem” e os homossexuais não o são, segundo a preservação do *doxa*²³ sobre a homossexualidade como algo “fora do lugar” (ANJOS, 2015), nesse caso, fora do masculino.

Outra inquietação que já me acompanha desde a escola e que se sustenta ainda hoje na minha experiência do magistério na educação básica está na observação do abandono ou negação do futebol por grande parte dos alunos enquadrados pelos demais colegas como gays, “bichinhas”, “mulherzinhas”.

É importante salientar, como reflete Meyer (2013, p. 24), que “os indivíduos aprendem desde muito cedo [...] a ocupar e/ou a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer.” Para ela, assim como para Goellner (2013), tratam-se de pedagogias culturais, onde somos educados como sujeitos de gênero.

De acordo com Goellner (2013, p. 39), “a educação do gesto, através da exercitação corporal, foi, gradativamente, incorporando-se ao cotidiano de homens e mulheres, colocando em ação um minucioso controle sobre o corpo, seus movimentos, atitudes, sentimentos e comportamentos.”

Segundo Junqueira (2013, p. 484), “as lógicas da abjeção social e da marginalização afetam desigualmente os sujeitos.” Nesse sentido, é possível depreender como os meninos, ainda muitos jovens, são incitados a apresentar um capital masculino que se espera na vivência de determinadas experiências motoras e que, por resistência àqueles que apresentam uma gestualidade e masculinidade destoante, afasta e desencoraja tantos outros a essa prática. A estes, resta o que Louro (2013a) chama de pedagogia do insulto que, sob a mira de uma pedagogia da sexualidade, transforma-os em alvos de piadas,

significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais.” Dessa maneira sob a égide desse pensamento, “as lésbicas não são mulheres” (WITTIG, 1980).

²³ *Doxa* “é uma palavra emprestada do grego e designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A *doxa* corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 176).

ridicularizações, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes e desumanizantes²⁴.

Um exemplo sobre a vigilância das normas de gênero é apresentado por Junqueira (2007) em um trecho da declaração de uma professora participante do curso de formação continuada, no âmbito do Programa Brasil Sem Homofobia²⁵.

Temos um problema em minha escola: um garoto afeminado demais, com muitos trejeitos. É ótimo dançarino! Apanha sempre dos colegas, e todos os professores riem dele. Eu já lhe disse: ‘Tu és gay, tudo bem, eu respeito, mas para de desmunhecar, pois estás atraindo a ira dos outros sobre ti. Já mandei chamar a mãe. Ele está com seis anos.

Retomando a minha incursão por esse objeto, as manifestações dos torcedores das “torcidas gays” nas redes sociais balizaram as primeiras impressões sobre o tema desta pesquisa. Segundo Camargo e Souza (2015, p. 04), essas torcidas atualmente “são chamadas de ‘livres’ e ‘alternativas’, numa reatualização da nomenclatura para incluir participantes outros, além de apenas homossexuais, na discussão do cenário futebolístico brasileiro”. Torcedores “livres de preconceito”.

As lacunas existentes e resistentes a essa temática justificam a relevância em problematizar o futebol e o torcer como espaços de vivência do lazer, cuja dominação masculina é evidenciada e valorizada. Todavia, durante o realinhamento da metodologia da pesquisa, a partir das indicações do trabalho de campo, foi verificada uma grande dificuldade em acionar os moderadores dos grupos de torcedores nas redes sociais, bem como conhecê-los, uma vez que justificavam a necessidade de seu anonimato por medo da violência e de ameaças realizadas por outros torcedores.

O contato com outros torcedores, assumidamente homossexuais, mas que não representam o seu coletivo, chamou muita atenção. O pertencimento clubístico, caracterizado pela identificação com o clube de futebol, consumo de seus produtos e

²⁴ Pensamos serem essas “estratégias sutis” corresponsáveis pela exoneração de tantos meninos da vivência lúdica do futebol ao serem confrontados por paradigmas essencialistas sobre o binarismo sexual e a inadequação de seus corpos às práticas esportivas, comumente, generalizadas nas escolas e outros espaços sociais.

²⁵ A pesquisa realizada por Rogério Junqueira, traz trechos de declarações de professoras das redes públicas de todo país, que participaram de formações continuadas, financiadas pelo MEC, no âmbito do programa Brasil Sem Homofobia, de 2005 a 2008.

acompanhamento da trajetória do clube, ajudou-nos a dar os contornos necessários ao objeto de pesquisa, a fim de responder a seguinte questão: Como o torcedor gay²⁶ se apropria do futebol, sendo este reconhecidamente um espaço heteronormativo e homofóbico?

O título do trabalho faz jus ao tema central a ser tratado na tese, ao partirmos da afirmativa de que há governamentos sobre a homossexualidade no futebol, em suas diversas manifestações na cultura brasileira, sendo a heteronormatividade de seus atores e a homofobia sobre os sujeitos dissidentes marcas incontestes de conservadorismo e preconceito nesse esporte.

O termo Pedagogia do armário foi cunhado por Morgade e Alonso (2008), que, no entanto, não o caracterizou. Coadunamos com Junqueira (2013, p. 481), ao compreendê-lo como “o conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos e diferenças que o currículo constrói sob a égide das normas de gênero e da matriz heterossexual”.

Aqui, daremos atenção aos torcedores gays e à suposta “clandestinidade” desses torcedores nos espaços de assistência ao futebol, privilegiando a vivência dos mesmos nos estádios da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Cabe esclarecer que o uso da expressão “torcedores homossexuais”, no título do trabalho, não faz referência a um novo torcedor ou ainda que se pretenda categorizá-los como tal, uma vez que o sentimento e pertencimento ao clube é o que concede a identidade torcedora a esses sujeitos.

1.1 Objetivos da Pesquisa

Os volteios entre enunciados históricos e narrativas de práticas sociais e culturais atribuídas ao Futebol e ao torcer permitem, antes de tudo, entendê-los como possibilidades inequívocas para o lazer.

²⁶ As expressões “torcedor homossexual” e “torcedor gay”, também em suas formas plurais, serão tratadas como sinônimas no corpo de toda a tese, referindo-se ao homem homossexual/gay. Preferimos tratá-los assim, uma vez que aparecerem nas referências bibliográficas, bem como na fala dos entrevistados as duas formas.

Nessa esteira, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como se configura o torcer de homens gays no âmbito de uma prática caracterizada como espaço de afirmação de uma masculinidade viril e hegemônica no futebol.

De maneira mais específica, pretendemos: (1) verificar como esses torcedores gays se apropriam deste espaço; e, a partir da compreensão desse cenário, (2) analisar os discursos produzidos por eles sobre a relação homossexualidade, homofobia e futebol.

1.2 Procedimentos Metodológicos

Cabe lembrar, como salienta Veiga Neto (2002, p. 31), que “o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos”. Nesse sentido, os caminhos trilhados nessa pesquisa pretendem dar visibilidade acadêmica aos torcedores gays e subsidiar estudos sobre futebol, torcida, gênero e sexualidade.

Gostaria de destacar as ideias de Meyer e Paraíso (2012, p. 15), por entender que “uma *metodologia* de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um como *fazer* [...]. Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de *formas* que sempre têm por base um *conteúdo*, uma perspectiva ou uma teoria.” Entretanto, esses caminhos, como no caso desse objeto, não são evidentes – muito esteve por vir – o que não permitiu ao pesquisador cristalizar seus procedimentos, técnicas, instrumentos, fontes e até mesmo os sujeitos de sua pesquisa. Neste sentido, esta pesquisa compreende uma metodologia pós-crítica, que é um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa, modo esse articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria teorização, “preferimos chamar de *produção* de informação – e de estratégias de descrição e análise” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

[...] a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa, no sentido usual do termo. [...] a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15)

De acordo com as autoras acima (2012, p. 20), uma das marcas mais importantes das pesquisas pós-críticas assenta no fato de que “o desenho metodológico de uma pesquisa não está (e nem poderia estar) fechado e decidido *a priori* e que não pode ser replicado do mesmo modo, por qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar”.

Esta empreitada requer um ziguezaguear no espaço entre o objeto de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar. Apesar de diferenças significativas existentes entre as correntes de pensamento, entre suas problemáticas e entre os/as autores/as que se filiam ou são filiados a elas, “são os efeitos combinados dessas correntes que chamamos teorias, abordagens ou pesquisas pós-críticas.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 17)

Dialogamos com autores e autoras cuja produção se insere nos Estudos Culturais, Queer e Feministas, para composição do arcabouço teórico utilizado na compreensão dos conceitos chave – gênero, sexualidade, masculinidades e homofobia –, bem como de trabalhos que têm constituído “um campo” de Estudos sobre Futebol, no Brasil – dando especial atenção aos temas ligados à “identidade” e ao “pertencimento clubístico”.

Para Goellner (2013, p. 34), os Estudos Culturais têm contribuído para “desestabilizar verdades preconcebidas e romper com os essencialismos.” Já o potencial do pensamento Queer é o de “minar concepções binárias de sexualidade e gênero ao invés de reforçá-las” (BROWN, 2013, p. 129). Por fim, o Feminismo pós-estruturalista “privilegia a discussão de gênero a partir de – ou com base em - abordagens que enfocam a centralidade da linguagem [...] como *lócus* de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder” (MEYER, 2013, p. 17-18).

Esta pesquisa assume uma natureza qualitativa na descrição e análise dos dados, cujo trabalho de campo fez uso de entrevista com torcedores. Foram, ainda, realizadas visitas aos estádios com observação.

De maneira simplificada, Gil (2008, p. 100) afirma que “a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano” [...] e “pode ser utilizada como procedimento científico. Neste sentido, o primeiro processo empírico da pesquisa se deu na familiarização com os estádios de futebol,

visto que, inicialmente, era importante saber quais os sons, os cheiros, os gostos, o que se vê e quais tessituras coexistem nos estádios de futebol em Belo Horizonte, uma vez que eu desconhecia esses espaços, por minha origem e criação no interior do Estado de Minas Gerais.

Para isso, de maneira assistemática, foram feitas dez visitas ao estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) e sete visitas ao estádio Raimundo Sampaio (Independência), ambos na cidade de Belo Horizonte, em jogos das principais equipes mineiras, considerando a participação destas em grandes competições profissionais, a nível nacional e internacional: Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube.

Essa primeira aproximação se deu no ano de 2014 e 2015, quando o GEFuT realizava uma pesquisa trienal²⁷ (iniciada em 2013) sobre a percepção dos torcedores sobre o novo estádio Mineirão, considerando as “melhorias” realizadas em longa reforma para atender aos jogos da Copa do Mundo FIFA, em 2014, realizados em Belo Horizonte e sediados nesse estádio. O trabalho de coleta de dados consistia na aplicação de um formulário, respondido pelos torcedores que estavam dentro do estádio, até 30 minutos antes do início da partida. Nessa ocasião, além de conversar com os torcedores sobre suas experiências anteriores à reforma e sua percepção sobre o estádio e demais torcedores, foi possível observar livremente²⁸ as arquibancadas, o campo de jogo, os espaços de circulação (banheiros, corredores, bares, portaria de acesso e saída) do estádio. Como o estádio Mineirão recebia – e ainda recebe - os jogos de mando do Cruzeiro, durante esse período foram observados, quase que exclusivamente, os jogos desta equipe.

Já em 2016, finalizada a pesquisa do GEFuT, a observação se deu com um roteiro prévio de observação (Apêndice A), considerando, nos itinerários do campo²⁹, apenas o que convergia para os objetivos dessa pesquisa. A partir do ano de 2016, também foram observados os jogos do Atlético Mineiro, no estádio Independência, onde o clube

²⁷ Os dados da pesquisa “Percepção dos torcedores sobre o novo Mineirão” ainda estão em processo de análise para publicação.

²⁸ Esse primeiro momento da observação assistemática foi importante para o reconhecimento e naturalização do comportamento torcedor na cidade de Belo Horizonte, excepcionalmente, no estádio Mineirão.

²⁹ Chamamos de itinerários de campo os trajetos que correspondiam à observação sistemática, descritos pela(o) ida/acesso/permanência/saída/retorno no(do) estádio.

“mandou” a maioria dos seus jogos. Interessava-nos observar em cada ida a campo: (1) em que contexto geral acontecia o jogo; (2) se era possível observar cenas de homofobia no estádio; (3) se era possível observar cenas de carinho e homoafetividade entre os sujeitos presentes - nas arquibancadas, banheiros, no campo, nos bares, entrada do estádio, desde a vinda para o estádio, e saída, até a ida para casa; (4) se foi possível observar comentários, acessórios (como: faixas no estádio, vestimentas, objetos) e comportamentos atípicos entre os torcedores com relação às questões de gênero e sexualidade.

O papel da observação para o trabalho de campo justifica-se pela necessidade de sustentação ou refutação do imaginário homofóbico sobre os estádios de futebol, alinhando o contexto observado com o referencial teórico e com o discurso dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. Ainda que sob inspiração etnográfica e presente em parte da tese, esse instrumento serviu, sobretudo, para que pudéssemos ver materializado alguns dos discursos produzidos sobre o torcer no futebol.

Os registros foram salvos em gravador de áudio durante as observações e posteriormente foram transcritos em diário de campo, de forma descritiva, para compreensão analítica dos dados. As observações continuaram até o fim de 2017.

A etapa das entrevistas se deu por conveniência, com roteiro semiestruturado (Apêndice B), cuja amostragem foi composta por sujeitos do gênero masculino³⁰, autodeclarados gays e que se reconhecem torcedores de futebol (aqueles que vão ao estádio, que assistem com regularidade aos jogos em outros espaços, que consomem os produtos do clube, que demonstram identificação com um time de futebol), procurando identificar nos discursos a relação que eles estabelecem com a lógica do futebol dentro da dinâmica social contemporânea.

Como ressalta Jeffrey Weeks (2013, p. 69), “dizer sou ‘gay’ ou ‘eu sou lésbica’ significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes.” Aqui nos interessa investir na identidade e não no comportamento sexual que, como esclarece Weeks, trata-se de

³⁰ Vale esclarecer que nesta pesquisa foram entrevistados apenas homens cisgênero, ou seja, aqueles que se identificam ao gênero que lhes foi atribuído desde seu nascimento.

coisas diferentes. O primeiro argumentado pela “aceitação de uma posição social particular e organizado senso de si”, e o segundo por “sentimentos e desejos sexuais”.³¹

A amostragem nesta etapa da pesquisa foi definida a partir da técnica Snowball Sampling³² utilizada em pesquisas sociais onde os pesquisados iniciais de um estudo indicam novos sujeitos que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto.

Foi realizada entrevista piloto com um torcedor cujo perfil atendia aos critérios de inclusão e participação da amostra, embora não declarasse muita experiência nos estádios. O importante nesse momento foi verificar a clareza e imparcialidade das perguntas, considerando que “as questões devem ser elaboradas de forma a possibilitar que sua leitura pelo entrevistador e entendimento pelo entrevistado ocorram sem maiores dificuldades” (GIL, 2008, p. 108).

Foram entrevistados 15 (quinze) torcedores, sendo eles de perfil heterogêneo. Durante a apresentação dos trechos das entrevistas, por questões éticas relativas à preservação do anonimato desses sujeitos, eles foram organizados da seguinte maneira: A letra “T” representa o sujeito torcedor, as letras “A” ou “C” indicam a vinculação clubística e os números de 01 a 15 representam uma ordem de referência. Por exemplo: TA01 (Torcedor do Atlético 01) e TC03 (Torcedor do Cruzeiro 03).

O contato com estes torcedores foi feito por intermédio de outros sujeitos que, conhecendo a proposta da pesquisa, promoveram meu acesso a esses torcedores. Esses mediadores, comumente, exclamavam com animação ao se recordar de um potencial “amigo” a ser entrevistado – algo como: “*nossa eu tenho um amigo que é doido pelo cruzeiro/atlético!*” Talvez, isso corresponda a uma prática incomum para o público gay, haja vista a invisibilidade de homens gays nos diferentes lugares do futebol.

³¹ Essa diferenciação é importante, uma vez que certamente representa a singularidade de todos os entrevistados nesta pesquisa. Fato é que muitos homens, embora se relacionem com outros homens, não se identificam como gays. Isso ocorreu com um dos torcedores abordados por mim que, mesmo conhecida sua experiência sexual com outros homens, garantiu: “- Sou de boa. Não sou gay”!

³² Técnica bola de neve proposta por Velasco e Días de Rada (1997).

Quadro 01: Dados Gerais dos participantes da pesquisa

Idade	Cidade de origem	Time que torce	Torcida organizada?	Escolaridade	Cor que considera	Estado civil
25	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Ens. Médio Completo	Branco	Solteiro
40	Belo Horizonte	Atlético	Não	Superior Completo	Pardo	Solteiro
49	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Superior Completo	Branco	Solteiro
26	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Superior Completo	Branco	Solteiro
29	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Superior Incompleto	Negro	Solteiro
32	Belo Horizonte	Atlético	Não	Superior Completo	Branco	Solteiro
38	Belo Horizonte	Atlético	Não	Pós-graduação	Moreno escuro	Casado
32	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Superior Incompleto	Pardo	Solteiro
30	Belo Horizonte	Cruzeiro	Não	Especialização	Branco	Solteiro
24	Belo Horizonte	Atlético	Sim. Força Jovem	Superior Completo	Negro	Solteiro
29	Belo Horizonte	Atlético	Não	Superior Completo	Negro	Solteiro
45	Belo Horizonte	Atlético	Não	Pós-graduação	Branco	Divorciado
29	Belo Horizonte	Atlético	Já participou	Ens. Médio Completo	Pardo	Solteiro
25	Belo Horizonte	Atlético	Não	Ens. Médio Completo	Negro	Solteiro
35	Belo Horizonte	Atlético	Não	Superior Completo	Negro	Casado

Fonte: Elaboração própria

Ainda que neste trabalho não seja nossa pretensão fazer uma análise do perfil desses torcedores, apresentamos um quadro geral dos sujeitos entrevistados, demonstrando a grande heterogeneidade discursiva que eles representam, considerando os lugares de fala que cada um assume. Embora uma reflexão interseccional seja possível, *a posteriori*, o que os homogeneízam (a identidade torcedora e a identidade sexual) atendeu aos critérios e pretensões da pesquisa.

Outros sujeitos contatados para entrevista (três no total) foram abordados pelo *Facebook* ou *Instagram*³³, uma vez que as paixões pelos clubes de futebol eram muito evidentes em suas páginas pessoais. Estes sujeitos, embora desconhecidos, fazem parte

³³ O *Facebook* é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da *Facebook Inc.* O *Instagram* é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

de minhas redes sociais e, considerando a existência de muitos amigos e conhecidos gays em minhas contas pessoais, fui instigado a questioná-los – usando desse expediente – quanto à relação que estabeleciam com o clube e, depois de apresentar um resumo da minha pesquisa, lhes arguia sobre a sua orientação sexual e, quando declaravam ser gays, os convidava a participar da pesquisa. Inquiri-los sobre a orientação sexual foi um tanto constrangedor. Talvez por sermos levados o tempo todo a acreditar que todo mundo é essencialmente heterossexual e que “duvidar” disso por meio de uma pergunta seja invasivo e ofensivo.

Além da entrevista piloto realizada, foram feitas mais 15 (quinze) entrevistas, sendo 09 (nove) com torcedores do Atlético e 06 (seis) com torcedores do Cruzeiro. A todos torcedores foi apresentado o TCLC (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que, depois de lido, foi assinado e disponibilizado via cópia virtual para o endereço de e-mail e/ou aplicativo telefônico informado por eles (ver Apêndice C). Também foi apresentado a todos os entrevistados o parecer do COEP (Comitê de Ética em Pesquisa), da Universidade Federal de Minas Gerais, que aprovou e autorizou a realização desta pesquisa, com o título inicial³⁴ “*Sobre futebol e barreiras: narrativas do torcer, pertencimento e clandestinidade(?)*” (ANEXO I).

As entrevistas foram realizadas durante o primeiro e segundo semestres de 2017 e as observações aconteceram, também, durante o referido ano, em eventos da Copa da Primeira Liga, Campeonato Mineiro, Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil com “mando” de campo dos clubes mineiros, na cidade de Belo Horizonte, além dos jogos internacionais da Copa Libertadores da América, mandados pelo Clube Atlético Mineiro³⁵.

Adotamos para o termo “sujeito” o sentido usado pela Análise do Discurso (AD) que, segundo Orlandi (2001, p. 99), “é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva)”.

³⁴ Projeto: CAAE – 57527916.6.0000.5149 – Disponível no Anexo I deste trabalho.

³⁵ O Cruzeiro Esporte Clube não participou da referida competição internacional no ano de 2017.

Para análise e discussão das entrevistas, utilizaremos a AD como categoria analítica, assumindo uma metodologia qualitativa no ordenamento e trato metodológico dessa investigação. A Análise de Discurso, em sua vertente francesa, nos permite, através de seu referencial, promover o desenlace das tramas discursivas presentes nos discursos dos atores desta pesquisa.

Para Orlandi (2001), um discurso aponta para outros que o sustentam, sendo parte de um processo discursivo mais amplo e sistematicamente contínuo. Desse modo, não há começo absoluto e nem ponto final, tendo todo dizer relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. Segundo Pêcheux (1997), um discurso é construído em decorrência das relações estabelecidas pelo seu autor, tendo em vista as coisas que já foram ditas, a posição que ocupa e a posição da pessoa a quem o discurso é dirigido e, assim, sucessivamente.

Considerando o futebol como uma instituição esportiva, as categorias analíticas serão produzidas a partir da ideia de “discursos constituintes”, proposta por Dominique Maingueneau (2006), situando os discursos produzidos pelos torcedores entrevistados dentro desse campo de análise, visto que os “discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade” (MAINGUENEAU, 2006, p. 35).

As bases teóricas que sustentam a reflexão sobre o gênero discursivo entrevista nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva sociodiscursiva³⁶, buscaram referências em Patrick Chareaudeau (2007), Dominique Maingueneau (2006) e Ruth Amossy (2016) para atender os objetivos supracitados anteriormente. A saber: 1. Como os entrevistados se apropriam do torcer pelos clubes; 2. Quais discursos são produzidos sobre a relação homossexualidade, homofobia e futebol.

Para tanto, buscamos reconhecer como a imagem de si é construída no discurso dos sujeitos entrevistados, entendendo que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” e que “o estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação

³⁶ Os enunciados “são determinados pela relação que o sujeito mantém com o mundo, por sua relação com seus valores e julgamentos. São estes últimos os responsáveis por contribuir com a formação dos saberes e crenças, consideradas por Chareaudeau como sociodiscursivas, em oposição ao caráter externo dos saberes de conhecimento” (LIMA, 2007, p. 148).

de sua pessoa” (AMOSSY, 2016, p. 09). A elaboração dessa noção de construção de uma imagem de si no discurso é pesquisada nos trabalhos de pragmática e de análise do discurso de Dominique Maingueneau (2016), sendo abordada como *ethos*³⁷.

De maneira operacional, foram organizados quadros de análise a partir do tema emergente em cada pergunta da entrevista, dando destaque aos implícitos (pressupostos e subtendidos ou inferências). “A inferência se distingue do pressuposto porque este está inscrito no enunciado, sendo um dado colocado como indiscutível, enquanto aquela é de responsabilidade do leitor/ouvinte” (MONNERAT, 2013, p. 223). Dito de outra forma,

Essas escolhas e marcas linguísticas, que a princípio podem não revelar com profundidade a “intenção” de seus locutores, nos dão margem para chegarmos ao que não foi dito com clareza, nos conduzem às informações implícitas, ou seja, àquelas que estão nos entremeios do discurso, as quais podem revelar muito, auxiliando inclusive na verificação de outros discursos que estão ali envolvidos em uma relação interdiscursiva. (TORRESAN; COSTA, 2010, p. 251-252)

³⁷ O conceito de *ethos* é empreendido nesse caso na visão Aristotélica e é entendido como “a imagem de si construída no discurso”. E a análise do *ethos* “como a construção de uma imagem de si correspondente à finalidade do discurso” (AMOSSY, 2016, p. 17-19)

2 CAPITULO I

2.1 Jogando com gênero, sexualidades e masculinidades

O trabalho investigativo e as reflexões que compõem esta tese vêm encorpar os estudos sobre gênero e sexualidade, com atenção especial a esta última, dentro do contexto esportivo do futebol, dialogando com autores e autoras cuja produção se insere nos Estudos Culturais, Queer e Feministas.

Mas por que falar sobre futebol e sexualidade, estando ele fortemente sedimentado em nossa sociedade? Cabe, inicialmente, assim como o faz Foucault (2008), questionar a premissa do estadista inglês Robert Walpole, que por tantas vezes e nos mais variados contextos é entoada - “*Quieta non movere*”³⁸.

O futebol está sedimentado sobre raízes profundas de preconceito e um clientelismo que favorece uma masculinidade hegemônica ainda valorizada em seu meio. É preciso dar visibilidade a esta questão e com isso dar materialidade e um lugar aos sujeitos ainda negligenciados na cena do futebol, sobretudo mulheres e homossexuais (e todos aqueles que são abjetos por fugirem das normas de gênero e sexualidade estabelecidas em nossa sociedade), bem como produzir saberes que promovam o reconhecimento e a legitimidade desses grupos também no universo esportivo. Aqui, daremos atenção especial à homossexualidade masculina no futebol atribuído aos homens, haja vista que uma série de outros trabalhos sobre o acesso e o papel das mulheres nesse esporte já vêm sendo produzida nos últimos anos³⁹.

Como salienta Junqueira (2009, p. 388), “muitos bem-pensantes preferem considerar a homossexualidade uma escolha privada a ser respeitada e vivida com discrição no silêncio doméstico.” Ou seja, uma sexualidade que caberia apenas ao domínio privado, que, como adverte o autor, “[...] equivale a dizer que, para ser ‘tolerada’, ela não deve

³⁸ Fragmento da aula do dia 10 de janeiro de 1979, cuja expressão foi traduzida por Foucault como “Não se deve tocar no que está quieto”. Presente na obra “O nascimento da Biopolítica”, publicada no Brasil pela editora Martins Fontes, 2008.

³⁹ As referências, a seguir, tratam de maneira central a participação de mulheres no futebol: FRANZINI (2003), GOELLNER (2005), MOURA (2005), MOREL e SALLES (2005), MOURÃO; MOREL (2005), CAMPOS (2010, 2012).

adquirir visibilidade pública, ser objeto de reconhecimento social, gerar direitos ou merecer a atenção do Estado.”⁴⁰

Tais discursos partem de uma visão heterocêntrica⁴¹ e binária de gênero, cujo ordenamento se dá pelo sexo, mais precisamente pelo órgão reprodutor, que classifica os sujeitos sob a referência genital como masculino ou feminino e que acaba por assimilar, nesse mesmo sentido, uma sexualidade que se complementa no sexo oposto.

De acordo com Scott (1995), acredita-se que o termo gênero fez sua aparição inicial entre as feministas americanas, a fim de enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. Isto é, como afirma Gayle Rubin (1993), a identidade de gênero não está no sexo!

Somente quando abandonamos a ideia de que nossa identidade de gênero e nossa sexualidade estão “isentos de marca cultural”, como sugere Judith Butler (1987), somos capazes de entender a clássica citação de Simone de Beauvoir (1980, p.09): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Foi importante que se contasse a história das mulheres (e não só dos homens) para que questões sobre as relações de dominação/submissão e direitos/deveres fossem trazidas à luz, deixando então a velha análise postulada na natureza das coisas.

Françoise Héritier (1996) nos provoca a refletir sobre as similaridades representacionais existentes nas sociedades tradicionais, pesquisadas por ela em seu trabalho etnográfico, e a nossa própria sociedade ocidental e dita “moderna”. Sobre as relações homens-mulheres, independente da sociedade observada, segundo essa mesma autora (1996, p. 18) é providencial “fazer compreender a existência e a profundidade das ancoragens simbólicas que passam despercebidas aos olhos das populações que as colocam em prática”.

⁴⁰ Esta forma de tolerância preconiza o reconhecimento social somente a heterossexuais, o que Daniel Borrillo (2010, p. 76-78) classifica como “homofobia liberal”.

⁴¹ A discussão promovida por Monique Wittig (1980) sobre “O pensamento Hétero” é inteligível para compreendermos a organização social e a valorização moral a partir da heterossexualidade. São esses ordenamentos que refletem o que aqui se nominou visão heterocêntrica.

Ao referir-se à construção social do gênero, Hérítier (1996) argumenta, através de outros trabalhos da antropologia,

que as categorias de gênero, as representações da pessoa sexuada, as repartições das tarefas, tais como as conhecemos nas sociedades ocidentais, não são fenômenos com valor universal geradas por uma natureza biológica comum, mas sim construções culturais. Com um mesmo “alfabeto” simbólico universal, preso nesta natureza biológica comum, cada sociedade elabora efetivamente “frases” culturais singulares e que lhe são próprias (HÉRITIER, 1996, p. 21).

Pensar as categorias de gênero por esse viés ajuda-nos a compreender como as diferenças estabelecidas entre masculino e feminino, a partir da distinção sexual, elegeu a genitália como traço definidor de papéis sociais sob a ótica anatomofisiológica da biologia. Embora as “frases” culturais que orientam as relações entre os sexos sejam escritas de maneira particular e característica para cada grupo social, estas são, sem dúvida, marcadores e classificadores sociais.

Moore (1997) apresenta o termo “natural” como recorrente e extremamente problemático nas discussões sobre gênero e sexo. Descreve as diferenças estabelecidas entre homens e mulheres na vida social como se fossem originárias da biologia. Ela propõe uma análise mais complexa para tradução de gênero para além da ordem biológica/natural.

Segundo essa mesma autora (1997, p.02), uma série de trabalhos realizados por antropólogas feministas nos anos 70 salientaram a importância da distinção entre sexo biológico e gênero. “A ideia de que os termos mulher e homem denotam construções culturais em vez de tipos naturais fora introduzida muito antes, por Margareth Mead, em *Sexo e temperamento* (1979), argumentando que existe uma considerável variabilidade cultural das definições de feminilidade e masculinidade.”

Essa abordagem foi ampliada e desenvolvida nos anos 70, e uma grande quantidade de novas específicas etnográficas a respeito da diversidade de sentidos assumidos pelas categorias “mulher” e “homem”, em diferentes contextos culturais, demonstra claramente que as diferenças biológicas entre os sexos não podem constituir uma base universal para definições sociais. (MOORE, 1997, p. 2)

Ou seja, as diferenças de gênero e as relações de gênero são culturalmente e historicamente variáveis. Não é possível universalizar tais termos. É importante pensar

sobre a lógica heterolinar e desconstruir a ideia de universalidade de sexo (orientação sexual) e gênero. Nesse sentido, Foucault (1979) e Butler (1987) contestam a ideia de um sexo pré-discursivo.

O conceito de gênero “funciona como organizador social e da cultura [...] e, assim, engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (MEYER, 2013, p. 18). “Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo” (MEYER, 2013, p. 18).

Como já mencionado, a palavra "sexo" chama atenção de que existe uma materialidade, o que não permite pensar apenas numa construção cultural, mas uma estrutura biológica a qual estão atribuídos uma série de significados.

O intercuro sexual e a reprodução humana não são somente processos fisiológicos, são também atividades sociais. A noção de sexo, assim como o conceito de gênero, é construída dentro de um conjunto de sentidos e práticas sociais: portanto, não pode ser um fato pré-social (YANAGISAKO; COLLIER *apud* MOORE, 1997, p. 4)

Segundo Scott (1995, p. 75), “com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, *gênero* tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens”.

“O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder.” Dessa maneira, “padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente, enraizado” (WEEKS, 2013, p. 56).

Uma análise sobre a história e representação da sexualidade, vai além dos condicionantes espaço e tempo, sendo fundamental assumi-la numa perspectiva interseccional. Segundo Weeks (2013, p. 58), “categorizações por classe e gênero fazem interseção com as de etnia e raça. Esse aspecto da sexualidade geralmente foi ignorado por historiadores/as e cientistas sociais até recentemente, mas ele é, todavia,

um elemento vital da história da sexualidade.” Ou seja, o conceito de gênero se “potencializa quando analisado em conjunto com outros atravessamentos identitários” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 249).

“Será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição mais aguda de ‘heterossexualidade’ como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir a ‘homossexualidade’, isto é, a forma ‘anormal’ de sexualidade” (WEEKS, 2013, p. 61). A compreensão sobre a naturalização da condição anormal do outro é inteligível nos termos apresentados por Junqueira (2013, p. 486), ao salientar que “a existência de um ‘nós normais’ não depende apenas da existência de uma ‘alteridade não normal’: é indispensável naturalizar a condição de marginalizado vivida pelo ‘outro’ para afirmar, confirmar e aprofundar o fosso entre os ‘normais’ e os ‘diferentes’”.

Parker (2013) atenta ao fato de que a sexualidade, compreendida como construção social, tem redirecionado grande parte da atenção da pesquisa antropológica e sociológica, nos últimos anos, não apenas para os sistemas que modelam nossa experiência sexual, mas também para as formas com que interpretamos e compreendemos essa experiência.

Essa visão da sexualidade e da atividade sexual tem, cada vez mais, focalizado a atenção da pesquisa sobre a natureza intersubjetiva dos significados sexuais – seu caráter compartilhado, coletivo, considerado não como propriedade de indivíduos isolados ou atomizados, mas de pessoas sociais integradas no contexto de culturas sexuais distintas e diversas. (PARKER, 2013, p.131-132)

Um desafio apresentado por esse autor consiste na necessidade de observar como gênero e sexualidade são frequentemente fundidos, tendo em vista as crenças populares ocidentais sobre a relação unidimensional entre sexo e gênero, obscurecendo a questão das relações de gênero dentro do tópico mais amplo da sexualidade.

O feminismo, combinado com o movimento dos direitos gays, “gerou formas alternativas de perceber e incorporar a sexualidade, bem como a coesão e o desejo políticos necessários para alterar as normas e os valores ocidentais sobre a sexualidade” (PARKER, 2013, p. 140).

Andres, Jaeger e Goellner (2015) apresentam um novo panorama para pesquisas sobre gênero no Brasil, a partir do fim da década de 1990, período em que as questões de gênero e sexualidade ganharam maior visibilidade e tiveram sua tematização bastante ampliada. Brito e Leite (2017) concordam com as autoras ao sinalizarem o significativo número de produções que abordam o tema, bem como a criação de grupos de trabalho (GT's) voltados para o debate sobre Gênero e Sexualidade, em eventos e entidades científicas.

Alguns termos são por vezes utilizados na escrita da tese como conceitos chave, por certo, fundamentais para compreensão integral deste trabalho de pesquisa. Para além do entendimento ampliado de gênero que, segundo Butler (2015, p. 27), é o “meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” – o que sustenta o binarismo clássico – coadunamos com o pensamento de Louro (2004, p. 25), que entende Gênero como a forma como as características sexuais são representadas ou valorizadas, de maneira que, “aquilo que se diz ou se pensa [...] que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico”.

A questão da sexualidade está atrelada a de gênero, mas não deve ser confundida com ela. A sexualidade envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais (WEEKS, 2013; ANJOS, 2015).

Alguns conceitos como identidade sexual e identidade de gênero, heteronormatividade, estigma, homofobia, homohysteria, masculinidades (entre outros) serão tratados a seguir, a fim de fomentar o uso destes termos em análises posteriores.

As identidades sexuais e de gênero “produzem-se em meio a arranjos dinâmicos de relações sociais e significados culturais. Elas podem ser mais ou menos duráveis, variando de caso a caso e, certamente, estão sujeitas a uma variedade de contingências e influências” (BRASIL, 2009, p. 133). Nossas identidades como homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, transexuais ou outras classificações “são produtos de

uma autodefinição que está longe de ser uma operação simples ou automaticamente derivada dos comportamentos, do desejo ou do organismo”. (BRASIL, 2009, p. 133)

A orientação sexual refere-se ao gênero das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Serão consideradas as classificações apresentadas no caderno de formação sobre “Gênero e diversidade na escola”, oferecido pelo Ministério da Educação.⁴² De acordo com esse documento, são reconhecidos três tipos de orientação sexual: heterossexualidade (atração afetiva, sexual e erótica por pessoas de outro gênero); homossexualidade (atração afetiva, sexual e erótica por pessoas do mesmo gênero); e bissexualidade (atração afetiva, sexual e erótica tanto por pessoas do mesmo gênero quanto pelo gênero oposto).

Ainda, segundo esse documento, “o termo ‘orientação sexual’ contrapõe-se a uma determinada noção de ‘opção sexual’, entendida como escolha deliberada e supostamente realizada de maneira autônoma pelo indivíduo, independente do contexto social em que se dá” (BRASIL, 2009, p. 124). Esta abordagem é, ainda, amplamente utilizada ao implicar julgamentos moral e religioso à homossexualidade.

“Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social.” Dessa maneira, é preciso entender que “a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa” (BRASIL, 2009, p. 124).

Camargo (2012) afirma que a homossexualidade (masculina ou feminina) declarada é tida como problema, uma vez que os espaços sociais são “heteroarquitetados”. Nesse sentido, uma série de “mecanismos heterorreguladores de objetivação, silenciamento (de conteúdos curriculares, práticas e sujeitos), dominação simbólica, normalização, ajustamento, marginalização e exclusão” (JUNQUEIRA, 2013, p. 484-485) são utilizados no contingenciamento dos corpos e dos hábitos em respeito à norma essencialista da heterossexualidade – a heteronormatividade.

⁴² (Cf.) BRASIL. Ministério da Educação. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

Partindo do conceito de Warner (1993), a heteronormatividade é entendida como a normatização da ordem social que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural, buscando controlar e regular a vida dos sujeitos, não apenas no que concerne à sua orientação sexual, como também na imposição de padrões de comportamentos atrelados a um suposto binarismo sexual.

A definição de Warner (1993) contempla, em outras palavras, os conceitos atribuídos à heteronormatividade presente nos trabalhos de Camargo (2012, 2014b, 2014c, 2014d, 2014e, 2014g, 2014h, 2017), Butler (2015), Bandeira e Seffner (2013), destacando a materialização dos corpos como “sexuados” e “generificados”, como dispositivos de saber-poder. Dito de outra forma, a “heteronormatividade é o processo que constrói socialmente privilégios à heterossexualidade, e o correlato entendimento binário de gênero, sobre a homossexualidade e apresentações de gênero não convencionais” (BROW, 2013, p. 126).

À orientação dos desejos para o sexo oposto de forma invariável é tratada por Rich (1999) como heterossexualidade compulsória, configurando-se como crivo diferencial para uma suposta normalidade, restringindo o espaço da sexualidade.

O pensamento e a atitude heteronormativa cerceiam homens e mulheres homossexuais de diferentes maneiras, no entanto, ambos carregam a marca comum do estigma impetrado a quem se revela defeituoso, anormal, abjeto, dissidente à orientação heterossexual. Para o sociólogo Gooffman (2013), *estigma* é o atributo social negativo associado ao desvio, que é incorporado à identidade deteriorada das pessoas e dos grupos discriminados em função de uma variedade de motivos, entre eles, os sexuais.

Esta heteronormatividade está na base da ordem social em que meninas e meninos são criadas/os e educadas/os; está no controle a que todas as pessoas são sujeitas no que diz respeito à sua identificação como homem ou como mulher. Enquanto as disposições coerentes em relação ao que é esperado do gênero masculino e do feminino são estimuladas e celebradas em meninos/as e adolescentes, as expressões divergentes desse padrão, assim como as amostras de afeto ou atração por pessoas do “mesmo sexo” são corrigidas. Esta ordem produz violência contra as/os jovens identificadas e identificados como gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros, que são constantemente advertidas/os de que a sociedade não respeitará suas “escolhas” (BRASIL, 2009, p. 125).

Os processos heteronormativos são acompanhados pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade em forma de atitudes, discursos e comportamentos abertamente homofóbicos. Para Daniel Borrillo (2010), essa ordem sexual caracteriza-se por uma constante objetificação da mulher – o sexismo – e uma hierarquia das sexualidades – heterossexismo – onde a heterossexualidade ocupa posição de superioridade e dominação em relação às mulheres e homossexuais. Nessa perspectiva, “a heterossexualidade aparece como o padrão para avaliar todas as outras sexualidades” (2010, p. 31).

Borrillo (2010, p. 30) ressalta o fato de que “a dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível, precisamente porque ela é apresentada pelo dominador e aceita pelo dominado como natural, inevitável e necessária.”

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas” (BORRILLO, 2010, p. 34).

Considerando o campo esportivo, Anderson (2005, p. 46) entende que a “homophobia in all these forms presents itself as resistance against the intrusion of a gay subculture within sports and serves as a way of maintaining the rigidity of orthodox masculinity and patriarchy.⁴³” Assim como Brien Pronger (1990, p. 198), considera a homofobia como “the fear of the allure of the homoerotic paradox and its concomitant destruction of the orthodox myth of gender and the knowledge about oneself that would bring⁴⁴”.

“A homofobia não só afeta quem manifesta uma expressão de gênero diferente da esperada – ou de quem se suspeita ter um desejo desviado, portanto, perigoso – mas também a todos os meninos, meninas e jovens que sofrem o terror de serem acusados de homossexuais” (BRASIL, 2009, p. 152). Esse regime de controle da conduta sexual e de

⁴³ “A homofobia, em todas essas formas, apresenta-se como resistência contra a instrumentalização de uma subcultura gay dentro do esporte e serve como forma de manter a rigidez da masculinidade e do patriarcado ortodoxos”. [Tradução nossa]

⁴⁴ “O medo do fascínio do paradoxo homoerótico e sua concomitante destruição do mito ortodoxo de gênero e o conhecimento sobre si mesmo que traria”. [Tradução nossa]

adaptação aos padrões de gênero dominantes, instaurado por ela, e presente na formação de todas e todos serve de parâmetro para dizer quais masculinidades são esperadas nos diferentes contextos sociais.

Essa perspectiva faz emergir outro conceito importante para esse trabalho: a “*homohysteria*”. A *homohysteria* é um conceito central nos trabalhos de Anderson (2009, 2011) e é usado “the term homohysteria to describe the fear of being homosexualized.[...] This creates a need for men to publicly align their social identities with heterosexuality (compulsory heterosexuality) in order to avoid homosexual suspicion.”⁴⁵(ANDERSON, 2011, p. 87)

A homofobia tem estreita relação com a *homohysteria*, uma vez que Anderson (2009, 2011) e McCormac e Anderson (2014) consideram a *homohysteria* como uma espécie de pânico moral diante da dúvida ou associação da sexualidade dos sujeitos à homossexualidade, o que os motiva, então, a assumir práticas de violência simbólica e dominação sobre mulheres e principalmente sobre as masculinidades subordinadas, de maneira sexista e homofóbica.

O fragmento abaixo é preciso ao exemplificar as formas de negação típicas da *homohysteria* cunhada por Anderson (2009, 2011). Embora não se referisse a esse termo, Louro, já no ano 2000, fez a seguinte incursão, refletindo sobre “corpo, escola e identidade”, no contexto das aulas de Educação Física.

Parece necessário exorcizar, de algum modo, qualquer sugestão ou indício de atração por alguém do mesmo sexo. A suspeita desse desejo entre meninos e homens é especialmente assustadora. A masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade. Tomar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. Os corpos dos garotos devem proclamar sua rejeição a qualquer traço de homossexualidade. Seus corpos também não podem sugerir nada de feminino. (LOURO, 2000, p. 69-70)

⁴⁵ O termo homoesteria é usado para descrever o medo de ser homossexualizado “[...] Isso cria uma necessidade de os homens alinharem publicamente suas identidades sociais com a heterossexualidade (heterossexualidade compulsória), a fim de evitar a suspeita de ser homossexual.”

Alguns adjetivos acompanham a pluralidade de conceitos e práticas atribuídas à masculinidade: hegemônica, ortodoxa, inclusiva [...], ou seja, ao longo dos últimos anos, há mais de duas décadas, foi formulado o conceito de masculinidade hegemônica que, segundo Connell e Messerschmidt (2013), influenciou o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social, possibilitando uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens (estudos de masculinidade e estudos críticos dos homens), ansiedades populares, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero.

A socióloga australiana Connel⁴⁶, na obra *Masculinities* (1995), foi a primeira a apresentar o conceito de masculinidade hegemônica, cujo fundamento continua a ser “a combinação da pluralidade das masculinidades e hierarquia entre masculinidades. Essa ideia básica se manteve firme nos últimos 20 anos de experiência investigativa” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 162).

De acordo com Connell (1995, p. 77), a masculinidade hegemônica “can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women.”⁴⁷

Para Camargo (2013b, 2014f), Bandeira e Seffner (2013), Anderson (2005), Brito e Leite (2017), a masculinidade hegemônica é relacional e faz do “homem tradicional” seu pilar de sustentação, exercendo hierarquia sobre os outros sujeitos, considerando a relação móvel entre as classes sociais. “Para a autora [Conneell], a masculinidade hegemônica se encontra em posição dominante na estrutura hierárquica das relações de gênero, compostas também, de modo subalterno, pelas mulheres e por masculinidades tidas como inferiores” (BRITO; LEITE, 2017, p. 09).

⁴⁶ A socióloga Raewyn Connell é uma mulher trans e antes de sua transição (trangenitalização) assinava suas publicações como Robert Willian Connell. Por esse motivo é comum encontrar em seus primeiros escritos a autoria de Robert. W. Connell.

⁴⁷ “pode ser definida como a configuração da prática de gênero que incorpora a resposta hoje aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é tomada para garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.” [tradução nossa]

Revisitando o conceito de masculinidade hegemônica, Connell e Messerschmidt (2013) chamam atenção para o fato de que as masculinidades podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. Segundo eles (2013, p. 248), “um corpo considerável de pesquisas mostra que as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si, mas também sujeitas a mudanças. Desafios à hegemonia são comuns, e o são também os ajustes em face desses desafios.”

O *status* hegemônico regional tem as definições masculinas prescritas em seu grupo de pares. É interessante visualizar como isso acontece, por exemplo, nos estádios de futebol e no comportamento dos torcedores. Para Connell e Messerschmidt (2013), nesse e em outros espaços, por exemplo, os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando for desejável e podem distanciar-se estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros contextos.

Observa-se a possível flexibilização da masculinidade hegemônica, tratada por Anderson (2005, 2009) como “masculinidade inclusiva” e por Demetrakis Demetriou (2001) como “hibridização”. As masculinidades inclusivas referem-se à mudança de posição, uma nova consciência heterossexual sobre sua ação em relação a homossexualidade, sem que esta ameace a sua identidade pública heterossexual. A hibridização está na apropriação de “partes e pedaços” dos estilos e das práticas de homens gays, a partir da visibilidade da masculinidade gay – tal visibilidade é recorrente em programas de televisão com a participação de personagens gays masculinos.

De acordo com Bandeira (2010, p. 342), não há um único tipo de masculinidade “[...] as identidades são fragmentadas, múltiplas e plurais, [de maneira que] um sujeito com vivências masculinas também é atravessado por outros marcadores identitários, tais como classe social, raça/etnia, geração, sexualidade e outros”.

Ainda que se fale em “crise da identidade masculina hegemônica”, para Camargo (2013b, p. 01), “a ortodoxia em respeito à masculinidade hegemônica (do homem branco, testosteronado e heterossexual) – tal como a feminilidade como seu complemento e contraponto – é tão presente no esporte, que se imagina anulada a existência de gays nesse espaço.” Mas, como nos lembra Anderson (2005), se há gays

(ou se imagina que existam) nas forças armadas, porque não haveria em outras instituições similares, como nos esportes.

Anderson (2009) nomeia a masculinidade ortodoxa como uma forma mais conservadora, construída em oposição à feminilidade e à homossexualidade. Aqui, a *homohysteria* é predominante entre os homens. Para ele, existem múltiplas masculinidades ortodoxas e inclusivas, cujo objetivo é afastar-se de um modelo fixo e polarizado na compreensão das masculinidades, evitando qualquer tipo de essencialização para elas. É importante ressaltar, como nos diz Anderson (2009), que quanto menor a *homohysteria* cultural, menor a homofobia e maior a inclusão social das formas de masculinidades subalternas à hegemônica.

No entanto, à medida que diminui a *homohysteria*, as estratificações da masculinidade tornam-se menos hierárquicas e uma gama mais ampla de masculinidades se valorizam. Como a *homohysteria* cultural diminui ainda mais, múltiplas formas de masculinidade podem existir com muito pouco policiamento de gênero.

As características atribuídas aos homens e às mulheres pelo sexo balizam a expectativa que se cria sobre eles no campo do futebol (como jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros e torcedores) de forma que, quase ritualizada, essa prática cultural, seu acesso ou sua recusa, se dão a partir da validação reconhecida da sexualidade desses agentes.

Os parágrafos a seguir nos ajudam a explicar melhor o emaranhado de sentidos que são atribuídos ao futebol na cultura brasileira, a construção da identidade viril de jogadores e torcedores - masculinidade hegemônica - associada a ele e a sustentação dos preconceitos que autorizam ou não a participação neste esporte.

2.2 Futebol e torcida como possibilidades de lazer

A partir da apresentação da fundamentação acerca do futebol e torcida como possibilidades de lazer, nesta seção, iniciamos a apresentação dos elementos temáticos que emergiram dos discursos dos entrevistados e compuseram o nosso quadro analítico.

A adequação do futebol, esporte inglês que desembarcou no Brasil em fins do século XIX, às características culturais do povo brasileiro explica o alto poder simbólico que esse esporte adquiriu ao longo dos tempos, passando a representar o povo brasileiro da mesma forma que fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval (DAÓLIO, 2000).

A perspectiva que conduz essa narrativa assume uma dimensão sociocultural nos processos de investigação do objeto demarcado pelo Futebol e suas interfaces, como o fazem vários autores brasileiros.⁴⁸ Damo (2002, p. 11), de forma metafórica, nos mostra como a vivência do futebol está atrelada à cultura do brincar e como ela constitui o modo de ser masculino, numa educação viril. Para ele, “o futebol cumpre a mesma função significativa do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino.” E conclui, “(...) em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu.”

DaMatta (1982) afirma que o futebol se constituiu em veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Afirma, ainda, que o futebol pode ser visto como “[...] uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida e, o que é melhor, recordada e revivida” (DAMATTA, 1982, p. 14).

De acordo com Rosa (2010), ao longo dos séculos XIX e XX, os processos de institucionalização e universalização do esporte, reconhecido aqui como fenômeno sociocultural, intensificaram-se com a formação de clubes e ligas esportivas expandindo-se para todos os estratos sociais e contextos geográficos.

Em relação à constituição do torcer no futebol brasileiro, segundo Souza Neto (2012), já nas primeiras décadas do século XX, começa a se configurar um novo comportamento do público em relação ao esporte bretão. Esse mesmo autor sinaliza a transição de uma assistência do futebol para uma relação de predileção pelos clubes e/ou times de futebol,

⁴⁸ Os trabalhos de Damatta (1982, 1994), Daólio (1997, 2000), Silva (2001), Damo (1998, 2002) e Toledo (2002) tratam o futebol numa perspectiva sociocultural e apresentam pesquisas ancoradas nas ciências humanas e sociais.

estabelecendo algum tipo de vinculação a eles - o que se traduz no torcer. Damo (1998) esclarece esse novo sentido atribuído ao futebol pelo sujeito torcedor ao dizer que torcer por um time assume contornos de uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos.

Assim, como aponta Silva *et al.* (2012, p. 23), entender e compreender que o torcer “representa uma real possibilidade de lazer” é pressuposto fundamental para fazer dessas manifestações culturais e dos sujeitos que ali estão, focos de investigação e pesquisa no campo das ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, as torcidas têm sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento. Dentre elas, as torcidas organizadas (TO's) aparecem como categoria muito rica em conteúdo e análises, tendo em vista a relação que essas estabelecem com os clubes e com os próprios participantes.

Sobre as TO's, Silva *et al.* (2012, p. 24) fazem a seguinte caracterização: as TO's “têm grande vinculação com o clube e são identificadas através dos uniformes dentro dos estádios, nasceram tendo como um dos objetivos a ideia dos clubes de uniformizar o torcer dentro das arquibancadas”. Para Toledo (2002), as primeiras formas coletivizadas de torcer surgiram durante as décadas de 1940 e 1950 e eram denominadas torcidas uniformizadas.

Embora o torcer surja com o advento do esporte e da modernidade, hoje em dia, podem ser observados comportamentos muitas vezes hostis que revelam, na linha do progresso que acompanha a transformação das cidades e os modos de vida, práticas de torcer pouco “civilizadas”. Algumas questões relativas a esse universo alocam-se no campo da violência, do sexismo, do preconceito racial e de um modo de torcer intolerante, revelando outras faces do torcer e trazendo à tona, para além da festa, outras questões de fórum sociológico, cultural e político.⁴⁹

⁴⁹ Gilmar Mascarenhas (2017, 2018) faz duras críticas à configuração dos novos estádios, hoje Arenas, chamando atenção para o fato de como a reorganização estrutural e espacial dos estádios, como equipamentos de lazer, tem conformado outros usos e formas de apropriação pelos torcedores. No entanto, esse autor discorre sobre a higienização destes espaços a serviço não mais do torcedor, mas do “consumidor”, sem considerar outras formas de exclusão que os antigos estádios já perpetuavam. Parafraçando Ferreira Gullar, afinal “por que considerar ‘excluídos’ aqueles que nunca estiveram de fato ‘incluídos’?”.

Silva *et al.* (2012, p. 45) destacam o fato de que “as torcidas são um objeto em constante transformação, que não se consolidam de maneira aleatória, mas em consonância com “porquês” e “como” que se relacionam diretamente ao perfil que possuem.”

Os estudos de Elias e Dunning (1992), Rosa (2010), Moura (2005) e Campos (2010, 2012) chamam atenção para a condição do esporte, mais detidamente do futebol, “como área reservada masculina”. Os dois últimos autores questionam o papel atribuído e assumido pelas mulheres brasileiras no futebol, o que representa, nessa elaboração teórica, o gatilho de um debate que dá corpo aos estudos sobre gênero, sexualidade e homofobia no futebol.

A participação das mulheres na história do futebol revela um doutrinamento para que elas se aproximassem ao máximo, sem destoar, do comportamento esperado pelos homens, o que se observa na banalização de um torcer, na contemporaneidade, marcado por palavrões e gestos obscenos que, no espaço da torcida são permitidos e até mesmo desejados, tornando-os “naturalizados”. Todos os torcedores entrevistados manifestaram conformismo diante dessas expressões e o trabalho de observação nos estádios Mineirão e Independência ratificaram essa percepção.

Isso fica ainda mais evidente quando, dentro dessa lógica, se relativiza a participação das mulheres no jogo de futebol por um atributo sexual que lhes aproxima da virilidade: sua orientação sexual representada pelo lesbianismo. Para Liotard (2003, p. 04),

o mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia. Se por um lado a presença de sapatas no esporte também desperta o mesmo pânico moral desencadeado pelas bichas, por outro a pressuposição de que, enquanto lésbicas, seriam também masculinizadas e viris, as tornaria mais aptas às práticas esportivas demandantes de virilidade.

Um dado relevante: embora não fizesse parte do roteiro da entrevista, os torcedores afirmaram perceber diferença no tratamento de homens e mulheres homossexuais frente aos demais torcedores de futebol. Elas estão ali, muitas vezes, com suas companheiras, nos espaços de assistência do futebol. Essa é uma seara potente a ser melhor

compreendida em futuros estudos que se detenham a essa temática. Os trechos abaixo evidenciam esse registro discursivo de alguns torcedores:

TA04 – *“Eu acho que mulheres lésbicas é mais aceitável, lésbicas torcedoras a gay torcedor. Eu já vi um casal de lésbicas no estádio e as pessoas agiram, assim, normal. Eu nunca vi um casal de gay de mão dada no estádio e não sei como as pessoas iriam reagir, sinceramente, eu não faço a mínima ideia. Mas eu acho que elas são mais aceitáveis nesse espaço. No futebol pra elas, digamos, têm esse privilégio, mas não sei o porquê.”*

TA12 – *“Existe uma coisa muito estranha porque se for uma pessoa gay mulher é totalmente aceitável. Porque na minha torcida tem lésbica [abaixou a voz ao se referir às mulheres lésbicas]. Aliás tem uma mulher que vai com a mulher dela, mas, igual eu disse, é diferente. A mulher é aceitável, pros homens ver duas mulheres é motivo de prazer. Agora ver dois caras é nojo.”*

TC15 também faz reflexão semelhante:

“Até mesmo pro lado de mulheres que tão ali dentro, às vezes, você sente essa é [...] tem uma aceitação maior quando se trata da, do homossexual feminino, ele pode até tá com trejeitos, mais nítidos com a roupa, vestimenta mais nítida que é uma lésbica, mas ainda é mais aceitável naquele ambiente, ali dentro do estádio, mas com o gay masculino não.”

As modalizações desses discursos revelam como padrões de normalidade, a tolerância e estereótipos sexuais estão fortemente marcados como dispositivos normativos de gênero e sexualidade.

Ferreira (2017, p. 142), no entanto, ressalta que “se a atitude lésbica chega a ser (apenas) tolerada, o comportamento homossexual masculino até hoje é utilizado como estratégia para desestabilizar e desqualificar o torcedor da equipe adversária, atingindo-o em cheio no seu próprio preconceito.”

De acordo com Miskolci (2007, p. 110-111), “certos pânicos morais marcaram não só a criação da homofobia contemporânea, como também moldaram a reação dos

movimentos sociais a essas estratégias de deslegitimação social de gays e lésbicas”. Cabe destacar, para maior inteligibilidade e reflexividade do tema central deste trabalho - sobre a presença de torcedores gays em espaços de resistência heterossexista e homofóbica no futebol – a premissa de que “os pânicos morais exprimem de forma culturalmente complexa as lutas sobre o que a coletividade considera legítimo em termos de comportamento e estilo de vida.”

Algumas pesquisas científicas cujas temáticas refletem o futebol como espaço heteronormativo⁵⁰ são expressivas, entretanto, quando se refere à presença de homossexuais no futebol - no campo ou na torcida -, ou mesmo sobre a homofobia⁵¹ neste esporte, poucos são os trabalhos realizados.

Um pressuposto tomado para nossas análises reclama ao futebol institucionalizado a responsabilidade por ainda preservar os códigos de masculinidade e os valores morais necessários à virilidade que, para além do vigor físico, tem a heterossexualidade como premissa indissociável. Soma-se a isso o que Pronger (1990), Bech (1997) e Anderson (2005) chamam de “capital masculino”, e que Camargo (2014f, p. 46) classifica como “a quantidade de características masculinas apropriadas pelos sujeitos na ‘condição de homem’, como ser ‘macho’, corajoso, destemido, varão, viril, e manter-se numa posição hierárquica sempre superior aos oponentes”.

O investimento no corpo e a subordinação das mulheres dentro da dinâmica do patriarcado são marcadores de uma masculinidade hegemônica fortemente cultuada em determinados contextos. De maneira geral, como destaca Sérgio Silva (2000), ser homem no século XIX significa não ser mulher (seu oposto) e jamais ser homossexual (seu inverso). Ainda no século XXI, em alguns grupos mais conservadores, é preservada essa representação virilizada da masculinidade.

⁵⁰ Segundo tradução de JUNQUEIRA (2007, p. 64) “consiste em um rico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle obsessivamente voltado a estabelecer e impor padrões normalizantes no que concerne à sexualidade e a tudo o que a ela, direta ou indiretamente dizer respeito”.

⁵¹ “[...] a palavra homofobia já circulava nos discursos populares e acadêmicos desde 1970, é somente em meados de 1990 que emerge como conceito central de análise em reflexões sobre o fenômeno esportivo, na produção científica da Educação Física Brasileira. Paulatinamente, autoras e autores deste campo de conhecimento passam a atentar-se para este encontro temático. Todavia, em comparação com outras discussões caras à Educação Física, elaborações sobre homofobia e esporte ainda são raras” (ROSA, 2008, p. 50).

Nos anos 1970, de acordo com Connell (1995, p. 187-188), o gênero dos homens era compreendido como o papel do sexo masculino. “Isso significa, essencialmente, um conjunto de atitudes e expectativas que definiam a masculinidade apropriada.” Entretanto, para essa mesma autora, “a masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero.” Como existem diferentes configurações de práticas nas diferentes ordens de gênero, tem sido oportuno falar de masculinidades – no plural. A história tem nos mostrado como certas práticas culturais têm conformado diferentes padrões de masculinidade, de acordo com os interesses vigentes – bélicos, esportivos, artísticos – e necessidades contextuais.

O fragmento a seguir, descrito por Vigarello (2013), ilustra o território esportivo como um desses espaços de resistência e formação de uma cultura sexista e de masculinidade modelar para o homem. Fazendo referência à afirmativa do Jornal Drop, o autor destaca: “_ o rugby é um esporte viril, uma mulher não tem espaço aí.” Daí, conclui que “[...] jogadores de equipes locais, também se afastam ostensivamente de toda influência feminina, constituindo blocos estritamente masculinos, multiplicando as festas entre homens” (VIGARELLO, 2013, p. 301).

Embora esse autor tenha elaborado tais afirmações no contexto da cultura francesa, tal cerceamento aqui se consuma de forma semelhantemente no futebol. Para ele (2013, p. 301),

[...] é impossível ignorar os pontos de resistência. A guerra esportiva é também um espaço particular: aquele onde as qualidades mais reiteradas do masculino pretendem, algumas vezes ainda, conservar um privilégio amplamente contestado em outros contextos [...]

Concordamos com Gastaldo (2005, p. 109), que afirma que “o mundo do futebol no Brasil continua a ser hegemonicamente um território masculino.” Isso, ainda nos dias de hoje, mesmo com o investimento anunciado, já em 2005, pelo autor, quanto ao notável crescimento da participação feminina no universo futebolístico, “manifesto não só na audiência midiática e nos estádios, mas mesmo dentro de campo, como no sucesso internacional conquistado pela seleção brasileira de futebol feminino”.

Ainda que alguns esportes – para nós o futebol – preservem aparatos simbólicos sobre a masculinidade hegemônica, há de se dizer que os padrões de virilidade são dinâmicos,

bem como os modelos utilizados para sua representação são mutáveis, por exemplo, a representação sobre o soldado do exército e a figura do pai de família. Concordamos com Baubérot (2013, p. 220), ao salientar que “a própria paternidade deixou de ser um indicador da virilidade, de um lado porque as sociedades ocidentais deixaram de separar simbolicamente sexualidade e procriação, de outro em razão da depreciação que sofreu a potência paterna”.

Retomando o espaço particular do futebol, a fotografia, a seguir, esboça os atributos esperados para um atleta de futebol já no início do século XX, no Brasil. De acordo com Vigarello (2013, p. 274), “todo desportista devia ter uma silhueta poderosa no início do século”, século XX, “[...] um corpo preciso responde a uma virilidade obrigatória.” (grifo nosso)

Figura 02 - Time de Futebol do Bangu (1904)



Fonte: O Globo⁵²

⁵²Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/historia/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx-10185713#ixzz4VPhZc9z1>> Acesso em 12 de dezembro de 2016.

Figura 03 – Time de Futebol do Atlético Mineiro, “Esquadrão Imortal” (1970-1971)



Fonte: Enciclopédia digital Imortais do Futebol.⁵³

Brandão (1996, p. 12) atenta ao fato de que “a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social: ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso é lugar privilegiado da ideologia”. O discurso do jornal *Drop* sobre o rúgbi e sua condição viril, e ainda sobre a negação à presença de mulheres nesse esporte coaduna com a lógica segregadora e de assimetria social naturalizada entre as formas de classificação e qualificação do gênero.

Entendendo a fotografia como linguagem e reconhecendo a existência de intencionalidade em seu discurso (não verbal), uma série de significados são produzidos pela imagem. Ao se referir às poses de esportista no início do século XX, Vigarello (2013, p. 273) chama atenção para o fato de que “a força deve ser vista, ou pelo menos imaginada, mesmo se o exercício não é *a priori* símbolo”. Nesse caso, mesmo não sendo um esporte de combate, os jogadores de futebol devem representar a força e a serenidade típicas do modelo de virilidade que representam e ao mesmo tempo afastarem-se do enquadramento representado pela feminilidade.

⁵³Disponível em <<https://www.imortaisdofutebol.com/2012/08/14/esquadrao-imortal-atletico-mg-1970-1971/>>Acesso em 12 de dezembro de 2016.

Creio que a representação da masculinidade hegemônica ainda seja bem atual para o contexto futebolístico no Brasil e em outros espaços cujo pensamento ortodoxo das representações de gênero e sexualidade ainda estão fortemente marcadas pelo binarismo biológico de gênero e consequente manutenção da homofobia retroalimentada pela *homohysteria* cultural.

Entretanto, considerando tais representações como processos sócio-históricos, Anderson (2009) tem apresentado algumas mudanças nos cenários observados por suas pesquisas contemporâneas⁵⁴ (contexto escolar e equipes esportivas de base nos Estados Unidos e no Reino Unido) no que diz respeito aos vários reflexos das “masculinidades inclusivas”, como ele tem nomeado, para os esportes. Ao referir-se à passagem de uma masculinidade ortodoxa para uma masculinidade mais inclusiva, Anderson (2009, p. 96) salienta que os homens “conversely, those ascribing to more inclusive versions of masculinity demonstrate emotional and physically homosocial proximity. They begin to blur the lines between masculinity and femininity⁵⁵”.

O trabalho realizado por John Ibson serviu de grande inspiração para a construção do conceito de masculinidade inclusiva, segundo o próprio Anderson (2009). Ibson descreveu a história dos relacionamentos dos homens de 1880 até a década de 1980, utilizando cerca de 5.000 imagens de homens.

⁵⁴ Esse dado é apontado por Eric Anderson (2009, p. 81) e faz referência aos estudos que basearam sua constatação. “Desde o início dos anos 90, tanto qualitativa (Barrett e Pollack 2005, Pascoe2005) e quantitativamente (Laumann *et al.*, 1994; Loftus, 2001; Widmer, Treas e Newcomb, 2002; Ohlander, Batalova e Treas, 2005; Yang, 1997) estudos demonstraram uma diminuição significativa da homofobia cultural e institucional dentro das culturas anglo-americanas.”

⁵⁵ “de modo inverso, aqueles que atribuem a versões mais inclusivas da masculinidade demonstram proximidade emocional e fisicamente homosocial. Eles começam a confundir as linhas entre masculinidade e feminilidade”. [Tradução nossa]

Figuras 04 e 05: Picture Courtesy of Professor John Ibson



Fonte: ANDERSON (2009, p. 84)

Anderson (2009, p. 83-84) relata que o trabalho de Ibson forneceu prova visual sobre o relacionamento entre *homohysteria* e a intimidade entre os homens, o que configurou a *homohysteria* como algo que “pode ser particularmente prejudicial para as relações emocionais entre homens heterossexuais”. A representação social sobre a homossexualidade em diferentes contextos espaço-temporais, segundo análise realizada por Ibson, demonstra desde a flexibilidade, irreverência e intimidade entre os membros de uma equipe, à fixidez, impessoalidade, respeito e retidão que deve emanar da imagem de cada um dos sujeitos na fotografia.

Interessante pensarmos sobre a construção da imagem masculina, sinônimo de robustez e virilidade atribuídas às masculinidades hegemônicas dentro do contexto esportivo. Dito isso, as imagens das equipes brasileiras (fig. 02 e 03) parecem obedecer a um mesmo protocolo, pois, embora representem temporalidades diferentes, falam de um dos lugares do futebol - o dos jogadores – onde, enfileirados, retos, com os braços cruzados sobre o peito, enfatizam o tônus muscular, o porte atlético e sua heterossexualidade compulsória.

Um dado curioso, observado por Anderson (2009) e traduzido por ele como masculinidade instantânea, está na produção da imagem. No caso da fotografia, o autor ressalta como o clima de descontração e intimidade é tantas vezes inibido pela pose efêmera, mas com sentidos enraizados tão profundamente em estereótipos.

Os exemplos tratados acima reforçam a afirmativa de Anderson, que ressalta o abandono da perspectiva universalista de masculinidade, assumindo uma outra eminentemente plural.

Sociologists recognize that there are various forms of masculinities found among differing cultures, and that there is no singular way of being masculine within any given culture. We recognize that, in response to social forces, the definitions of what it means to be masculine shift within the same culture—and that not all masculinities are treated equally in any culture. In her influential book *Masculinities* (1995), Connell gives an excellent discussion of the various and often competing forms of masculinities in Western cultures, especially in regard to understanding the operation of hegemony as it relates to masculinity⁵⁶ (ANDERSON, 2009, p. 30).

Diante do exposto, é possível inquirir como a construção de modelos de masculinidade tem edificado normas e padrões de comportamento para a masculinidade nos diferentes espaços de sociabilidade. No caso do futebol, como esses exemplos se ramificam e refletem na atitude e no discurso dos agentes que ali transitam, em especial, no torcedor?

Uma pista para essa resposta está na indiferença que os entrevistados manifestam quanto às brincadeiras jocosas sobre a sexualidade dos torcedores rivais e demais agentes do futebol, tratando esses episódios como algo próprio desse esporte.

TA12 - *Eu faço as brincadeiras também [risos]. - Seu viado, cê é bicha, não sei o quê. Eu faço as brincadeiras. É questão de emoção, de momento, ali. Cê quer falar alguma coisa. Eu me sinto bem. Quando você [...] que é apenas um xingamento, questão de emoção, ali, pra mim também não faz diferença. Até porque eu também faço. Eu xingo bastante.*

Para TA13, a atitude deve partir dos próprios gays, decidindo a participação ou não em tais brincadeiras, considerando as dificuldades que o próprio sujeito tem em lidar com sua sexualidade. Nas palavras de TA13, é “*estar bem resolvido*”. TA13 alerta sobre a

⁵⁶ “Os sociólogos reconhecem que existem várias formas de masculinidades encontradas entre diferentes culturas e que não existe um modo singular de ser masculino dentro de qualquer cultura. Reconhecemos que, em resposta às forças sociais, as definições do que significa ser mudança masculina dentro da mesma cultura - e que nem todas as masculinidades são tratadas igualmente em qualquer cultura. Em seu influente livro *Masculinities* (1995), Connell apresenta uma excelente discussão sobre as várias formas de masculinidade frequentemente concorrentes nas culturas ocidentais, especialmente no que diz respeito à compreensão da operação da hegemonia no que se refere à masculinidade”. [Tradução nossa]

necessidade de sublimar determinados incômodos para ter garantida essa vivência de lazer nos estádios de futebol.

Assumir-se⁵⁷ gay para a família deu a TA13 a “chave mestra” para entrar e sair de outros armários, como os estádios de futebol, sempre que assim for preciso. Ele atribui grande importância à família no seguinte trecho:

Na minha cabeça, assim como na cabeça de muitos que se dão bem em casa, que se dão bem com os pais, eu acho que ele [o gay] começa mesmo a viver, a se desprender dessa questão preconceituosa, que até mesmo a gente até então carrega, né, [pedindo aprovação] é quando conversa com os pais.

A banalização com que a violência homofóbica é tratada e “está diluída no cotidiano”, como atenta Trevisan (1998), é percebida por TA05, mas, por “*estar em todo lugar*”, segundo esse torcedor, o estádio apenas se configura como espaço de maior visibilidade dessa violência.

TA05 – *Eu nunca me senti des-con-for-tá-vel [fala pausadamente], vamos dizer assim, em estar num ambiente, seja no campo ou no bar, nunca me senti desconfortável por alguém estar agindo de forma homofóbica.*

Toledo (2002), entendendo que o esporte é capaz de constituir-se como espaço diferenciado, defende que a natureza dos comportamentos em uma partida de futebol é de ordem ritual, diferente de outras práticas sociais, de natureza cotidiana. O discurso de TA04 evidencia essa diferenciação:

No campo, eu já [...] meio que [...] não sei. Eu não sei te explicar o que acontece no campo. Parece que você entra num universo paralelo lá, que é tudo diferente da vida real.

⁵⁷ Para Rick Santos (2006, p. 21), “assumir responsabilidade pela identidade sexual de um indivíduo significa assumir responsabilidade pela identidade do sujeito, não somente por seus atos sexuais, mas também por tudo que faz parte de seu ser, pois a sexualidade afeta a maneira pelo qual o indivíduo experimenta e compreende sua identidade e seu lugar no mundo”.

Outro destaque feito por TC06, diz respeito às consequências da naturalização do comportamento preconceituoso presente na torcida e nos torcedores ao sublinhar a persistência desse tipo de violência nos estádios, ainda nos dias de hoje:

De uma certa forma, não incomoda muito por eu não ser tão[...] apegado. Não ter aquele, como eu mencionei antes, aquele fanatismo [...], mas, de uma certa forma, traz o incômodo porque destaca que isso ainda é muito presente, né? O preconceito ainda persiste nesse meio.

Ao referir-se ao seu comportamento menos “fanático”, TC06 dá aos deslizamentos, recorrentes nos discursos produzidos sobre o comportamento torcedor, a autoridade necessária para que eles se mantenham estabelecidos, sem que sejam questionados.

Por fim, a integração e a coletividade manifesta por TC10 demonstram a indiferença e a conformidade assumidas por esse torcedor quanto à perpetuação de certos hábitos, historicamente preservados, entre outros torcedores:

TC10 - Eu não ligo, até porque eu tô nesse meio.

Os parágrafos seguintes dão mais substância a nossa análise, quanto aos significados e as representações assumidas no campo futebolístico, a partir das enunciações descritas em alguns trabalhos contemporâneos sobre a temática aqui tratada.

Rodrigo Rosa (2010), ao narrar alguns episódios relativos à homofobia e ao futebol, nos dá algumas pistas quanto à produção de sentidos e espaço de exceção construídos nos estádios de futebol, sob o discurso homofóbico de torcedores.

Já é noite feita. Acabo de retornar do Estádio Moisés Lucarelli, casa da Associação Atlética Ponte Preta, equipe que há minutos atrás perdeu o jogo válido pela décima terceira rodada do Campeonato Paulista da série A1 de 2010. Perdeu para o São Paulo Futebol Clube, por 2 a 0. Fui ao jogo porque queria experienciar dividir o estádio de futebol com Richarlyson e outras milhares de pessoas, entre jogadores e trabalhadores do espetáculo e torcedores/as. Mas especialmente, queria estar com Richarlyson. Queria ver a Torcida Independente gritar os nomes dos componentes do São Paulo e ignorar o do suposto gay que os envergonha. Apesar de não conseguir discernir absolutamente tudo que a torcida entoava, estou seguro que não ouvi o nome dele. Lembro-me de gritarem pelo Rogério Ceni, pelo Dagoberto, Marcelinho Paraíba... mas nada de Richarlyson. Fui também para ver como se comportavam torcedores diante de um adversário que

escolheram ser gay e o que presenciei superou minhas expectativas. Além dos termos viado e bicha - com seus respectivos desdobramentos derivados dos mecanismos da língua que chamamos de aumentativos e diminutivos - serem os mais frequentemente emitidos, depois de filho-da-puta, nada movia mais os torcedores da Ponte do que tentar atingir Richarlyson com palavras. Quero dizer, ainda que todos os jogadores do São Paulo tenham sido alvejados por gritos de “Bambi!”, carga reservada aos que se contaminaram, por atuar naquele clube e por dividir campo, vestiário, folha de pagamento com um “suspeito”, o alvo preferencial, sem dúvida alguma, era Richarlyson. Por conta de sua suposta bichice, foram muitos os torcedores que se levantaram, agarraram a própria genitália e a ofereceram ao jogador. Não foram poucas as torcedoras que sugeriram que ele fosse fazer o que elas diziam ser o que ele mais gostava: dar o cu! Tampouco foram poucas as crianças, meninos na sua totalidade, que se esforçavam em desqualificá-lo, escolhendo agregar um “bichona” ao clássico “filho-da-puta”, incentivados e incentivadores dos pais e mães que urravam as mesmas frases. Aos meus olhos e ouvidos, as maravilhas do jogo sucumbiram ao horror do seu entorno (ROSA, 2010, p. 1-2).

O depoimento de Rosa (2010) apresenta indicativos de uma conduta naturalizada e banal, que constitui uma forma singularizada de torcer. Um “torcer viril”. Isso fica mais evidente quando Dunnig e Maguirre (1997) salientam que o esporte se tornou uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade.

Knijnik e Falcão-Defino (2010, p. 177) destacam como a pedagogia do esporte “vem ao longo da história estabelecendo relações diretas com a produção, reprodução, apresentação, representação e uma determinada forma padronizada de masculinidade”.

O futebol, como esporte nobre/burguês em suas origens e logo tornado popular, encampou valores sociais e morais, disseminados por inúmeras instituições sociais, que se fossilizaram: e estes eram brancos, masculinos e cristãos. Se as práticas esportivas eram realizadas apenas por homens, “naturalizou-se”, assim, que o futebol deveria ser masculino e, sobretudo, viril. Os efeitos (catastróficos) desta pressuposição lá do passado se fazem presentes ainda hoje, quando são identificados discursos e práticas corporais distintas das atreladas apenas ao restritivamente “masculino”. Daí sempre se depreendeu que corpos futebolísticos, que corriam, suavam e se sujavam nos gramados deveriam ser masculinos, grosseiros, rudes e tais adjetivações se projetavam de volta nas expectativas sociais sobre indivíduos praticantes, de futebol e também de esportes (CAMARGO, 2014b, p. 100).

Assumindo o futebol como fenômeno cultural e detentor de um poder simbólico, como definido por Daólio (2000), é possível inferir que esse esporte tem sido o espaço de validação da masculinidade e o nicho de preservação dos códigos e valores tradicionais dessa masculinidade para a cultura brasileira.

A preservação desses códigos e valores são incorporados ao discurso de TA05, TA04, TC03 e TA12. As enunciações desses torcedores, abaixo descritas, atestam o “esquecimento” da homossexualidade e a sintonia com o comportamento dos demais torcedores.

TA05 – *Pra te ser sincero, pra ser honesto com você, eu, na hora que eu estou, o sentimento que eu tenho, na hora que eu estou ali, seja num bar ou seja num campo, por um momento, eu até esqueço que eu sou gay, vamos dizer assim.*

TA04 – *Ah! É totalmente machista. Mas [conformismo] eu não sei se já foi meio que enraizado na gente, ne algumas pessoas, essa cultura do machismo que acaba que [...] quando cê ta lá no meio, às vezes, por um instante, até, você meio que esquece, assim, que você é gay, assim. Depois passa um tempo que eu saio que eu me dou conta, e tal.*

O “mas” indica uma oposição prática no discurso de TA04, diferentemente da reflexão que faz inicialmente sobre o estádio como espaço machista. Ele reforça a categoria do “torcedor mimético⁵⁸” e, embora reflita sobre as experiências nos estádios de futebol, rende-se ao seu ordenamento por já estar conformado a ele, sucumbindo aos valores e atitudes heteronormativos. Assim como anunciam fazer TC03 e TA12:

TC03 – *Eu vou pro estádio e esqueço da minha vida, eu esqueço. Esqueço de problema, esqueço [...] eu não tô pensando em nada.*

TA12 – *Eu sou gay... lá [no estádio], eu não mantenho na minha mente aquela questão de que eu tenho que lembrar que eu sou gay.*

Anderson (2005), Caudwell (2011), Eng (2006), Goellner (2013), Griffin (1998) e Pronger (1990) já denunciaram o esporte como uma das instituições mais eficazes na segregação de sexos e na manutenção do binarismo de gênero das sociedades modernas.

⁵⁸ Essa categoria emergiu na análise das entrevistas dos torcedores dessa pesquisa, sendo cunhada a partir do conceito de mimetismo, que será discutido *à posteriori*.

Ainda neste sentido, Moura (2005) atenta ao fato de que os esportes coletivos (nesse caso o futebol) são os últimos lugares em que os valores masculinos podem ainda ser investidos publicamente, legitimamente e sem vergonha, ou seja, foi o espaço social que sobrou para os homens referenciarem sua masculinidade.

Segundo Dunning e Maguire (1997, p. 345), “o esporte representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade”. Em relação ao campo futebolístico, Moura (2005, p.138) aponta para o fato da formação, determinação e manutenção dos papéis sexuais “acontecerem no seio familiar e na escola”. Acreditamos que essa correspondência se dá na assimetria de poder para além da ideia de papéis e é refletida em todos os espaços sociais.

Bandeira e Seffner (2013, p. 249) coadunam com esse pressuposto, ao descrever como se dá a associação dos gêneros com as instituições sociais, no caso do futebol, por exemplo, nas “construções de masculinidades”. E concluem que “ao aprender a jogar ou torcer não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados”.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino: como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural. Os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada (FRANZINI, 2003, p. 316).

Considerando o estádio como um importante lugar em que se produzem e reproduzem masculinidades, Bandeira e Seffner (2016, p. 986) atentam para o fato de que “algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas, inclusive deixando de ser consideradas violências, e sendo vistas como um exercício saudável, e no local apropriado, para expressão desses modos de masculinidade.”

Neste sentido, Bandeira (2012, p. 02) entende o futebol como “como um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo [...] produtor de marcas culturais e não como reproduzidor das mesmas”.

Bourdieu (2007, p. 197) apresenta o universo das práticas e dos espetáculos esportivos como “um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos”. Ampliando esse debate, Camargo e Souza (2015, p. 05) afirmam que “as práticas esportivas que condicionam a formação do futebol [...] foram historicamente constituídas no intuito de preservar certo *locus* que se baseava na figura dos atores envolvidos [...] na concepção do futebol como prática hegemonicamente masculina”. Assim, toda manifestação de sexualidade, aparentemente dissonante, é incoerente com esse espaço de sociabilidade.

Camargo (2013b, p. 01) dá força ao argumento de que “o esporte é uma instituição segregadora de gênero”, ao descrever algumas práticas ainda hoje corriqueiras, referindo-se as competições esportivas e festivais recreativos em escolas primárias e universidades, afirma que “é comum encontrarmos as divisões binárias por sexo: provas masculinas e provas femininas [...]”, conformando o que ele apresenta como “‘regra universal esportiva’, proclamada em nome das ‘condições objetivas de participação’”.

Dentro dessa lógica, seguindo as condições de participação no futebol, já se espera que “a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio [de futebol]; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros” (DAMO, 2005, p. 395). Evidentemente, como alerta Camargo (2017, p. 198), “os padrões normativos no esporte imperam não apenas nas questões referentes ao gênero, mas também em relação a orientações sexuais”. Nesta direção, atribuímos ao lugar dos “outros”, alvos de aversão, os homens homossexuais, uma vez que, “sendo o estádio de futebol um campo de construção da masculinidade, o ‘enfrentamento’ ao homossexual acaba sendo naturalizado” (BANDEIRA; SEFFNER, 2016, p. 992).

Segundo Junqueira (2013, p. 485), “embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais.” Isso se dá, entre outros governamentos, na generificação de práticas corporais, como processos formativos e de modelagem orientada para a educação dos corpos e dos significados atribuídos a eles. No contexto do esporte, na vivência do futebol nos estádios, esse

aprendizado constitui o que chamamos de educação para um torcer viril, atribuída tanto aos meninos/homens, quanto às meninas/mulheres.

Um exemplo dessa generificação está nas representações atribuídas aos esportes, bem como a outras atividades corporais, manifestas de forma lúdica ou sob outros objetivos. TC10 e TA05 ilustram esses quadros, ao refletirem sobre essa questão:

TC10 – [o futebol] é um esporte masculino assim como eles associam, por exemplo - o vôlei é um esporte feminino; ou de homens que não gostam de futebol, né!

TA05 – Agora, existe isso, futebol ser esporte de homem? Existe um esporte que é de homem, um esporte que é de gay, um esporte que é de mulher? Não existe isso mais, hoje. Hoje em dia, não existe nada mais em relação a isso. Todo mundo tem a livre escolha. Gosta do que quiser gostar e pronto.

Campos (2012), ao se dedicar à pesquisa sobre mulheres torcedoras, apresenta elementos que indicam essa educação para o torcer como uma educação paternalista. Referindo-se à participação dos homens na introdução das mulheres aos estádios de futebol, essa autora destaca que

Foram eles que abriram uma concessão para que suas mães, esposas, namoradas e filhas frequentassem esse local, desde que acompanhadas por eles. A entrada da mulher nesse espaço masculino não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade (CAMPOS, 2012, p. 173).

Sobre a relação pai-filha-futebol, esse mesmo estudo indica um doutrinamento nutrido pelos laços familiares, marcado pela admiração, pelo respeito ou por determinada forma de estabelecer vínculos afetivos com a figura paterna, que faz com que a imagem do pai e seus respectivos gostos sejam acolhidos por suas filhas torcedoras; “sua forma de pensar e agir tende a ser seguida, muitas vezes, sem questionamentos” (CAMPOS, 2012, p. 175).

Alguns reflexos dessa educação viril ficam explicitados no discurso de torcedoras, sujeitos da pesquisa desenvolvida por Campos (2012, p. 179).

[...] muitas torcedoras disseram que cantavam, pulavam e falavam palavrão. Fato que chamou a nossa atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos durante as falas em um contexto fora do estádio.

Vale observar que o ritual descrito se encaixa no que socialmente se convencionou reconhecer como espaço do masculino, onde esse tipo de comportamento, supostamente parte da catarse do torcedor, é banalizado e, por isso mesmo, esperado e permitido. Para Daólio (1997), o estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço.

Sobre a pedagogia dos estádios, os currículos de masculinidade e a educação viril que se ensina e se aprende nesses espaços, TA02 faz a seguinte reflexão, que, outrora, ficou muito evidenciada nas observações realizadas nos estádios Mineirão e Independência.

TA02: Se ele leva o filho, aí ele chega lá no estádio, às vezes ele pensa, ou não, de xingar por causa do filho. Mas muitas vezes o filho tá vendo todo mundo xingar, então o filho acaba aprendendo isso. Eu acredito que a maioria dos pais, não vejo eles falando assim: - Olha, tô xingando, mas não xinga não, viu? Eu vejo a maioria xingando junto. Então acaba que isso vai repassando e se torna um comportamento comum. - 'Ah, xingar no estádio é comum!' [...] vai copiando.

Considerando uma cultura de estádios de futebol, Bandeira (2010, p. 344) sugere ser necessário um processo “de aprendizagem para que os sujeitos possam ser introduzidos nessa cultura. [...] estar em um estádio de futebol significa passar por diferentes pedagogias. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir.” Inferimos que “o comportamento das crianças serve para ilustrar o fato de que as emoções clubísticas requerem uma modalidade de educação sentimental” (DAMO, 2005, p. 389).

Retomando as constatações de Campos (2012, p.179), uma das suas entrevistadas afirmou que “mulher não pode falar palavrão que é feio”. Entretanto, no ambiente da

torcida, esse comportamento “desviante” da conduta feminina encontra seu eixo: torna-se aceito, adequado, acolhido. Daí ser possível depreender a ocorrência de uma nova identidade. Não apenas da mulher, mas também da torcedora viril.

Sobre isso, Damo (2014, p. 25) atesta que “nos estádios [...] são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois, assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos”.

Um dos torcedores entrevistados, TA14, faz uma reflexão interessante e providencial para desconstrução da lógica particular de uma “ética dos estádios” e da banalização de comportamentos reprovados fora dali.

Eu acho que o estádio não é um lugar ‘aético’, que chego lá e posso ... [tom de deboche] Não, não é assim. Eu acho que o estádio do mesmo jeito que uma pessoa tida como civilizada vai no estádio, entre aspas, tem o direito de não ser ético, de xingar coisas que ela não xingaria fora do estádio, alguém que não é tão civilizado, entre aspas também, vai ao estádio e, por essa liberdade que o estádio dá, se sente no direito também de poder brigar com alguém, coisa que ele não faria fora. Brigar com alguém que talvez ele nem conheça, só porque está com uma camisa diferente.

Campos (2012, p. 181) também destaca o fato de que “o *lócus* do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher.” Poder-se-ia acrescentar, a essa ideia, a negação de pertencimento a todo aquele que não representa/assume o seu “devido papel”, o de um (a) torcedor (a) viril.

Outra enunciação apresentada por ROSA (2010, p. 59) converge com as inferências de uma educação moral atribuída ao futebol e sua função estruturante de ordem heteronormativa.

Em outro episódio, *Lampião*⁵⁹ revela uma manifestação da homofobia no meio esportivo em que o futebol aparece como prática com características curativas, capaz de livrar o sujeito e conseqüentemente o seu entorno, dos malefícios da homossexualidade e das efeminações. Em um breve texto publicado em 1978, o poeta Paulo Augusto revelava o drama que seu irmão caçula vinha enfrentando desde que a família interceptara cartas trocadas entre eles em que confidenciavam seus desejos e experiências homossexuais. Os familiares vinham obrigando o rapaz a cursar uma universidade que escolheram, trabalhar onde conseguiram encaixá-lo, jogar futebol e namorar com moças (“Uma história de família”, *Lampião*, n. 04, p. 16, 1978). A prática do futebol aparecia como penosa, para alguém que não a apreciava, porém mais do que um castigo, aquela obrigação permitia denotar a crença familiar de que tal prática masculinizaria o caçula e poderia contribuir para afastá-lo da homossexualidade. O futebol configurava-se como uma estratégia de heterossexualização, ao lado da escolha da profissão e do trabalho, como um método de blindagem contra o contágio da viadagem.

Esta última enunciação demonstra quanto o imaginário sobre o futebol e a representação que se tem sobre ele estão arraigados ao simbolismo de uma prática masculinizante – uma representação ortodoxa de masculinidade e capital masculino, o que, dessa forma, faz com que o torcer no futebol também o seja. Camargo (2012, p. 07) corrobora essa afirmação, ao considerar o futebol “como o esporte ‘mais masculino’ e heterocentrado do mundo esportivo”.

Corroboramos a ideia de Bandeira e Seffner (2013, p. 247), que definem o estádio de futebol como “um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades.

Quais espaços ocupam os homens homossexuais e aqueles que assumem identidades masculinas, diferentes da convencional, na cena do futebol? Nos parágrafos seguintes, daremos atenção especial à participação de homens gays em diferentes cenas do futebol. Os condicionantes mencionados acima sobre a participação das mulheres e a incontestante heterossexualidade dos demais torcedores dão indícios de uma relação complexa e tensa entre futebol, gênero e sexualidade.

⁵⁹*Lampião* foi um dos periódicos utilizados por Rodrigo Rosa em sua pesquisa de Mestrado. (Cf.) ROSA, Rodrigo Braga do. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. (Dissertação) Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física. Campinas, 2010.

2.3 O armário como possibilidade

“Por que o futebol brasileiro ainda está trancado no armário?”⁶⁰ Com esta chamada, a Revista VICE, na seção VICE Sports, trouxe esta questão para reflexão e rapidamente ocupou grande destaque nas redes sociais, alcançando, principalmente, grupos de torcedores envolvidos na luta contra a homofobia no futebol.

O texto da revista faz, na fluidez de sua narrativa, a descrição de uma série de episódios de preconceito e coerção a torcedores e jogadores que, de maneira dissidente, subverteram, com comportamentos e atos *enviadados*, o espaço do futebol, convencionalmente, heterossexual e de elenco másculo, forte e viril.

Para este momento, o episódio que municia esta reflexão se refere à expulsão do membro de uma grande torcida organizada, também ligado à diretoria da mesma - ao ser exposto pela ex-namorada envolver-se em um relacionamento com outro homem. Essa situação nos ajuda a refletir sobre a possibilidade do armário como mimetismo fundamental, porém regulador, para uma permanência despercebida daqueles sujeitos homens homossexuais ou que possuem identidades masculinas fora do convencional em meio aos demais torcedores. A analogia feita ao armário como possibilidade de refúgio da identidade gay, ocultada pelo laminar das portas desse mobiliário, nos ajuda a entender o acesso e a exceção, num trânsito que regula e é regulado por representações, a espaços de concessão e de negação.

Os estádios de futebol são espaços de produção e circulação de significados que ensinam formas de comportamentos adequados para os sujeitos que quiserem fazer parte deste espaço. Um dos "conteúdos" mais importantes desses ensinamentos se refere ao gênero. Os estádios de futebol no Brasil são um importante local da cultura para a formação de meninos e homens. Evidentemente, as meninas/mulheres também participam deste espaço. Porém, tenho a impressão de que suas feminilidades não estão em jogo nesse local (ao menos não com a mesma intensidade das masculinidades). Um dos mais importantes conteúdos das construções de gênero em nossa cultura é a sexualidade. Nos estádios ela aparece o tempo todo em diferentes expressões das torcidas, dos atletas e, eventualmente, até da imprensa. Existe uma constante necessidade de manifestação da heterossexualidade que se dá especialmente a partir dos xingamentos homofóbicos que podem ser ditos contra todo e qualquer ator do espetáculo: jogadores adversários, jogadores

⁶⁰ Último acesso em 05 de janeiro de 2017. Disponível em <https://www.vice.com/pt_br/article/homofobia-no-futebol>

da própria equipe, árbitros, profissionais da imprensa e, o alvo principal, o torcedor adversário (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2013, n.p).

Camargo e Souza (2015, p. 05) chamam atenção para o fato de que “as práticas esportivas [...] foram historicamente constituídas no intuito de preservar certo *locus* que se baseava na figura dos atores envolvidos diretamente e indiretamente na concepção do futebol como uma prática hegemônica masculina”. Isso concorre para que qualquer outro tipo de manifestação da sexualidade seja incoerente, fortalecendo estereótipos de que futebol é “coisa de macho”.

Haja vista que a discussão sobre gênero e esporte tem sido objeto de investigação de vários pesquisadores, nas mais diversas áreas do conhecimento, é possível ver revelado nos estudos sobre futebol, o pioneirismo de trabalhos sobre a participação das mulheres neste esporte, como jogadoras ou torcedoras. Tais pesquisas revelam o preconceito sofrido por elas em típicos retratos de sexismo presente nas quadras, campos, arquibancadas e outros espaços de assistência ao jogo, ainda nos dias de hoje.

Nessa mesma lógica que regula o transitar de torcedores e jogadores, bem como o seu pertencimento no campo do futebol, outras formas de masculinidade são indigestas, repreendidas e reguladas pelos “verdadeiros” torcedores - aqueles que têm na relação com o futebol o espaço necessário, apropriado e miticamente referendado como produtor de “*homens com agá maiúsculo*”, num governo que deve excluir, por essência, os que destoam e corrompem a ordem “natural” deste esporte.

Para Sedgwick (2007), o armário é uma estratégia importante e embora não represente uma proteção muito segura, garante uma permanência confortável aos sujeitos que dentro dele estão, pois lhes permite uma consonância com o outro, assumindo a representação que estes desejam ou esperam ver. É exatamente o que ocorre no episódio apresentado acima. Quando identificado sexualmente com os demais membros da torcida, o torcedor gay participa, mesmo que clandestinamente⁶¹, dos espaços e práticas de confluência da torcida organizada.

⁶¹ O uso do adjetivo *clandestino*, na escrita deste texto, pressupõe uma condição ilegítima do torcedor homossexual no futebol (em seus vários espaços e práticas), dentro de uma perspectiva heteronormativa de ser torcedor, condição necessária para pertencer ao grupo de torcedores, jogadores e demais agentes desse universo esportivo. O trabalho de campo pretendeu revelar como esses torcedores, mesmo que

Neste caso, a dúvida quanto à sexualidade do outro também representa uma condição favorável, desde que assim seja preservada, o que nos permite mensurar o distanciamento e os desdobramentos, mesmo que inicialmente inexpressivos entre a evidência e o fato em si - o que toma materialidade, o que se vê.

Como atenta Bento (2011), ao referir-se ao lugar do homossexual na cena social, “as subjetividades são organizadas a partir de um heteroterrorismo⁶² reiterado. E assim, o desejo de amor, pertencimento e acolhimento faz com que, na perspectiva da inclusão via assimilação, o silêncio e a invisibilidade sejam as respostas possíveis ao heteroterrorismo”.

Em 2010, em entrevista ao jornal Estado de São Paulo, quando jogador do Santos Futebol Clube, Paulo Henrique Ganso fez a seguinte declaração: “Graças a Deus não tem gay no Santos. Em alguns clubes por aí têm, sim”. Interpelado pela colunista do jornal sobre a veracidade de sua afirmação, declarou o jogador: “Ué, porque eu trabalho lá e a gente sabe de tudo”.

Há muito tempo, boatos sobre homossexualidade no futebol vêm à tona e, como fogo em palha, queima ligeiramente, produz fumaça, mas não chega a aquecer o assunto sobre a ocorrência de gays em clubes do futebol brasileiro, ou ainda, promover o espaço para o debate sobre o preconceito entre torcedores, jogadores, dirigentes e outros sujeitos envolvidos no universo do futebol.

O encapsulamento de jogadores, dirigentes e técnicos, cada um no seu armário, se sustenta na eminente possibilidade de terem suas carreiras interrompidas precocemente, pela via do preconceito e da falta de oportunidades⁶³. Foi exatamente o que ocorreu com

clandestinamente, se apropriam do jogo, manifestam seu torcer e se relacionam com a cena evidentemente preconceituosa no futebol.

⁶² Segundo Bento (2011, p.552), “as reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso”! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada”.

⁶³ Em 2010, o caso do goleiro Jamerson Michel da Costa, mais conhecido como Méssi, da equipe do Palmeira de Goianinha (na época, time da segunda divisão do campeonato potiguar) ganhou destaque na imprensa esportiva, visto a curiosidade da manchete e um certo ineditismo da matéria. Assumidamente gay, Méssi expunha sua homossexualidade ainda que acreditasse em sua ascensão a equipes maiores;

o jogador estadunidense Robbie Rogers: atleta do Leeds United, clube do futebol inglês, que anunciou o encerramento da sua carreira aos 25 anos, em fevereiro de 2013, ao revelar-se homossexual.

Em entrevista, o jogador relatou os motivos de sua aposentadoria tão precoce⁶⁴, o que evidencia o preconceito como uma realidade que se repete em vários campos do futebol – nesse caso, no futebol inglês.

Ainda em março daquele ano, Rogers acertou sua volta para o futebol, defendendo o Los Angeles Galaxy. Embora a história de Rogers seja marcada pelo apoio de torcedores, colegas de equipe e do clube que atualmente defende, sair do armário representa, para muitos jogadores, a exposição de sua intimidade e, mais que isso, uma declarada indisposição com os torcedores de seu clube, pois afeta negativamente a imagem dos mesmos, numa disparada constante de xingamentos depreciativos por torcedores rivais e/ou por seu próprio grupo, cujo foco está na sexualidade homossexual como defeito do qual devam se envergonhar. É uma tentativa coletiva de ferir o orgulho e o simbolismo do clube.

Antes de Robbie Rogers, o jogador inglês Justin Fashanu amargou muitas derrotas em sua vida profissional no futebol e em sua vida pessoal. Embora talentoso, ao assumir-se homossexual, em 1990, viu seus companheiros de clube e seu irmão – também jogador de futebol, John Fashanu – reagirem mal à sua declaração, alegando que “gays não tinham espaço em um esporte de equipe”. Ainda que alguns o apoiassem, frequentemente, Justin era vítima de piadas e alvo de ofensas por sua orientação sexual.

desgostoso pelos xingamentos das torcidas adversárias e admirado pelos torcedores e colegas de trabalho do Palmeira, o jogador protagonizou uma cena incomum no futebol brasileiro. Último acesso em 05 de janeiro de 2017. Disponível em < <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/10/goleiro-assume-homossexualidade-e-enfrenta-preconceito-no-interior-do-rn.html> >

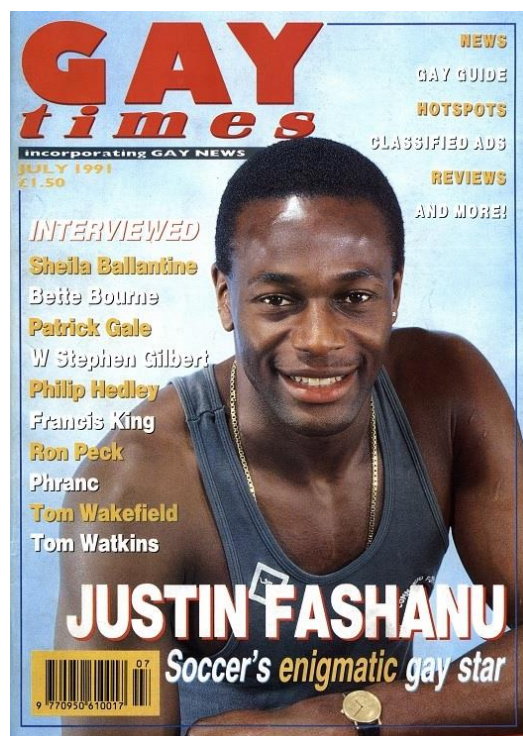
⁶⁴ “Durante 25 anos tive medo de que os julgamentos e a rejeição me afastassem dos meus sonhos e ambições. Medo que as pessoas amadas se afastassem se soubessem o meu segredo. A vida só é completa quando as pessoas amadas nos conhecem, quando sabem os teus verdadeiros sentimentos, quando te conhecem e amam. A vida é simples quando o segredo desaparece. (...) Foi-se a dor no estômago, a dor que evitava questões, de esconder um segredo tão profundo. Os segredos podem causar muitos danos internos. Tentem explicar às pessoas amadas, depois de 25 anos, que são homossexuais. Eu nunca esquecerei dos amigos que fiz e daqueles que me apoiaram. Agora é tempo de me afastar. Está na hora de eu me descobrir longe do futebol. Meu segredo acabou, sou um homem livre”. Último acesso em 17 de junho de 2015. Disponível em <<http://www.bonde.com.br/esportes/futebol/ex-selecao-assume-homossexualidade-e-deixa-o-futebol-261926.html>>

De 1990 a 1997, o jogador passou por equipes de baixa expressão no futebol inglês, tentando carreira fora do país e depois se lançando como técnico.

Em 1998, Justin Fashanu, foi acusado por um jovem de 17 anos de tê-lo agredido sexualmente. Embora não houvesse provas, - fato é - a imagem estigmatizada do gay, desde a invenção da homossexualidade, no fim do século XIX, foi associada a uma sexualidade desviada. Aplica-se a esse contexto, o que concluiu Miskolci (2007, p. 118), fazer “parte do imaginário societário a crença de que esses indivíduos são pura sexualidade, o que os levaria, de uma forma ou de outra, à promiscuidade ou a desenvolver práticas ilícitas como a pedofilia.”

Condenado por sua homossexualidade, ainda em maio de 1998, Justin foi encontrado morto enforcado.

Figura 06: Jogador inglês Justin Fashanu



"Me dei conta de que eu havia sido condenado. Não quero mais ser uma vergonha para meus amigos e minha família. (...) Espero que Jesus me dê boas vindas e que finalmente eu encontre a paz."

Fonte: Google Imagens

Outro jogador inglês amargou prejuízos à sua carreira por conta de boatos sobre sua sexualidade. Graeme Pierre Le Saux, embora casado e pai de dois filhos, tinha sua

sexualidade posta em xeque porque, segundo ele, não correspondia à imagem do típico jogador de futebol. No Brasil, o jogador Richarlyson, ainda em atividade, atravessa uma série de preconceitos e prejuízos à carreira profissional, ao ser classificado como homossexual. O jogador, repetidas vezes, foi hostilizado pelos torcedores dos clubes por onde passou ou que estivesse sendo negociado. Tanto Le Saux, quanto Richarlyson, em várias entrevistas à imprensa, negaram ser homossexuais.

Concordamos com Camargo (2013a, p. 03), quando afirma que

Não se trata de dizer se tal ou qual jogador é gay, bissexual ou se está ainda no closet. De um ponto de vista crítico, o universo esportivo precisaria ser reinventado em relação a tais temáticas e, além disso, o futebol e as outras modalidades esportivas não devem ser tomados como monoliticamente heterossexuais. Hipóteses especulativas e circunscritas sobre sexualidades individuais não levam a lugar algum.

Frente à suspeita de sua homossexualidade, durante as entrevistas realizadas com os torcedores desta pesquisa, onze, dos quinze torcedores, referiram-se ao jogador Richarlyson, ao mencionar casos de homofobia no futebol. Homofobia, entre aspas, visto que muitos, em outro momento, disseram não considerar o futebol homofóbico.

TA05 – *Oh! Pra te ser sincero, eu nunca reparei muito, muita homofobia nesses locais não. Até porque eu não reparo muito [...] igual eu te falei, até porque todas as pessoas que estão ali estão tão concentradas no futebol, na partida de futebol, que eu nunca vi, realmente. Pra ser sincero, eu nunca percebi isso não. Eu não concordo com isso. Eu já vi várias cenas de racismo que a gente presencia, vê pela tv. Eu já vi mais isso do que homofobia, pra te ser sincero. Eu nunca reparei isso mesmo não.*

Essa fala evidencia alguns silenciamentos e invisibilidades muito marcantes na cultura do futebol e mostra a importância da mídia para que elas sejam ouvidas e visibilizadas por todos. A leitura sobre o racismo, certamente, só o faz ser entendido como tal pela descrição legal e moral que o cerca, na experiência de TA05, diferentemente do espaço percebido por ele em relação a outras formas de preconceito. É notória a contradição no discurso desse torcedor ao quantificar a ocorrência de homofobia, sob sua percepção.

Em outro momento da entrevista com TA04, ele também atribui importância à participação da mídia no combate a homofobia em todos os espaços, inclusive nos estádios e no futebol.

Ainda sobre a negação da homofobia nos espaços de assistência, em especial nos estádios, TA12, que é integrante de torcida organizada do Atlético, afirma:

Eu não acredito nisso não, até porque o que eu conheço de homens gays que curtem futebol [...] é absurda a quantidade.

Resta saber se as referências anunciadas por TA12 (homens gays que curtem futebol) também escondem suas homossexualidades quando na presença de outros torcedores em campo.

Silva (2014, p. 93) atenta para o fato de que “muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas. [...] na medida em que sua repetida enunciação pode acabar produzindo o ‘fato’ que supostamente apenas deveria descrevê-lo.” Alguns exemplos disso podem ser observados no discurso de TA08, ao relativizar a existência de homofobia no futebol.

TA08 – Olha, é muito relativo se considerar totalmente homofóbico. Porque a maioria acha que futebol é coisa pra homem, que gay não joga futebol, que gay não gosta de futebol.

TA08 se vale de um discurso citado⁶⁵ e, embora busque ilustrar a existência de homens no futebol – homens que não se pareçam com gays - traz novamente a ideia de um terceiro sexo, o gay. Ou o sem lugar, como salienta Anjos (2015), em pesquisa realizada sobre um episódio de homofobia no cenário esportivo do voleibol.

Retomando os enunciados produzidos sobre o jogador Richarlyson, percebe-se que embora seja um atleta profissional muito premiado⁶⁶, com passagem pela seleção

⁶⁵ “O discurso citado trata dos diversos modos de representação, no discurso, de falas atribuídas a instâncias outras que não a do locutor” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 172)

⁶⁶ Richarlyson Barbosa Felisbino, mais conhecido como Richarlyson é natural da cidade de Natal- RN, nascido em 27 de dezembro de 1982. É um futebolista brasileiro que atua como volante, lateral-

brasileira, o fato de trazer em sua corporeidade uma atitude reconhecida como pouco viril e, portanto, reprovada pela torcida, faz dele alvo de inúmeras manifestações de cunho depreciativo à sexualidade, o que representa um comprometimento moral do jogador em prejuízo do clube, mas principalmente da torcida que este representa.

O jogador Richarlyson, em sua trajetória como profissional, amargou grandes problemas com as torcidas do clube que defendia e torcedores rivais, tendo seus projetos profissionais comprometidos pela rejeição de sua suposta homossexualidade, ainda que nunca declarada. Como podemos ver, a seguir:

TA01 – Eu não vejo nenhum jogador se assumir gay no futebol. Não sei se eu tô errado. Até hoje eu não vi ninguém. O Richarlyson, eu não sei se ele é. Porque teve uma entrevista lá, que tipo, eles perguntaram ele e ele não falou nada.

TC09 – Quando era o Richarlyson jogador, ele jogava no São Paulo, aí foi Cruzeiro e São Paulo, aqui no Mineirão, aí a torcida começou [...] a torcida do Cruzeiro começou a gritar, chamar o Richarlyson de boiola, viado.

TC03 – O Richarlyson, quanto tava no Atlético, era uma farrá pra torcida do Cruzeiro, aquilo. E não mudou, eu acho.

TC10 – O Richarlyson, já ouvi de outros jogadores, Wellington Paulista, tinha um que jogava aqui no Cruzeiro acho que era o Weverton, lateral esquerdo. Cê vê a galera falar que ele era gay.

TA05 – No próprio Atlético teve um jogador que todo mundo fala que ele é gay. O Richarlyson mesmo, né. Aí, eu já cansei de ver – ‘ah, esse Richarlyson é uma bicha. Ô viado, cê não tem que tá no Atlético não. Sai fora! Tira esse viado daí. Esse viado não joga bola. Tinha que ser gay mesmo.

esquerda e meia. Como jogador, coleciona títulos na categoria sub-20 pelo Esporte Clube Santo André (2003), campeão Paulista de Futebol pelo Ituano Futebol Clube (2002), campeão Mundial de Clubes FIFA (2005) e tricampeão do Campeonato Brasileiro pelo São Paulo Futebol Clube, Bicampeão do Campeonato Mineiro (2012 e 2013) e Campeão da Copa Libertadores da América (2013) pelo Clube Atlético Mineiro. Além de passagem pela seleção brasileira em 2008.

TA04 – *Ah! O Richarlyson é assumidamente gay. Ele teve tantos problemas quando ele era do São Paulo, depois quando ele veio pro Atlético. No Atlético, em si, ele não teve tanto, mas a torcida adversária pegava no pé dele. Agora que ele tá no [...] Guarani, eu vejo alguns comentários, assim, mesmo na internet. O pessoal zombando disso. O que me vem à cabeça principalmente é ele, assim.*

Os torcedores TC15 e TA14 trouxeram elementos diferentes dos demais, em seus enunciados, que correspondem diretamente às questões associadas a valores sociais que podem representar maior ou menor atitude homofóbica em nossa sociedade. TA15 relatou seu incômodo diante da acolhida do goleiro Bruno, condenado por crime de homicídio, e a rejeição sofrida por Richarlyson⁶⁷ nos diferentes clubes por onde passou.

TC15 – *Num episódio específico que me deixou muito incomodado como que as pessoas comportam em relação a isso foi do jogador Bruno que foi solto as pessoas foram lá aplaudir ele, levaram pra tirar foto, crianças pra tirar foto com ele, aplaudiram mesmo [indignação] à contratação dele e o outro jogador Richarlyson que foi pra um time e foi humilhado, foi é [...] zuado o tempo todo por ter [...] não sei se ele já assumiu ou não, mas, só dele ter trejeitos, né, de gay, então isso já foi [...] as pessoas preferiram aplaudir uma pessoa que foi condenada por assassinato da mãe do seu filho e desqualificar o outro por ter trejeitos ou por uma questão sexual que nada interfere no profissionalismo dele.*

É muito interessante a reflexão que TC15 faz sobre alguns valores que refletem e são refletidos na vida e no futebol, numa via circular, onde, diferente de Bruno, Richarlyson

⁶⁷ A entrevista realizada com muitos dos torcedores desta tese se deu num período em que dois casos foram muito repercutidos nas mídias televisiva e jornalística do Brasil, no ano de 2017. O primeiro deles tematiza os diferentes comportamentos e opiniões de torcedores sobre a contratação do goleiro Bruno Fernandes de Souza, que havia sido contratado pelo Boa Esporte Clube, para disputar a série “A”, do Campeonato Mineiro daquele ano, depois de conquistar *habeas corpus* e ser solto, por liminar do Superior Tribunal de Justiça – STF. Bruno já tinha passagem pelo Clube Atlético Mineiro (2004-2006) e Clube de Regatas do Flamengo (2006-2010) e havia sido condenado a 23 anos e três meses de prisão, em 2013, no “Caso Eliza Samudio”. O segundo, tematiza a recepção conturbada do jogador Richarlyson ao ser contratado pelo Guarani Futebol Clube, de Campinas, para reforçar a equipe “bugrina” na série “B”, do Campeonato Brasileiro. Antes da sua apresentação oficial ao clube, o estádio bugrino foi alvo de cinco bombas atiradas por dois torcedores não identificados. Também era sabida a rejeição por parte da diretoria do clube à contratação do jogador, embora as manchetes não tivessem esclarecido os motivos.

é rechaçado por “descumprir” os rigorosos padrões de virilidade, historicamente instituídos no futebol masculino.

Como TC15, TA14 narra uma situação semelhante:

TA14 – *Eu lembro direitinho quando o Richarlyson veio pro galo, veio ele e o Jobson, que tinha problema com drogas, tinha não, infelizmente tem, coitado, é [...] e aí eu lembro do comentário, e eu sempre fui fã do Richarlyson, independente de homossexualidade ou não, depois ele se perdeu, mas, antes, ele era um puta atleta, muito bom volante, como lateral também, é [...] aí [...] o cara falou assim – ‘A eu prefiro o Jobson que o [...] fiquei feliz com o Jobson vindo, né!’ [...]. “Prefiro o Jobson que o Richarlyson, porque o Jobson tem problema com droga, o Richarlyson vai pegar mal pra gente, a gente vai ser zuado por causa disso”.*

O trabalho desenvolvido por Pereira *et al.*⁶⁸ (2014) traz indicadores importantes acerca das “crenças sobre a natureza da homossexualidade e os princípios organizadores do preconceito homofóbico”. Segundo esse estudo, realizado com 184 jogadores e jogadoras de futebol e futsal, com idades variantes entre 16 e 41 anos, em Portugal, os esportistas com maior adesão às crenças de natureza ético-moral da homossexualidade exprimem mais atitude homofóbica. Já os que baseiam suas crenças sobre a homossexualidade em justificativas culturais têm atitudes menos homofóbicas.

Outro episódio que ilustra a reação da torcida e as implicações que o estigma gay imputou a Richarlyson foi noticiado pela revista *Veja*⁶⁹, já em janeiro de 2012, quando membros da torcida organizada Mancha Alviverde manifestaram com faixas, em frente ao portão da Academia de Futebol do Palmeiras Futebol Clube, seu preconceito declarado.

⁶⁸ Ver PEREIRA, Annylyse Santos Lira Soares; ALFAIA, André João Belacorça; SOUZA, Luana Elayne Cunha; LIMA, Tiago Jessé Souza. Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, 26 (3), 2014, p. 737-745.

⁶⁹ Disponível em <https://veja.abril.com.br/esporte/em-faixa-censurada-mancha-avisa-a-homofobia-veste-verde/>. Acesso em 16/06/2018.

Figura 07 – Manifestação da torcida Mancha Alviverde



Fonte: Revista Veja, 2018.

É possível observar, nos discursos dos sujeitos desta pesquisa, o uso recorrente de modalizadores discursivos, como marcadores argumentativos. Esses, como afirmam Castilho e Castilho (1993), são diferentes recursos linguísticos que estão a serviço de uma ação argumentativa: modos verbais, verbos auxiliares, adjetivos, advérbios, entre outros. Os enunciados de TA08, TA13 e TA14 referem-se, especificamente, à passagem do jogador Richarlyson pelo Atlético Mineiro, como jogador, mas assumem posições adversas quanto à relação estabelecida entre torcida e jogador.

TA08 – O Richarlyson apesar de não ter assumido no início e tudo [...] ele falou que, no Atlético, foi um dos lugares que ele menos sofreu preconceito. Mas, o último episódio aí agora, que ele foi apresentado no Guarani e jogaram bomba lá. Entendeu? [...] assim, um cara que é profissional, um cara que é dedicado no que ele faz, na camisa que ele veste. Entendeu? Eu acho isso assim foda, mas, mudar isso é muito complicado.

O “apesar” aparece como uma condição para o quadro positivo, representado por TA08, onde se depreende também a ocorrência, em maior ou menor medida, de preconceito contra o jogador, visto que o que o impele a dizer que este “sofreu menos” está balizado em suas referências como torcedor. Por fim, o torcedor mostra-se consternado pelo episódio ocorrido no Guarani, mas evidencia sua posição de desesperança quanto ao fim de atitudes como essa no futebol, manifestando uma posição favorável à diversidade,

desde que ela não represente uma política de diferença, nos termos propostos por Silva (2014) e Miskolci (2016), desordenando a heteronorma reinante nesse esporte.

TA08 – A mudança que eu acho foi é [...] o Richarlyson no Atlético e a aceitação da torcida. Porque, a torcida do Atlético querendo ou não tem a mania de diminuir a do Cruzeiro, nesse intuito de chamar de Maria, de bichinha. E quando o Richarlyson veio pro Atlético eles tiveram uma bala na agulha pra poder também zuar. Só que o atleticano nem importava. Queriam que ele jogasse bola. O que ele fizesse fora era problema dele.

TA13 e TA12 relatam ter presenciado comentários de outros membros de sua torcida sobre o desejo de que o jogador Richarlysson saísse do Atlético, visto que ele representava uma vergonha para o clube e munição para a jocosidade dos adversários.

TA13 – Tem o caso de quando o Richarlyson era jogador do Atlético Mineiro. Poxa vida! Como que, até dos próprios torcedores do Atlético, aquilo ali, apesar dele não ser [...] declarado, né. Publicamente. Porque tem muita gente que espera isso: - "Ah! O cara é uma pessoa pública".

TA12 – O jogador do Atlético mesmo, o Richarlysson, [...] o Atlético contratou é [...] ele não saiu do Atlético porque ele era gay, ele saiu do Atlético porque era um jogador que não tava sendo mais de utilidade para o clube. Mas, em nenhum momento a torcida do Atlético se pronunciou nem criticando, nem defendendo ele porque era gay. Simplesmente, tratou ele [Mas ele nunca se declarou gay.] ah, mas, sempre defendendo a causa, sempre defendendo a opção, né. Então é tipo isso, todo mundo via ele como isso.

Lembrando que TA12 é membro de uma torcida organizada do Atlético, vale ressaltar que ele não questiona a falta de posicionamento do clube sobre os comentários em relação à homossexualidade de Richarlyson e ainda lembra do episódio da camisa rosa⁷⁰. Não vê que não há neutralidade na posição do clube, que é estratégico não se

⁷⁰ Em março de 2010, o clube Atlético Mineiro e a fornecedora de material esportivo do clube, Topper, apresentaram a coleção de uniformes para a temporada, cuja camisa de treino chamou atenção e gerou uma pequena polêmica por ser produzida na cor rosa claro. A representação do rosa como cor pertencente ao contexto, tipicamente, feminino, para um grande grupo de pessoas e culturas, foi o que deu grande

posicionar diante de questões tão polêmicas, ainda mais quando tratam de tabus que devem ser mantidos trancados na esfera privada.

TA12 – O Atlético nunca se pronunciou nem defendendo e nem criticando e eu acho isso legal, porque, por aí, você já vê aceitação. Digamos que o Atlético seria o pai do Richarlyson, ali, e o atlético não se pronunciou, tratou ele como funcionário normal do clube sem diferença nenhum. É a questão, por exemplo, igual tem uma foto dele que saiu com o short bem levantado assim, o Atlético não se pronunciou, não proibiu ele de usar o uniforme da maneira como ele bem desejasse. O Atlético também não se pronunciou quando foi zuado pela questão da camisa rosa. Nunca se pronunciou falando ‘que isso não é coisa de gay’. Nunca tentou defender isso, entendeu? A causa. Então, eu não vejo que os clubes não aceitam isso não. Acho que é tranquilo.

Não se posicionar é tomar o lado do opressor. A omissão dos clubes reflete-se no posicionamento do atleta e da torcida. Afinal, o que é preciso para se valorizar um jogador de futebol?

Contrariando, em parte, essa experiência do futebol brasileiro, o trabalho produzido por Cashmore e Cleland (2011) utilizou pesquisas *on-line*, com torcedores britânicos, para investigar a perspectiva destes sobre a homossexualidade de jogadores e o impacto que o “*come out*”⁷¹ de jogadores profissionais teria sobre o esporte.

Baseado nas respostas de 3.500 participantes, a esmagadora maioria (93%) dos participantes no estudo opõem-se à homofobia e explicam o abuso homofóbico como brincadeira bem-humorada. Os participantes argumentaram que as habilidades do jogador seriam o único critério para o seu julgamento, sendo a sexualidade de pouca importância para suas avaliações. Embora poucos participantes encorajassem a saída

destaque à nova coleção. Alexandre Kalil, presidente do clube na época, ciente do sentido pejorativo que o uniforme poderia imbuir aos torcedores atleticanos, se adiantou em afirmar: "A camisa do Atlético é preta e branca. É um manto sagrado. Camisa rosa é para quem pode e quer usar. Eu uso, a torcida do Atlético vai usar porque em Minas somente a torcida do Galo pode usar uma camisa na cor rosa". Disponível em <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/estaduais/campeonato-mineiro/com-camisa-rosa-e-polemicas-atletico-mg-lanca-uniformes,fd53f1729453d310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html> Acesso em 17 de junho de 2018.

⁷¹ Essa expressão faz referência a atitude de assumir-se gay. Sua tradução literal seria “sair do armário”.

forçada, a maioria acolhe os jogadores abertamente gays, e afirma que o impacto dessa atitude seria transformador. Os participantes especulam que a ausência continuada de jogadores abertamente gays realmente reproduz os preconceitos aparentes. Um torcedor conclui: "A homofobia no futebol permanecerá por mais tempo se nenhum jogador gay sair" (CASHMORE; CLELAND, 2011).

Junqueira (2013, p. 485) alerta-nos para o fato de que "processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos abertamente homofóbicos". Isso porque, como advertiu Miskolci (2007, p. 104-105), "por trás dos temores de degeneração sexual residia o medo de transformações profundas em instituições como a família", o que também pode ser aplicado ao futebol, fortemente edificado na cultura esportiva brasileira.

Neste sentido, "a força da pedagogia do armário parece residir inclusive na sua capacidade de garantir a não nomeação de suas violências, o silenciamento de seus alvos e o apagamento de seus rastros" (JUNQUEIRA, 2013, p. 493). Tanto que, não é raro observar, há muito tempo não se admitia pensar na existência de jogadores gays no futebol, o que se estende também às arquibancadas.

O armário pode ser entendido como processo de ocultação da posição de dissonância ou de dissidência em relação à matriz heterossexual, que além de regular a vida social de homossexuais, submetendo-os ao segredo e ao silêncio, gerencia as fronteiras da heteronormalidade (SEDGWICK, 2007; JUNQUEIRA, 2013).

Retomando a entrevista com Ganso, o jogador revelou gostar de se vestir bem e estar namorando. A repulsa pela presença de colegas gays em seu time bastou para que sua vaidade não colocasse em dúvida sua sexualidade heterossexual, assim como a identidade de seu *affaire* foi rapidamente associada à figura feminina.

A virilidade associada ao jogador de futebol é um marcador cultural irrefutável. Um exemplo disso foi a exposição do corpo nu de jogadores em revistas para o público gay masculino, como Vampeta (ex-Corinthians), Roger (ex-São Paulo) e Diney (ex-Corinthians). O sexo dos jogadores, muito aparente no ensaio fotográfico, representa

toda força, potência e robustez que se reconhece na figura normativa do homem. No entanto, dos três jogadores, apenas Vampeta parece não ter “manchado” a sua carreira em decorrência das fotos destinadas àquele público específico. Segundo o que relata em seu livro, Vampeta argumenta que um dos motivos para que o assunto não se prolongasse foi a campanha vitoriosa do Corinthians naquele ano.

Acredito que os eventuais problemas assumidos pelos jogadores que afirmaram “terem manchado a sua carreira” são de natureza diferente, não relacionada à perda de virilidade e masculinidade dominante, uma vez que a própria condição de jogador constitui um capital masculino praticamente irrefutável. Podemos imaginar que tais problemas assentem na relação desses jogadores com as torcidas e torcedores dos clubes os quais representavam. Isso porque todo desvio moral, quanto à sexualidade de qualquer um dos agentes do clube, municia a jocosidade e o enfretamento da torcida dos clubes rivais.

Camargo (2014a, p. 106) salienta a importância de intervenções diretamente nas torcidas, com os torcedores. Para ele

Uma importante ação prática é trabalhar contra o machismo num dos espaços de maior reprodução (e de desejo de consumo dele): as torcidas de futebol. Principalmente nas chamadas ‘torcidas organizadas’ há um prevalente espaço reservado à expressão máxima do masculino, do macho torcedor, que se caracteriza como um espaço radical, de intolerância e não aceitação em relação ao diferente. Parte-se de um pressuposto que os torcedores partilham valores (somente intrínsecos a eles) e estão ali, homogeneamente aglomerados, para torcer. E isso é um equívoco.

A exemplos disso, quando tematizada a vergonha em ter descoberto um gay no território das torcidas, na relação com outros torcedores de mesmo clube ou de clubes rivais encontramos ratificadas as crenças anunciadas por Camargo (2014a). TA02, TC06 relatam como é constrangedor ter vinculada a imagem do time e de sua torcida à homossexualidade evidente. Digo isso, posto que todos os demais homens homossexuais podem participar “do carnaval nas arquibancadas” (como se refere Gilmar Mascarenhas à festa das torcidas), desde que não falem ou manifestem suas sexualidades transviadas ali.

TA02 – Os torcedores gays, muitas vezes, nem vão falar que são gays por causa do time. Por exemplo, eu tenho um conhecido que é de torcida organizada, ele é gay, a torcida organizada não sabe, nem pode saber... imagine.

TC06 – Eu já vi nesses vídeos de [...] esses memes, um rapaz de salto, bem afeminado, com a blusa e a torcida se sentido envergonhada. [Qual torcida?] Do Cruzeiro [fala entre risos]. Assim, também, como tem do Atlético também. Tipo, já vi travesti⁷² vestida com a blusa do Atlético e o pessoal zuando. Não no campo. Tipo, meme, essas coisas de rede social.

Um ideal muito importante para TA12 está posto no comportamento que os torcedores devem assumir para não prejudicar o time e para que o “defeito” não se revele aos rivais, como um grande “calcanhar de Aquiles” para a moral do clube, como destaca TC15.

TA12 – Primeiro que a gente não quer passar que a gente é gay, pelo fato de muito preconceito. Não porque na verdade aquela pessoa ali ela é homofóbica, ela é preconceituosa, mas sim porque ela quer manter ideais. Entendeu? E aparências de que o time não tem aquilo pro rival não fazer uma piada em cima.

TC15 – Como a zuação preferida é xingar uma torcida e a outra de, de bichinha, de gay, se tiver alguém nitidamente gay ali [...] é vergonhoso pra torcida lá, e é um prato cheio pra adversária zuar. [...] Eu não quero ser associado, ou na minha torcida, que seja associada que tenha algum gay.

Por fim, confluindo com o exposto acima, TA05 e TA13 disseram ter se afastado do Atlético, momentaneamente, para não “prejudicar o time”, tamanho o sentimento devotado por eles ao clube, quando começaram a viver a homossexualidade em suas vidas.

TA05 descreve o “medo” de que sua homossexualidade maculasse a imagem do time e de seus torcedores:

⁷² A transfobia aparece como novo elemento no discurso de TC06, reafirmando o fato de que mesmo sofrendo opressão pode-se reproduzir outras opressões.

TA05 - *Tanto que eu fiquei muito tempo sem usar a camisa do Atlético em determinados locais que eu ia, determinados ambientes. Então eu tive esse medo, na verdade de, tipo assim, não é bem uma escolha, mas, - Poxa! Se eu sou gay, eu não vou poder torcer mais para o Atlético. Se os meus irmãos descobrirem que eu sou gay vai ser uma decepção enorme para eles, os meus parentes, os meus primos. Porque eles são tão fanáticos por futebol, tão fanáticos por futebol que eu acho que assim, eles iam, realmente, na minha cabeça, falar assim: - "Nossa! Troca de time, vai ser cruzeirense então. Seu lugar não é no Atlético, seu lugar é no Cruzeiro. É no Cruzeiro que tem viado, né, viado não pode ser atleticano. Atleticano é tudo homem".*

O ordenamento expresso no imaginário de TA05 continua atual e se preserva por meio de proposições performativas nos discursos de muitos que, segundo ele próprio afirma, “não são gays bem resolvidos”. Mas, ainda que sejam, lembrem-se! Se você é viado, negue! Para seguir o *script* retórico no futebol, os “viados”, quando existentes, povoam o clube e a torcida adversária.

TA13 – *Porque a primeira coisa que veio na minha cabeça é - Meus primos são cruzeirenses e eles vão zuar porque tem um gay atleticano e tal. [...] A primeira coisa que veio na minha cabeça foi – ‘Eu vou deixar de falar no galo’. Porque, na minha cabeça o seguinte, vai tá atingindo o Atlético, não tava nem pensando em mim. Vai tá atingindo o clube. – ‘Porra! Um clube com gay e tal.’ Que merda é essa?*

O medo de afetar negativamente o clube fez com que TA13 pensasse em se afastar do Atlético e do estádio, embora a vivência das arquibancadas constitua uma das suas práticas de lazer mais valorizadas e o clube ocupe grande atenção e importância em sua vida. Ademais, é possível entender que o afastamento de TA13 também representa um medo por si, sabida a rejeição manifesta aos homossexuais naquele espaço e entre outros torcedores.

3 CAPÍTULO II

3.1 “Comporte-se!”: O futebol na trajetória de vida dos torcedores

Um primeiro esboço a ser desenhado diz respeito aos sujeitos torcedores. O fenômeno esportivo, mais detidamente o futebol, tem sido objeto de inúmeras pesquisas nas ciências humanas e sociais, sob o aporte teórico da antropologia, sociologia, literatura, psicologia, história e filosofia. Grande parte desses trabalhos traz como tema principal a relação entre torcida/torcedores com seus times de predileção, a relação com o espaço de jogo (apropriação do espaço e pertencimento clubístico), além de outros temas ligados à violência, à ética, à política, à mídia, ao consumo, entre outros.

Para compreendermos melhor os significados atribuídos ao futebol e ao torcer, é importante nos aproximar do lugar de fala dos torcedores desta pesquisa, a partir dos relatos produzidos por eles sobre como o envolvimento com o futebol e com o clubismo se deu em suas trajetórias pessoais. Os enunciados a seguir oferecem um panorama geral sobre os sujeitos que protagonizaram este estudo.

De forma unânime, o contato com o futebol se deu desde a infância dos torcedores. Os advérbios de tempo utilizados nos enunciados fazem referência ao tempo passado e marcam uma construção afetiva sedimentada nas experiências que torcedor, esporte e clube compartilharam na história de cada um deles.

TA05 – Então, desde criança eu sempre frequentei os estádios de futebol e acompanhei toda a trajetória, desde que eu me entendo [...] aos poucos eu fui me envolvendo, me envolvendo com isso.

TA01 – Eu sou atleticano desde 2007. De 2006 pra lá, eu era cruzeirense. [Por que?] Porque meu pai me influenciava muito. Nisso, depois que eu fui no Mineirão assistir uma partida, no clássico, o galo ganhou de 4 a 0, aí eu passei a ser atleticano.

A experiência de TA01 com o futebol é replicada em outros vários contextos e famílias. A expressão “na época” nos oferece a imagem de uma ação realizada entre pai e filho, onde este é levado desde muito cedo a assumir também o fascínio pelo futebol e o sentimento de identificação por um clube. No dizeres de TA01, embora influenciado pelo pai e afeito pelo jogo que conhecera, decidiu escolher o Atlético como clube.

TA01 – Na época que meu pai me influenciou a ser cruzeirense eu não sabia muito de futebol não. Eu era novo com esse trem. Não sabia nem o que era impedimento, cartão vermelho. Pensava que cartão vermelho era pênalti.

TA04 - Bom, eu sempre fui torcedor do Atlético, desde criança. Meus pais são todos atleticanos, minha família são todos atleticanos, então eu tenho, eu me identifico atleticano desde que eu me entendo por gente.

TA02 - Bom, eu virei torcedor do Atlético porque lá na minha casa meus irmãos todos eram atleticanos. Então sempre escutava ‘Galo!’ pra lá, ‘Galo!’ pra cá, e aí tinham irmãos que iam muito no estádio, que choravam por conta do Atlético, aquela coisa mais de paixão. [...] Então desde sempre eu aprendi a gostar.

TC03 - Bom, é de pequeno mesmo. Eu, mais ou menos com uns 12, comecei a me identificar, aquela coisa de moleque, de jogar bola na rua com os amigos, enfim, aí eu comecei a me identificar com o futebol [...] eu escolhi o Cruzeiro pra ser o time que eu ia torcer. É [...] eu não me lembro de um dia, assim, depois da minha ciência, de que eu não, pelo menos, olhei um site pra ver uma notícia, pra ver o que tava acontecendo. É de muito cedo, realmente, que eu tenho essa relação com o Cruzeiro. E é muito forte.

Esses discursos apontam que a inserção no futebol, através do jogo recreativo e das visitas aos estádios vai, *a priori*, despertar o gosto pelo esporte que, mais tarde, vai se preservar, principalmente, vinculado à identidade e ao sentimento de pertencimento clubístico.

TC06 – Bom, minha história começou desde criança. Mais um pouco de influência pelo meu pai, que ele já era cruzeirense. E aí ele frequentava muito estádio e, normalmente, - estádio assim, o campo de futebol da cidade

- e, normalmente, aos domingos, eu acompanhava ele. E aí, como ele já era cruzeirense e tal acabou que eu e meu irmão tornamos cruzeirense também.

TA11 – Acho que tem uma certa fase da nossa infância que a gente acaba escolhendo um time. Algumas pessoas até tentam escolher pra gente. Acabou que eu virei atleticano desde infância. [...] desde que eu me conheço como gente. Digamos assim, desde que eu passei a fazer as minhas escolhas.

Assim como TA01, TA11 afirma que sua vinculação clubística se deu de forma “livre”, espontânea, visto que, embora seu pai fosse cruzeirense, ele “escolheu” ser atleticano. Segundo ele, sem saber ao certo, pode ter se dado pela influência dos primos que já eram atleticanos. Entendemos, como aponta Hall (2014), que é na sensação de pertencimento, ou seja, na “saturação à história” que as identidades surgem, “estando em parte no imaginário”.

TA12 – Começou desde pequeno, né. Minha mãe vendia cerveja no estádio, grávida de mim, para gente ter o que comer dentro de casa também. Só que parte desse dinheiro que ela pegava, ela ia pro jogo com o meu pai. Grávida já. Então, desde pequeno eu acostumei a ir no estádio.

TC15 – Com o futebol foi desde a infância, né! Como meu pai sempre foi muito apaixonado por futebol, todos os meus tios também [...] a gente cresceu com a cultura do futebol, sempre foi colocado pra gente a prática do futebol, tanto pra mim quanto pro meu irmão mais novo. [...] futebol é desde sempre, desde muito pequeno. Como uma prática comum. Por meu pai ser, a paixão foi aumentando com o tempo, com a consciência.

TA13 – É... desde pequeno eu ia ao campo com ele [o pai]. Ele já me levava. Eu até lembro que teve uma vez, na final do campeonato brasileiro, em 1980, foi Atlético e Flamengo, eu queria demais ter ido nesse jogo, só que por, pelo meu pai achar que eu era muito novo ainda... ‘- ah, cê não vai não’. [...] como ia ser um jogo de final, um público grande no Mineirão, né. Mais de 100 mil torcedores, aí ele achou por bem eu não ir. Até porque eu tinha 4, 5 anos. Então ele não quis me levar. Eu lembro até da camisa que ele usou. Ele não foi com camisa de time, com a camisa do galo. Ele comprou uma camisa preta e branca, rajada, e foi pra esse jogo.

As memórias de TA13 retratam o universo dos estádios na década de 1960 e 1970, período caracterizado por Mascarenhas (2015) e Ferreira (2017) como de estruturação e multiplicação das “torcidas organizadas” e pleno acesso das camadas populares urbanas aos estádios, em escala nacional. “n. de ‘carnavalização’ dos estádios, com coreografias coletivas e multiplicação de cânticos e adereços, propiciando um espetáculo muito particular nas arquibancadas” (MASCARENHAS, 2015, n.p).

TA14 – *Eu jogo futebol desde criança, assim. Mas eu acabei jogando porque na minha comunidade, na zona rural, era o único esporte coletivo. Então eu acabei jogando e joguei muito tempo. [...] como era uma comunidade rural, poucas coisas, então, o time, a vida esportiva girava em torno do time, a vida social também, então, toda terça e quinta a gente treinava, todo domingo a gente viajava pra uma cidade do interior pra jogar contra outro time.*

TC07 – *Eu sou cruzeirense desde pequenininho. Eu nem me lembro qual foi o dia, entendeu? Não existe assim uma data, assim, porque pra mim eu acho que já nasci cruzeirense e tô aí até hoje.*

TA08 – *Eu jogo bola desde pequeno, né. A primeira vez que eu fui no campo que meu pai me levou [...] eu desde pequeno eu já gosto de futebol, já jogava futebol, primeira vez que eu fui num jogo foi, foi meu pai que me levou no jogo do Atlético.*

TC09 – *Minha tia desde pequeno me levava pro estádio pra torcer, desde pequeno mesmo, assim. [...] Aí, de lá pra cá, tive esse contato com o cruzeiro lá dentro, né, com os jogadores da base né do sub quinze, sub dezessete. E de lá tive esse contato mesmo, que eu comecei a gostar e a frequentar estádio [...] ir direto mesmo em todos os jogos.*

TC10 – *Eu [...] desde novo eu praticava futebol e fui incentivado pelo meu pai a participar de escolinha, então eu já jogava desde novo. E [...] desde novo eu sempre fui torcedor do Cruzeiro, acompanhei o time, ia ao estádio, e acompanhava na televisão também e sempre gostei muito de futebol.*

TA01, TC03, TA05, TC07, TA11 afirmam seu clubismo ter partido de uma escolha alheia à identificação que outro familiar experimentava. Segundo eles, escolheram aquele que seria seu time, que comporia sua identidade de torcedor, sua subjetividade, de maneira autônoma. Os demais torcedores relataram ter acompanhado a escolha de pessoas próximas, da família, principalmente do pai. Independentemente da influência exercida sobre eles, há uma marca definidora de sua vinculação na ação consciente de seu sentimento pelo clube, ainda que não consigam explicar esse processo. Ter um time faz parte da identidade pessoal, assim como outras referências que qualificam os sujeitos em nossa sociedade.

Saltam em nossas análises alguns pontos importantes sobre as histórias dos nossos informantes com o futebol. A primeira reflexão considera a educação do gosto, das sensibilidades desses torcedores que, como de forma assertiva relata TA02, “*aprende a gostar*”, ou seja, temos um processo educativo, de trocas simbólicas na relação ensino-aprendizagem que envolve de maneira particular todos esses sujeitos, em suas experiências com o futebol jogado e/ou assistido.

Principalmente nos jogos realizados durante o dia (às onze da manhã e 16 horas), nos fins de semana, verificamos um número bem expressivo de crianças acompanhando a figura de um ou mais adultos (em sua grande maioria homens) para assistir aos jogos de Atlético ou Cruzeiro, em ambos os estádios da capital mineira. Como pudemos observar, os adultos exercem um doutrinação das crianças, pequenos torcedores, ensinando os cânticos da torcida, oferecendo o arcabouço de um afeto que está em construção. A realização dos jogos durante o dia deixa os adultos muito à vontade para trazer seus filhos (as crianças de um modo geral) ao jogo, o que se configura como uma excelente oportunidade para a formação de novos torcedores e para o fomento da afeição por um time de futebol. Além dos cânticos entoados em apoio ao time, se aprendem outros que depreciam a torcida rival, e, ainda, uma gestualidade típica para aquele espaço. Quando querem demonstrar desprezo e raiva pela torcida rival, protestar contra a arbitragem e desabafar um lance malsucedido do seu time, é habitual lhes mostrar o dedo médio em destaque (quando os demais dedos são recolhidos ao centro da mão), como quem diz – “vai se fuder!”. É recorrente o uso de xingamentos,

“palavrões” e gestos obscenos no estádio, algo esperado e permitido como expressão naturalizada para aquele espaço – “a casa dos homens”⁷³.

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homossociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

Outro ponto importante a ser destacado é como ir ao estádio constitui-se como uma prática de lazer recorrente na vida desses torcedores e como a participação em escolinhas de futebol confluía com o sonho, de tantos outros milhares de meninos e meninas, de se tornar um (a) jogador (a) de futebol. As experiências com escolinhas e equipes de treinamento foram descritas por TC09, TC06, TA01, TA14, TC10, TC15 e TA08. Este último faz referência ao incentivo do pai e às experiências com o estádio como fatos importantes para o desenvolvimento de seu gosto pelo futebol:

Eu ia muito, pra você ter ideia, em jogo no Independência, aquele antigo Independência, ainda quando o Júnior do Atlético jogava lá. Então, eu ainda ia assistir, tipo, Taça BH que é uma coisa que muitos não acompanham, meu pai me levava desde pequeno (TA08).

Uma intercessão presente nas entrevistas de TA01 e TA15 descreve o grande impacto que o futebol tem sobre a sociabilidade, principalmente dos homens, em seus grupos comunitários de origem (o termo “comunidade” foi utilizado pelos próprios torcedores). TA01 é morador do Aglomerado da Serra⁷⁴, localizado na região sul de Belo Horizonte, e declara que seu lugar preferido para ver os jogos do Atlético é uma pizzaria localizada em sua região. Afirma sua escolha, diferentemente de todos os demais quatorze

⁷³ Metáfora utilizada por Daniel Welzer-Lang em “A construção do masculino: A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia”.

⁷⁴ Segundo dados do site oficial do BNDS e da Prefeitura de Belo Horizonte, o Aglomerado da Serra é a maior favela de Minas Gerais, localizada em Belo Horizonte, mais precisamente na Zona Sul da capital e se divide em oito vilas: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafetal, Novo São Lucas, Fazendinha, Chácara, e Marçola. É a maior favela de Minas com 46 mil habitantes. Fonte: http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=8176&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&&iDConteudo=44491&chPlc=44491

torcedores da pesquisa, que dizem ser o estádio o lugar preferido para acompanhar os jogos, e justifica:

Porque lá não tem briga. Lá não tem confusão. Só tem amizade lá. Todo mundo grita, todo mundo chora. Então [...] Tá num ambiente de amizade. Não tem briga, não tem nada. É tudo cruzeirense, atleticano, misturado. [As pessoas se respeitam?] Nó! Respeitam demais.

TA14, de origem interiorana⁷⁵, lembra que as opções de lazer e sociabilidade possíveis em determinados contextos ainda são escassas e se constituem, muitas vezes, em atividade de cunho esportivo.

Retomando a grande influência familiar sobre o envolvimento desses torcedores com o futebol e o clubismo, uma situação diferente exposta por TC09 diz respeito à influência de uma mulher no seu envolvimento com o estádio e com o Cruzeiro. Cabe destaque, visto que todos os demais torcedores entrevistados trazem suas iniciações no futebol vinculadas a uma figura masculina, em grande parte das vezes, pelos pais e irmãos. Outro ponto a se considerar está na própria participação do público feminino nos estádios, certamente, a vivência de TC09 com sua tia, com quem acompanhava os jogos do Cruzeiro, não representava uma cena comum, se considerarmos que os relatos do torcedor traduzem a cena dos estádios da capital mineira dos idos anos 2000 (data aproximada, de acordo com a idade de TC09).

Reconhecemos que as mulheres estão presentes nos estádios de Belo Horizonte, num público crescente, mas, ainda em pequeno número se comparado com o número de torcedores homens. A explicação dada por Ferreira (2017) sobre a redução da participação de mulheres e de grupos vulneráveis nos estádios de futebol está ligada aos casos de violência e morte relacionados a confrontos entre torcedores, no interior e exterior dos estádios, nas décadas de 1970 e 1980. Para esse autor, “a partir da militarização das torcidas organizadas [...], o ambiente das arquibancadas [...] se tornara

⁷⁵ TA14 tem suas origens na zona rural da cidade de Arcos/MG. Ele esclarece que a centralidade e a singularidade do futebol em sua comunidade rural devem ser situadas no contexto dos anos 1980, período em que residia naquele lugar. Segundo ele, “é uma coisa bem diferente sabe, morar na zona rural lá nos anos 80 é uma coisa muito peculiar sabe, não tem muito a ver com a vida de hoje” (TA14).

cada vez mais masculinizado e juvenilizado, afastando os grupos que não se adequassem a esse padrão de comportamento” (FERREIRA, 2017, p. 133).

É prudente ressaltar que há resistências que excetuam essa afirmação, bem como supor que haveria não só esse, mas outros elementos na composição de um cenário em que os estádios são entendidos e imaginados como um lugar excludente, conservador e reprodutor de hierarquias de gênero sustentadas sob masculinidades ortodoxas, capazes de afastar mulheres, masculinidades subordinadas, idosos, entre outros. Estes últimos, ainda que indesejados, desenvolveram estratégias de acesso e vivência a esses equipamentos.

O caráter excludente parece se afirmar após o apogeu das torcidas organizadas nos estádios, herdando traços de um contexto marcado pela ditadura militar, e que, segundo Murad (2012), vão atuando, pouco a pouco, como coletivos militarizados. Homossexuais, mulheres desacompanhadas, famílias e idosos fazem parte do grupo de inadequados ao contexto descrito por Ferreira (2017, p. 133), entendendo haver, desde então, “uma forte exclusão sociocultural”, consolidando um ambiente machista, responsável pela exclusão dos que não se enquadrassem naquela nova realidade.

TA13 vai ao estádio frequentemente acompanhado pelo pai e pelo companheiro.

“A minha história com o futebol vem muito com a família do meu pai. E principalmente por ele”

Para ele, indiferente aos gritos e comportamentos da torcida, há um grande incômodo em relação ao desrespeito dos demais torcedores por pessoas já idosas, diante das limitações que a idade normalmente confere às pessoas mais velhas.

TA13- Outra coisa que me incomoda também é a falta de respeito com os mais velhos, né. O meu pai tá lá no assento dele, de repente a pessoa que tá na fileira da frente não se importa e sobe em cima da cadeira. Coisa que o meu pai, já idoso, não consegue e não faria, ainda que pudesse.

Ainda sobre o apogeu das torcidas, a partir dos anos 1960, vale ressaltar que nesse contexto temos o surgimento das torcidas jovens. Elas são apresentadas por Hollanda (2015) como torcidas dissidentes que, em menor número de torcedores (em suas origens), contestavam a ordem social e política do contexto ditatorial que o Brasil vivia, a partir de 1964, assumindo um protagonismo para além da passionalidade da alcunha de “décimo segundo jogador”. A torcida passa a assumir um posicionamento mais crítico em relação ao desempenho do time e às decisões do clube ao qual se vinculavam, mas não parece que se envolvam em questões relativas à inclusão de gênero.

Elias e Dunning (1992) discutem o papel do esporte na formação das sociedades contemporâneas e apresentam os principais aspectos do lazer como espaço de interação e sociabilidade. Neste mesmo sentido, podemos perceber que a assistência ao jogo de futebol tem se conformado como um espaço de fruição, onde os sentidos e emoções dos torcedores representam uma catarse coletiva, o que justifica e abona os comportamentos e atitudes do público torcedor num “universo paralelo” (termo utilizado por TA04) à realidade social cotidiana, onde esses são geralmente reprováveis.

É comum observar comportamentos inóspitos dentro dos estádios de futebol ou mesmo em outros espaços, sucumbidos pelos códigos desse desporto, pelos torcedores do time local e por seus rivais. Brincadeiras jocosas, palavrões, gestos obscenos e outras formas de violência são permitidos e, mais que isso, esperadas nesse contexto. Cabe esclarecer que essa avaliação condiz com a realidade dos que não estão convidados a participar desse espaço ou não se sentem pertencentes a ele. Os torcedores desta pesquisa, diferentemente do que poderíamos pressupor, não se sentem desconfortáveis com o comportamento dos demais torcedores e, em alguns momentos, fazem coro às críticas⁷⁶ disparadas aos novos modelos de estádios, reivindicando a “higienização” desses espaços, bem como a organização do futebol frente às necessidades do mercado de consumo da indústria desse entretenimento.

Todos os torcedores entrevistados têm a experiência de acompanhar os jogos do seu time nos estádios da capital mineira em fase anterior à reforma destes equipamentos, por

⁷⁶ Os trabalhos de Gilmar Mascarenhas, Fernando Ferreira e Gustavo Bandeira refletem os impactos das novas Arenas no comportamento e perfil do público torcedor nas cidades do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

ocasião da realização da Copa FIFA de 2014, e manifestam certo saudosismo em relação aos antigos estádios Independência e, principalmente, ao antigo Mineirão. Reclamam dos altos preços praticados nos estádios (fazem referência ao valor cobrado nos ingressos para o jogo, estacionamento interno e no entorno dos estádios), da retirada da “geral”, da disposição dos espaços de comercialização de produtos alimentícios e bebidas e, de forma unânime, da presença de um público torcedor diferente de outros tempos, mais consumidor e menos envolvido emocionalmente com o clube. TA11 chamou de “*goumertização do futebol*” esses novos arranjos da experiência torcedora em Belo Horizonte. Durante a entrevista, ele revelou ter participado de uma torcida organizada⁷⁷ na adolescência, onde assumia um comportamento atribuído por ele como “fanático”.

TA11 – *Eu acho que, por exemplo, o estádio, assim, na minha adolescência, na fase de adolescência, ir ao estádio era completamente diferente do que é hoje. Pela quantidade de vezes que eu fui na minha adolescência e me tornei sócio, eu gostava do clima de estádio mais antigo. Não do clima de hoje. Estádio pra mim hoje não tem a mesma energia que tinha há 10 anos atrás. [Qual a diferença que você mais percebe?] A diferença principal seria em questão de público. Tanto em quantidade de pessoas, quanto em, como é que eu falo? Em termo de classe social mesmo. O público de antigamente ele é um público, além de ser mais fanático, é um tipo de público, é [...] assim [...] que faz mais barulho. Se você for num restaurante popular e restaurante que atende público classe A, público mais elitizado, normalmente, o ambiente do público classe B, do restaurante mais popular, então, esse restaurante vai ser mais barulhento do que o outro. É tipo o estádio hoje. O estádio hoje, ele é mais frequentado [...] que nem, hoje em dia, tem muito mais pessoas com um bom poder aquisitivo frequentando estádio e levando família. Coisa que não tinha antigamente. Era mais aquele torcedor, aquele adolescente, aquele cara meio doidão que ia pro estádio gritar, xingar o juiz e tal. O ingresso muito barato favorecia muito esse pessoal ir e o público mais elitizado tinha medo de acompanhar.*

⁷⁷ Propositamente, o nome das torcidas organizadas, mencionadas pelos torcedores, foram ocultados nesta pesquisa.

O termo “fanático” é utilizado também por grande parte dos entrevistados e os sentidos atribuídos por eles podem ser reunidos, sinteticamente, nos seguintes enunciados:

Tá muito ligado ao cara que [...] tem o time quase como uma religião (TC15).

Aquela pessoa, assim, que briga por isso, entendeu? Aquela pessoa que tem todo conhecimento a respeito do time (TC06).

A gente ir pro estádio acompanhar o time em vários jogos tudo levava a ser uma pessoa fanática, de uma paixão mesmo e tal (TA09).

O conceito apresentado pelo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa⁷⁸ dá maior inteligibilidade ao tratar o léxico *fanático* como apaixonado, exaltado, obcecado. A classificação feita por Giulianotti (2012) alinha-se às características descritas por TC15, TC06 e TA09, de maneira que esse autor entende que o torcedor pode ser definido como um fanático pelo clube de futebol, quando sustenta um investimento de longo prazo com o clube, de ordem pessoal e emocional. O apoio demonstrado ao clube pelo torcedor fanático é visto como algo obrigatório, bem como não há possibilidade de deixar de torcer ou mudar de time, passando a torcer por um rival, uma vez que “possuem um contrato cultural com seus clubes” (GIULIANOTTI, 2012, p. 15). TA14 exemplifica essa singularidade no futebol:

Eu gosto muito de Fórmula 1. Sempre torci muito pela Ferrari, muito, e hoje eu vejo a Ferrari como outra equipe normal. Não tem aquele apego que eu tinha, né, e aí até acho que isso é uma coisa que consegui desconstruir, porque a Ferrari teve algumas atitudes que eu não gostei e isso me afastou, da identidade que eu tinha pela equipe. E no futebol isso não acontece.

Retomando nossas reflexões sobre como os torcedores lidam com os insultos presentes na cultura do torcer, observamos que o estádio é entendido como espaço oportuno para os xingamentos, na opinião de alguns torcedores: TA08 considera os xingamentos ou

⁷⁸ Versão digital disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fan%C3%A1tico/>>.

expressões como “Maria”, como algo que ganhou o gosto dos atleticanos ao provocar seus rivais e envaidecer o brio de sua própria torcida, “coisas do futebol” (TA08).

TA08 – *Aí caiu na graça, virou é [...] aí pegou. Sabe? É tipo o Ronaldinho Gaúcho – ‘aqui é galo’. Pegou o aqui é galo. Aqui é galo, porra! Né?’* E concluí: *“o povo chama [...] cruzeirense chama atleticano de gay, uns atleticanos chamando os cruzeirenses de Maria, só isso. Tipo assim, uma brincadeira saudável, mas [...] profundamente, assim, homofóbica, eu nunca vi, entre as torcidas.*

A partir da expressão “só isso”, é possível depreender como práticas provocativas, em detrimento à virilidade dos homens, foram, ao longo do tempo, banalizadas no interior das torcidas e no exercício de torcer. TA08 não considera o que está implícito nas “brincadeiras” e como elas refletem, ainda que de forma sutil, no rebaixamento e hostilização de outras masculinidades e feminilidades, tanto nos estádios, quanto fora deles.

TC15 – *E do outro lado sempre tem um xingamento porque isso acaba sendo comum né, de uma torcida pra outra, ainda mais, rival [...] de ofender, tentar ofender chamando a outra de gay, de bicha, esse tipo de coisa.*

No trabalho realizado por Cashmore e Cleland (2011), no Reino Unido, os dados apresentavam semelhança com o que aqui está exposto, pois muitos participantes da referida pesquisa disseram não perceber homofobia no grito dos torcedores, sendo entendido apenas como algo para provocar os jogadores em campo.

Bandeira (2017, p. 65) nos lembram que os palavrões e os xingamentos nos estádios podem acontecer em diferentes situações do jogo e atingir distintos agentes presentes ali (torcedores de um mesmo clube, incluindo torcedores de diferentes torcidas, torcedores rivais, jogadores, árbitros, policiais...), visto que “o jogo de futebol possui seus próprios códigos, que permitem aos sujeitos ali presentes a legitimidade de ações que não teriam em outros espaços cotidianos”.

Revisitando a aplicação dos termos heterossexismo e homofobia, em sua tese⁷⁹ sobre como a mudança de estádio (do estádio Olímpico à nova arena do Grêmio) impactou o currículo de masculinidades dos torcedores de futebol de estádio, Bandeira (2017, p. 37) afirma sua percepção de que “as representações de masculinidades presentes nos estádios tendem a ser heteronormativas, machistas e heterossexistas”. No entanto, no que diz respeito aos xingamentos, em sua análise, o autor decidiu tomá-los como práticas de um contexto heterossexista, de maneira que pudesse “ilustrar, para além do ingrediente moral, um ingrediente estético na prática torcedora” (BANDEIRA, 2017, p. 37), deslocando essas práticas “para fora do quadro de violência”, marcadas no termo homofobia.

O termo “puto”, utilizado pelos torcedores, é analisado por Bandeira como constituído de diferentes sentidos e exemplifica sua opção por usar o conceito heterossexismo ao de homofobia: “Ser ‘puto’, nesse contexto [do torcedor no estádio], para além da relação com a homossexualidade, poderia significar que eles não amavam tanto como nós, não bebiam como nós, não eram tão fiéis, não davam a vida por uma conquista e fugiam de confrontos físicos” (BANDEIRA, 2017, p. 41).

Outros xingamentos, comuns no nosso contexto regional, podem ser entendidos como sinônimos de “puto” para o contexto descrito por Bandeira. Os trechos seguintes destacam certa semelhança no entendimento de outros termos utilizados por TA12 e TC10, como carregados de outros sentidos, identificados por eles como não homofóbicos.

TA12 – É uma atitude [...] eu falo que é coisa de momento. Não vejo isso como homofobia ou porque tá [...] até porque eu não vejo isso como homofobia. Homofobia seria eu chegar e falar: - "Sai do meu time porque você é gay". Ou, - "Eu não te aceito porque você é gay". E esclarece: Cara, não é homofóbico. É questão de zuação na verdade. Quando eu chamo o juiz de viado, por exemplo, eu não tô sendo homofóbico. Eu quero xingar ele de alguma coisa, da mesma forma como eu xingo a mãe dele e todo mundo.

⁷⁹ “Do olímpico à arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio” (2017). A referência completa consta nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

Não é questão que eu odeio a mãe dele e que eu sou homofóbico e, por isso, eu tô chamando de viado. Não!

TC10 – *Então, assim, eu lido de boa porque eu sei que às vezes não é uma fala no sentido de te agredir; é uma fala que [...] é tipo ‘uai, trem’ já tá no seu vocabulário e você nem percebe.*

TA12 não vê os desdobramentos e consentimentos que tais expressões, quando banalizadas, reforçam fora do estádio. Esquece-se que xingar tem o objetivo de ofender ou insultar por meio de palavras, sustentando um caráter depreciativo, como tratado por TA01 e TA02, de “rebaixamento”, representando um defeito que, a todo custo, deve ser evitado. Outro pressuposto, não considerado por TA12 ao se referir à mãe do juiz, diz respeito à vulnerabilidade atribuída às mulheres pelos valores patriarcais historicamente instituídos e preservados em nossa sociedade.

De todos os entrevistados, TA02 foi o único a declarar nunca ter feito uso de gritos homofóbicos, como frequentemente se vê nos espaços de assistência dos jogos. Ele reflete sobre essa atitude racionalizando esse processo, diferentemente do que se observou nos depoimentos dos demais torcedores. TA02 atribui sua visão ao fato de ser psicólogo e diz observar com certo distanciamento o comportamento assumido pelos torcedores quando estão reunidos coletivamente, e argumenta:

Mesmo que muitos possam até achar que tá fazendo por brincadeira, não levam por mal, mas ele, de certa forma, sem ele saber, ele tá tentando rebaixar a outra pessoa (TA02).

Perguntado sobre o que seria esse “rebaixamento”, ele esclarece:

Quando tem um ato preconceituoso de chamar de macaco, disso e daquilo, cê tá rebaixando o jogador àquele contexto ali. Quando chama de mulher, de bicha, de maria, de gay, eles acham que tá rebaixando a pessoa, mas a pessoa, ali, não tá nem ligando. Ela sabe da sexualidade dela. Mas, tá rebaixando a classe. Então, o que mais fica pra mim, nos estádios é isso, a manutenção de relações de dominação.

TA02 disse acreditar que “*gay é capaz de agredir outro gay para se firmar, ali*” [nas situações com a torcida]. Nesse sentido, sobre a perpetuação de hierarquias de gênero e masculinidade, Badinter (1993, p. 137) explica que “a maioria dos homens compreende que está às voltas com um tipo masculino que não consegue concretizar. Daí decorre certa tensão entre o ideal coletivo e a vida real. E, no entanto, esse “mito da masculinidade” subsiste graças à cumplicidade daqueles a quem oprime”.

Junqueira (2012) sugere que se empregue heterossexismo ao lado de homofobia, especialmente em referência a um fenômeno do qual a homofobia deriva, visto que o termo heterossexismo confere pouca ênfase às normas de gênero e heteronormatividade, que em seu entendimento são centrais.

Para nossas análises, a aproximação desses conceitos é fundamental e, em alguns momentos, se misturam nos discursos produzidos pelos torcedores entrevistados nesta pesquisa, descolados de uma referência conceitual, visto que o léxico homofobia foi identificado por nós como uma expressão linguageira, comum entre esses sujeitos e seus interlocutores, no dia a dia. De maneira geral, pudemos depreender significados ligados à discriminação, à depreciação, à rejeição e à violência manifesta contra homossexuais. Ainda sobre a naturalização dos xingamentos, o comportamento homofóbico no futebol e o uso dessas práticas também por torcedores gays, TA05 e TC03 afirmam:

TA05- Muitas vezes, eu até me pego chamando o próprio juiz de viado, né. Mas não numa forma de menosprezar ou de xingar ele. Simplesmente, porque eu tô naquele meio daquele ambiente, pra mim, eu sou igual a todo mundo. Então, eu não fico reparando muito não.

TC03 – Eu acho [...] eu não acho legal, mas ela é tão rotineira. E é tão, é que nem eu te falei, é o ambiente do estádio que te leva a isso. Tá todo mundo ali [...] é um grito de incentivo ao seu time, de tentar levar o outro time pra baixo. Mas ao mesmo tempo, tipo assim, não é um grito direcionado a alguém. É um grito direcionado a um clube. Mas, eu participo sim. Eu não vou falar que eu me sinto mal não, porque é, que nem eu te falei, é um hábito. Tipo, a gente canta, tipo, às vezes, eu nem [...] depois que cê fala assim: - Nossa! - E tava feito. E no estádio, você tá ali envolvido, cê nem pensa, sabe? Cê só quer cantar e empurrar o time.

Nas declarações acima, o uso dos advérbios “até”, “simplesmente”, “então” e a justificativa sustentada nos efeitos, cuja causa está no ambiente do estádio, demonstram a conformidade compartilhada por TA05 e TC03 em relação ao entendimento que esses sujeitos têm sobre atitudes de preconceito no futebol. Eles acreditam que estão simplesmente descrevendo uma situação existente, um fato do mundo social e isso é um equívoco.

Silva (2014, p. 93) chama atenção para esse equívoco ao salientar que “o que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo”. E exemplifica:

quando utilizamos uma palavra racista como “negrão” para nos referir a uma pessoa negra do sexo masculino não estamos simplesmente fazendo uma descrição sobre a cor da pessoa. Estamos, na verdade, inserindo-nos em um sistema linguístico mais amplo que contribui para reforçar a negatividade atribuída a identidade “negra” (SILVA, 2014, p. 93).

3.2 O mimetismo como salvo-conduto de torcedores homossexuais

Bandeira e Seffner (2013, p. 255) advertem para o fato de que “o comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural”. Essas manifestações públicas de emoções refletem - como balizadoras para a aceitação em uma coletividade torcedora – o salvo-conduto que, parafraseando Junqueira (2013, p.489), “possibilita uma inclusão [não] consentida em um ambiente hostil, uma frágil acolhida”.

O termo utilizado por Junqueira (salvo-conduto) é providencial para darmos sequência à incursão sobre a presença de torcedores gays nos estádios de futebol. Entretanto, o transitar desses torcedores pelas arquibancadas está ligado a uma identidade torcedora que, entre outras coisas, deve possuir os atributos de masculinidade esperados para o homem torcedor, sobretudo, manifestos no seu amor pelo clube e na sua heterossexualidade. Nesses termos, a lógica “*Don't Ask, Don't Tell*” [não pergunte, não diga] tem reforçado, tradicionalmente, a invisibilidade e o silenciamento

desses torcedores nos estádios, muitas vezes, “consentido” por eles próprios. São os torcedores, tratados por nós, como miméticos.

Ainda hipoteticamente, na estruturação do projeto de pesquisa, adotamos o termo “torcedor clandestino” para caracterizar os torcedores sujeitos deste trabalho, uma vez que supúnhamos estarem eles clandestinamente em território alheio, constituído, entre outras coisas, por atitudes e comportamentos de ordem heteronormativa. Entretanto, ao longo das entrevistas, os discursos de todos os informantes nos remeteram ao entendimento de que os torcedores gays não estão alheios e muito menos clandestinos. Eles, ainda que considerem, em alguns casos, o futebol e seus espaços de assistência como homofóbicos, fazem parte desse universo e reproduzem comportamentos de forma semelhante aos demais.

Foi providencial classificá-los, metaforicamente, como torcedores miméticos para entender como se apropriam do espaço dedicado ao torcer no futebol. Os enunciados dos quinze entrevistados não estão alinhados sobre uma só argumentação, fazendo-se necessário organizar os dados para análise em quadros temáticos, a fim de que pudéssemos compreender os discursos produzidos por eles sobre a relação homossexualidade, homofobia e futebol.

O termo “mimético” é entendido, aqui, como forma de proteção e defesa, num processo de produção e reprodução do comportamento dos torcedores gays, organizado sobre referenciais de masculinidades e virilidades típicas para os estádios de futebol, onde o torcedor mimético procura se assemelhar aos demais torcedores⁸⁰ movido por diferentes interesses ligados ao seu pertencimento clubístico.

Os enunciados, a seguir, trazem expressões como: “*eu me comporto*”, “*sei me comportar*”, “*não chamo atenção*”. Entendemos que elas estão marcadas pelo sentido mimético que caracteriza o comportamento dos torcedores gays e do qual nos servimos para classificá-los.

⁸⁰ No mundo animal, o mimetismo pode ser observado quando uma espécie imita o padrão de coloração ou o comportamento de outra e um exemplo clássico pode ser observado entre a cobra coral-verdadeira e a falsa-coral.

TC09 – *Eu vou pra torcer. Eu vou na maioria das vezes com pessoas heterossexuais e não com homossexuais. Eu sei que tem várias [pessoas], que eu conheço, por conhecer no dia a dia da vida, eu vejo lá no estádio. Só que, tipo assim, a pessoa fica com medo de ser o que ela é, ali, no meio da torcida. Aí, ela fica mais na dela, retraída, igual eu também fico mais na minha. Não faço o que faço em outros lugares, igual eu faço ali no meio da torcida, no estádio de futebol, por medo de ser xingado, de alguma coisa.*

Perguntado sobre o que faz fora do estádio, mas não faz ali, TC09 se referiu ao fato de tratar os amigos com mais intimidade e conviver com pessoas afeminadas. O sujeito afeminado, como o próprio termo indica, é reconhecido pelas marcas da representação do feminino sobre seu corpo, considerado pouco viril, sensível e delicado.

Pudemos observar, em nossas idas aos estádios, diferentes masculinidades, mas todas elas evidenciavam a heteronorma. Conforme apresentado no primeiro capítulo, é possível entendê-las como inclusivas, no sentido atribuído por Anderson (2005, 2009), e híbridas, como ressalta Demetriou (2001). Entretanto, ainda que flexíveis, elas não permitem outras formas de ser masculino que não aquelas vinculadas à figura do “macho”. Nesse sentido, Salih (2015, p. 111) nos lembra que “o sexo é performativamente constituído quando um corpo é categorizado como ‘macho’ ou como ‘fêmea’” e, sendo assim, os “afeminados” vazam por esse binarismo e são indesejados no futebol.

Parece potencializada a *homohysteria* (ANDERSON, 2009, 2011; MCCORMAC e ANDERSON, 2014) nos estádios, diante da dúvida ou associação da sexualidade dos sujeitos à homossexualidade, mais detidamente, nos significados que o corpo afeminado pode revelar sobre sua dominação e passividade.

Trevisan (1998, p. 158) reflete sobre o fato de que, no mundo masculino, “as afirmações de virilidade apoiam-se em escoras externas, de modo que a fala de um único elemento coloca em risco todo o edifício”. Coadunamos com essa análise de que a “masculinidade é hesitante justamente por ter se articulado, quase que obsessivamente, sobre uma negação: ‘homem não é mulher’”. E “não ser passivo é provavelmente sua escora maior (TREVISAN, 1998, p. 158).”

Sobre a virilidade, Badinter (1993) adverte que ela não é “dada de saída”, sendo o homem um artefato e, como tal, passível de “apresentar defeito”. Para a autora, essa dúvida acompanha os homens por toda vida, “o próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhes exigem provas de sua virilidade. ‘Prove que você é homem’ é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente” (BADINTER, 1993, p. 04).

Retornando ao aparente mimetismo assumido pelos torcedores entrevistados, TC10 declara:

Eu lido de boa porque é aquilo, né! Você não tá na testa escrito que você é gay ou não, acho que tudo vai mesmo da sua postura, seu comportamento, né! E querendo ou não a sociedade define padrões, né!

Eu acredito que a pessoa, vamos dizer, ela tenta se privar muito, ela fica muito de boa, né. Mas, se bem que não tem muito disso. Ali é um momento de extravasar que, vamos dizer, quem é bicha louca mesmo, vai ser bicha louca no estádio. No estádio não tem como você ficar mascarando alguma coisa, você é o que você é. Cê pode ficar ali de boa tentando manter sua postura, igual você falou, pra evitar te rotularem, mas você vai ser o que você é. Você tá no estádio de futebol, seja jogo de seleção ou time, não tem jeito, uma hora [risos] você vai se soltar. Não tem jeito, não tem jeito.

“Os padrões definidos pela sociedade” refletidos na devida postura a ser representada em determinados contextos, configuram-se como um discurso heteronormativo reproduzido por TC10 e que está alinhado com os discursos dos demais sujeitos desta pesquisa. Considerando-se a orientação homossexual que todos eles afirmaram, é possível identificar em suas vivências, enquanto torcedores, práticas claramente heteronormativas. Miskolci e Pelúcio (2017), assim como Junqueira (2012), questionam como a homofobia se reproduz entre os homossexuais, estabelecendo ordenamentos e hierarquias de poder sob um referencial fortemente marcado pelas relações heterossexuais e que se manifestam na “afeminofobia”.

Esta última reflexão de TC10 expressa duas coisas: a posição de estabelecido que o gay comportado assume nos espaços de assistência e prática do jogo, de maneira mimética e

heteronormativa e a segregação do chamado “bicha louca”. Embora TC10 argumente sobre a impossibilidade de ser o que não se é fora do estádio, quando inquerido sobre ter vivenciado algo semelhante, ele disse não se lembrar. Há espaço para “bichas loucas” na torcida? Aparentemente, no que tem sido observado por nós, não.

TC03 – *O mundo hoje não me propicia isso, de falar pra [...] chegar no estádio e me assumir, tipo e tudo mais, porque eu sei que se eu fizer um trem desse eu vou ser agredido, eu vou ser, sabe? É muito complicado isso. Às vezes, eu vou no estádio, assim, às vezes, cê olha assim, e cê vê e fala assim – ‘Aquele cara é gay’. Às vezes, você vê um casal. Cê percebe, quem é sabe. Tipo assim, às vezes, você percebe nas outras pessoas, só que eles estão ali, tipo, cada um no seu canto. Não tem nenhum gesto de carinho entre eles. Não tem nada.*

Parece haver um contingenciamento consciente dos gestos e afetividades, exceto o permitido em situações de euforia, como nos casos de gol e forte emoção no jogo. O policiamento relatado, abaixo, por TA04, aproxima-se da síntese justificada por TC03, TC06 e TA11 sobre a “postura”, o disfarce, o mimetismo.

TA04 – *Cê olha e cê vê. Mas, daquele jeito, cada um no seu canto, tentando manter uma postura, porque acho que eles sabem também que se eles fizerem qualquer coisa ali [...] então, tipo assim, você vê que existe, mas, nada nem [...] tipo assim, o pessoal tenta disfarçar ao máximo por saber que é um ambiente que não aceita esse tipo de coisa. Não aceita.*

TC06 – *Nunca sofri nenhum tipo de preconceito, assim, agressivo, que pudesse me constranger, mas eu tento ficar mais reservado também pra evitar esses problemas.*

TA11 – *Então, acaba que dentro do estádio você não consegue ver muito isso. Porque o público também não é um público que chega ali e se demonstra, né, pra tentar enfrentar aquilo. Não existe um público gay que vá pro estádio tentando enfrentar isso.*

É importante que esses torcedores reflitam sobre quais alicerces “isso”, dito de outra forma, as formas de preconceito e violência no futebol estão assentadas, ao invés de banalizar essas práticas no contexto esportivo, como se ele pudesse ser descolado da sociedade.

O discurso de TA12 é muito expressivo e consubstancia, junto dos demais torcedores, a apropriação da experiência de torcer por homens gays, nesse caso, sob maior vigilância por se dar dentro das TO's.

TA12 – É [...] só que tem aquela questão de esconder bastante dentro da torcida organizada. Aí eu aceitei e entrei dentro da torcida. Já faz mais ou menos uns 4 anos que eu tô na torcida organizada e aí que eu comecei a ver a quantidade, também, de gays que existe dentro. É, não só que vão no jogo por lazer, mas também como dentro de torcida organizada.

Um dado novo, presente no discurso de TA12, diz respeito ao modo como este torcedor se refere à prática de torcer experimentada pelos torcedores que estão fora das TO's – “os que vão por lazer”, atribuindo assim à sua experiência e de seus companheiros como algo ligado ao trabalho, à obrigação. De fazer, junto com o time, o espetáculo acontecer.

TA12 – [na TO] a postura é diferente, quando eu tô na torcida organizada, por exemplo, eu já chego, você fala de mulher, e cê fala que cê pegou isso e aquilo. Às vezes, nem é tudo verdade. [...] mas a gente aumenta algumas coisas pra não dar a entender o que você é realmente, pra não ter problemas pro time. Na torcida eles não sabem que eu sou gay, assim como não sabem de alguns outros integrantes da torcida e de outras torcidas.

Segundo este torcedor, é preciso produzir todo um *mise-en-scène* para que suas atitudes sejam avaliadas positivamente e a imagem masculina e viril se mantenha ilibada, visto que

se eles virem que é algo que pode prejudicar a torcida, sem dúvida nenhuma, prejudicar a imagem da torcida, sem dúvida nenhuma, eles vão tirar (TA12).

TC15, TA13 e TA04 usam os termos “blindagem”, “respeito” e “prevenção” como atitudes assumidas por eles em suas experiências com o torcer e reforçam os padrões estéticos para a homossexualidade invisível nos estádios. Isso se dá uma vez que “a experiência da abjeção deriva do julgamento negativo sobre o desejo homoerótico, mas sobretudo quando ele leva o rompimento de padrões normativos como a demanda social de que gays ou lésbicas sejam ‘discretos’” (MISKOLCI, 2016, p. 44). Ou seja, não pareça gay, não desloque o gênero e não modifique seu corpo.

De acordo com Miskolci (2016), os deslocamentos de gênero e as mudanças nos corpos tornam meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transexuais vítimas de violência⁸¹. Dessa forma, os exemplos apresentados pelo autor mostram “como a sociedade reage mais violentamente com relação ao rompimento das normas ou convenções de gênero do que com relação à orientação sexual” (MISKOLCI, 2016, p. 44). Para nós, isso é exatamente o que explica a lógica de circulação e permanência de torcedores homossexuais nos estádios – o fato de não parecerem gays ou mesmo de não reivindicarem essa identidade ali.

TC15 – Eu não tento ter uma postura que expresse isso quando eu tô num ambiente tipicamente pra [...] de futebol. Porque isso geralmente é o primeiro xingamento de uma torcida pra outra ou até pro seu próprio [...] Ah! - ‘viado, bichinha, joga essa bola’, ‘faz esse tipo de coisa’. Então eu me blindo disso e acho que não passo essa, ou deixo uma conotação de, de nenhuma característica sexual de opção, de condição sexual e [...] acho que não tem essa, essa [...]. Acaba que não mostro isso, então eu não sinto do lado da minha torcida esse tipo, algum preconceito em relação a isso, por não me expor assim.

Eu também acho que o meu comportamento não gera uma [...] não atrai olhares, né, essa condição. [...] eu acredito que hoje, ainda, tenho uma postura que não chama tanta atenção.

⁸¹ Nessa passagem do texto, me recordei de um dos debates sobre futebol, gênero e violência ocorridos no GEFuT, já há algum tempo. Em uma dessas discussões, uma integrante do grupo, também ligada ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG (NUH), mencionou o fato de travestis relatarem, em uma situação de pesquisa, a necessidade de se abrigarem em espaços fechados para se protegerem, durante os dias de jogos no Mineirão, principalmente durante a Copa de 2014, visto que alguns dos acessos ao estádio correspondiam exatamente ao trajeto ocupado por “pontos” de prostituição, nas conhecidas avenidas Pedro I e Pedro II (rota de muitos torcedores). Elas relataram ser, constantemente, vítimas da violência e agressividade de torcedores de passagem por lá, vindos do estádio.

TA13 – *Porque eu acho que depende de cada um, né. Porque tem gente, o que a gente fala, o afeminado, né, entre aspas. Isso me incomoda? Não. O que me incomoda é a forma de respeito.*

TA04 - *Eu acho que, naturalmente, no campo muda o comportamento, assim, talvez até mesmo sem perceber você entra naquele universo, lá, e muda o seu jeito até mesmo pra prevenir alguma coisa.*

Os enunciados acima nos convidam a refletir sobre o que Kimmel (1989), citado por Badinter (1993, p.10), vai chamar de “invisibilidade” do gênero masculino, que tanto contribuiu para sua identificação com o humano. “É mais que comum”, diz ele, “tratarmos os homens como se não tivessem gênero, como se sua experiência pessoal do gênero não tivesse importância”. Fica mais claro entender o destaque dado por Kimmel, a partir do exemplo traduzido na citação a seguir:

o autor desta proposição diz que tomou consciência pessoal disso ao assistir uma discussão entre uma mulher branca e uma mulher negra sobre a questão de saber se a semelhança sexual superava as diferenças raciais:

- Quando você olha pela manhã no espelho, o que vê?

- Vejo uma mulher – respondeu a branca.

- É exatamente este o problema – replicou a mulher negra. - Eu vejo uma negra. Para mim a raça é visível a cada dia, porque ela é a causa do meu *handicap* nesta sociedade. A raça é invisível para você, motivo pelo qual a nossa aliança sempre me parecerá um pouco artificial (KIMMEL, 1989 *apud* BADINTER, 1993, p. 10).

Podemos depreender que o mimetismo assumido pelos torcedores gays dá a eles a “tranquilidade”, manifestada nos discursos analisados, de experimentar os privilégios historicamente concedidos aos homens em suas vivências nos estádios. No entanto, há que se ponderar até onde vão esses privilégios, considerando-se outros marcadores sociais, como raça e geração que são evidentes ao olhar, numa análise interseccional.

O recurso das aspas também é muito comum nos enunciados por ora apresentados e, pode ser entendido, segundo Charaudeau e Maingueneau (2016, p.173) como “uma modalização por remissão a um outro discurso, (“no dizer de Y...”), as múltiplas formas de alusão a discursos já proferidos”. Geralmente, tem por finalidade eximir do locutor o valor atribuído ao que foi dito. Tirar de si o efeito ideológico que o discurso inegavelmente assumiu, como expressou TA13: “afeminado, né, entre aspas”. Isso se confirma pelo recorrente uso do “né”, buscando assimilação e aprovação de seus ouvintes/interlocutores.

Retornando ao léxico clubismo, adotado por Damo (2005) para designar a forte vinculação emocional entre clube de futebol e torcedor, é possível visualizá-lo de maneira muito significativa quando os sujeitos atuam nas arquibancadas e cadeiras dos estádios de futebol (BANDEIRA, 2015). Para Damo (2005, p. 389) na vivência plena das emoções de um jogo é importante “sentir-se parte de uma das agremiações que integram o ritual agonístico, mas isso não é suficiente. O pertencimento precisa ser mobilizado, quer dizer, sensibilizado e aflorado”.

Um aspecto destacado por TC09, TA05, TA01, TA04, TC03 e TA12 diz respeito ao envolvimento com o clube, demonstrado através de investimentos pessoais, assumidos por eles como prova de apoio ao time. Como, por exemplo, acompanhar o time em jogos fora de casa (em outras cidades e até mesmo outros países), comprometendo, em alguns casos, outras demandas pessoais, como as descritas a seguir:

TC09 – *Ir a pé pro estádio⁸² [...] nó! Muita coisa. De vender coisas pra comprar ingresso pra ir no clássico, quando era o antigo Mineirão.*

TA05 – *Eu já viajei uma vez para o Rio de Janeiro, inclusive, pra assistir um jogo do Atlético e Flamengo, lá.*

TA01 – *Já fui pra Argentina pra ver jogo do Galo.*

TA04 – *Quando eu morava no Rio eu vinha em muitos jogos, alguns jogos decisivos, eu vinha do Rio pra cá, fazia um bate e volta só pra ver o jogo. E já fui pra outros lugares também, pra ver jogo.*

A expressão bate volta, de maneira complementar, evidencia a relevância atribuída ao clube e o envolvimento do torcedor em momentos importantes para o time. De maneira semelhante, TA12 dá um tom de comicidade às desventuras já vividas em prol do Atlético.

⁸² TA09 é residente no bairro Céu Azul, um dos bairros mais populosos, situado na região da Pampulha, em Belo Horizonte, e faz divisa com a região de Venda Nova e a cidade de Ribeirão da Neves. A distância e o tempo médio para realizar esse deslocamento, à pé, é de aproximadamente 8,3 km e 1 hora e cinquenta minutos, respectivamente. Fonte: *site* da prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Google Maps.

TA12 – *Do campeonato brasileiro de 2016, nos jogos em casa, eu não faltei nenhum. Libertadores, Brasileiro, Campeonato Mineiro e, jogos fora de casa, eu procuro viajar também. [...] eu tenho um problema, um machucado na cabeça, interno, de um acidente que eu sofri voltando de um jogo do Galo. Na maior correria, num bate e volta, só pra ver o jogo. Isso aconteceu no jogo de ida, né [o acidente]. No jogo de volta, eu sai do hospital, fui pro jogo todo quebrado. O Galo foi eliminado [risos]. Foi muito louco.*

TC03 é natural do interior do estado de Minas e descreve a paixão pelo clube como um incentivo para que ele se mudasse para a capital mineira. E, ainda que não exercesse atividade remunerada, tendo em vista sua condição de estudante, dedicava o que “sobrava” de sua renda para assistir os jogos do Cruzeiro no estádio.

TC03 – *Talvez, um dos motivos que me fez vir morar em Belo Horizonte seja esse. [...] eu já vim com isso na cabeça. Lá no fundinho eu já sabia, falava assim – ‘Não, o Cruzeiro tá lá também’. Então, tipo assim, é mais um motivo. Eu tinha esse encantamento com estádio, de longe já, aí, quando eu vim [...] acho que era 2013, quando eu cheguei aqui, eu assisti todos os jogos daquela temporada. Então, tipo assim, era uma coisa que, eu pegava o meu dinheiro que sobrava e era pro Mineirão.*

O choro é, em primeira instância, uma prova incontestável do pertencimento destes torcedores com seus clubes, de maneira que o ato de se emocionar com o time é uma das marcas que vão compor o *ethos* torcedor constituinte de suas identidades. Embora chorar exponha uma “fraqueza⁸³” emocional e afetiva, a qual o homem é ensinado a negar, o choro pode ser compreendido, no universo do futebol, envolvendo seus diferentes agentes, como algo polissêmico, investido dos múltiplos significados atribuídos à sua causa.

⁸³ A pesquisa realizada por Soares *et al.* (2016) “*O choro do capitão*”: notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional, em síntese, reflete como as condutas de Thiago Silva, capitão da seleção brasileira na Copa de 2014, foram associadas “a processos de ‘descontrole’ e ‘despreparo’ psicológico, materializados no choro, resultando na ‘inadequação’ à posição de capitão, com consequente perda de *status* e poder. Os discursos ancoram-se nos processos de normalização das masculinidades e da naturalização de ideais viris e heteronormativos no futebol, em que o ‘controle’ das emoções, a supressão do choro e a heterossexualidade ocupam centralidade”(SOARES *et al.*, 2016, p. 149).

TA12 – *Porque eu já deixei de chorar por muita coisa, que eu deveria chorar, e choro pelo Atlético por causa de uma derrota, porque perdeu um campeonato.*

Os discursos sobre o sentimento pelo clube são evidenciados pela emoção nos enunciados dos torcedores miméticos arguidos por nós. Eles utilizam “expressões com potencial de provocar emoção”, presentes em “palavras que descrevem emoções, palavras que desencadeiam emoções, enunciados que podem produzir efeito patemizante, verbos que selecionam emoções, princípio de proximidade, calamidades, princípio da avaliação e expressões modalizadoras” (CASTANHEIRA, 2017, p. 142).

Charaudeau (2010) apresenta a patemização como uma categoria de efeito emergente da situação sociocultural na qual está inserida, e prefere usar os termos “pathos”, “patêmico” e patemização em lugar de emoção, o que permitiu dissociar a análise do discurso, se necessário, da psicologia e da sociologia.

“A organização do universo patêmico depende da situação social e sociocultural na qual se inscreve a troca comunicativa” (CHARAUDEAU, 2010, p. 37). Exemplo disso está na representação discursiva que os diferentes torcedores apresentaram em relação ao sentimento, entrega e devoção ao seu time de futebol. As diferenças de classe e idade, por exemplo, levaram esses torcedores a vivenciarem experiências culturais, talvez, distintas, no que se refere, principalmente, à temporalidade em que elas se deram e às possibilidades de acesso a elas.

Entendemos, como apresenta Charaudeau (2010, p. 37) que “o efeito patêmico pode ser obtido tanto por um discurso explícito e indireto, na medida em que as próprias palavras têm uma tonalidade patêmica, quanto implícito ou indireto, na medida em que as palavras parecem neutras deste ponto de vista”.

TA08 – *Eu não sou um torcedor, é igual o Chico Pinheiro fala "a gente não é torcedor, a gente é atleticano.*

TA08 apresenta um sentido diferenciado para a definição sobre seu sentimento pelo clube, evidenciando que seu envolvimento pelo clube supera o dos demais torcedores,

dos demais clubes. Essa especificidade é reconhecida pela torcida do Atlético que grita “acreditar até o fim do jogo” e, mesmo amargando tantos anos sem títulos nacionais e internacionais, manteve cativo seu grande número de torcedores⁸⁴.

TC09 – *Já fiz – Nó! - loucuras pelo Cruzeiro.*

TC10 – [sobre o sentimento pelo clube] *Muito forte, eu vou em todos os jogos, eu sou sócio, eu gosto de acompanhar, eu [...] eu tenho grupos de amigos que vão ao estádio, então o pessoal sempre reúne antes de ir ou durante, né! Lá mesmo, se for no mesmo setor, ou toma cerveja depois, então, eu sou bem ativo em relação [...] torcer e pelo Cruzeiro.*

O consumo de produtos do clube, pacotes de transmissão exclusiva dos jogos (*pay par view*) e a vinculação como sócio torcedor também são elementos presentes nas entrevistas dos demais torcedores. TA02, por exemplo, alegou ter presenteado seu companheiro com um pacote de transmissão de jogos do Atlético, considerando a dificuldade de acompanhar os jogos nos estádios, quando mandante, em função dos altos preços praticados, mas, principalmente, pelo horário dos jogos:

A televisão estraga tudo e coloca no horário que quiser. Eles até brincam: - 'Ah, mas o jogo vai ser no horário de puta. Coloca o jogo 21:30, 21:45'. Aí se você for ao estádio você vai sair de lá meia noite. Aí não tem metrô. Aí tem que ir de carro. Se você vai de carro é um absurdo (TA02).

Ainda sobre o sentimento pelo clube, TA05 pondera:

Eu não sei como te dizer, assim, como que vem isso lá dentro, como que é isso lá dentro. Eu fico muito triste quando o Atlético tá numa situação complicada, eu fico triste. Eu fico feliz quando o Atlético, quando ele ganha. Entendeu?

⁸⁴⁸⁴ A título de curiosidade, considerando todo o território nacional, a pesquisa Datafolha, publicada em 13 de abril de 2018, ranqueou as equipes brasileiras, segundo a quantidade de torcedores: Flamengo 18%, Corinthians 14%, São Paulo com 8%, Palmeiras com 6%, Cruzeiro e Vasco com 4%, Grêmio, Internacional e Santos com 3%, e Atlético-MG com 2%, Bahia, Botafogo, Fluminense e Vitória têm 1% cada. Todos os outros times citados somam, juntos, 8%, e 22% dos entrevistados disseram não torcer para nenhum time.

TA05, assim como TC03, TA04 e TA11 afirmam que os resultados dos jogos e a campanha do clube chegam a afetar seu humor:

Eu fico chateado. Eu fico mal-humorado, eu acordo a segunda-feira mal-humorada (TA05).

Modifica meu humor, modifica minha rotina. Se o Cruzeiro teve uma grande vitória, amanhã eu vou amanhecer muito feliz. Perde, é o mesmo... aí é uma depressão (TC03).

Tem hora que cê tá eufórico, alegre. Tem hora que cê quer explodir, tá com raiva (TA04).

Caso de chorar, se sentir alegre, conforme o resultado do jogo (TA11).

Todos os entrevistados disseram acompanhar todos os jogos do seu time e o fazem de diferentes maneiras: no estádio, sempre que possível, já que se trata da forma preferida de assistência (exceto para TA01); pela televisão (em barzinhos, na própria casa ou na casa de amigos); pelo rádio ou ainda pela internet (sites, blogs, redes sociais e aplicativos digitais). Para muitos deles, cria-se uma espécie de programação centrada no jogo, servida de ansiedade e muito otimismo.

Ainda sobre o sentimento nutrido pelo clube, TA01 revela grande euforia ao expressar, com dificuldade, sua identidade atleticana. Demarca o sentimento de partilha com o clube, independentemente dos resultados positivos e títulos, acionando um tom de solidariedade, parceria e cumplicidade.

TA01 – Ah, cê tá é doido! Eu sofri com o time até ganhar a Libertadores.

Assim como faz TA04:

Ah! Eu não sei descrever [risos]. É meio estranho pensar, às vezes, o que a gente sente. Porque é um sentimento [...] eu não sei. É uma coisa que mexe muito com a gente, comigo.

TA02 consegue fazer uma descrição menos passional sobre o sentimento reservado ao time, mas, ainda assim, “ponderando”, declara seu pertencimento clubístico.

TA02 – Então se for dizer de sentimento, eu posso dizer que eu sou um torcedor que gosto do meu time, mas não sou apaixonado pelo time. Talvez eu não tenha aquela paixão que aí muito atleticano vai falar: - ‘Ah, cê não é atleticano’. Nossa! Eu já sofri tanto com o Atlético, já gritei, já fiquei rouco, muito, pelo Atlético. Hoje eu consigo ponderar isso melhor.

Outra ponderação apresentada por TA02 e que se aplica aos demais casos diz respeito ao envolvimento com o futebol também enquanto prática de lazer, visto que muitos deles integram grupos de “pelada” ou, ainda, equipes masculinas que se organizam para competir em torneios e campeonatos regionais. E, para além do pertencimento clubístico, reforçam seu gosto pelo futebol, não se furtando à possibilidade de ver um “*bom jogo de futebol*”, sempre que possível.

TA12 – O Atlético perde, eu choro. Quando por exemplo, na final da Copa do Brasil, Atlético e Grêmio, eu tá chorando no estádio e a Globo ir e me filmar chorando. Já apareci também comemorando o título da Libertadores, em 2013. Vou em todos os jogos que eu posso.

O choro e a fidelidade marcada nas afirmativas sobre o acompanhamento dos jogos do seu clube são expressões muito frequentes e enfáticas no discurso dos torcedores. Acreditamos, uma vez relevada sua homossexualidade para nós, que o discurso dos entrevistados se orientava pelo desejo de que não pairassem dúvidas sobre o seu potencial, enquanto torcedor, como “verdadeiros” torcedores do Atlético ou do Cruzeiro. O que TC03 expõe sintetiza muito bem essa questão para o grupo de entrevistados:

Eu sou gay, mas eu sou apaixonado por futebol. Acompanho, tipo, tanto quanto muito hétero ou mais do que muitos e, tipo assim, isso é irrelevante.

TA13 traduz seu sentimento como fraternal e paternal com o clube, esclarecendo:

Por exemplo: perde um jogo, fico puto, aquele negócio e tal, mas depois já tá fazendo as pazes. De pai, aquela vontade de querer ajudar de alguma forma pra que ele vá adiante. Como sendo sócio torcedor e aquela coisa toda pra ajudar o clube, aquele trenheiro todo.

TA14 reflete sobre a dimensão diferencial que o pertencimento clubístico manifesta na vida do torcedor de futebol, diferentemente e independentemente da afinidade expressa em outras atividades esportivas ou em outras formas de identificação possível.

Sempre torci. Raramente você vê alguém que [...] é muito raro você vê alguém que troca de time ou que desgosta assim. Quando desgosta é porque desgostou do futebol não por causa do time.

3.3 A identificação com o clube e a indiferença quanto à homossexualidade invisível

Como você lida com a sua sexualidade e o envolvimento com o seu clube? Essa questão fechava a entrevista e revelava como esses torcedores, condicionados à experiência do estádio e de outros contextos de assistência e prática do futebol, vivenciavam seu clubismo diante de suas homossexualidades.

O que se viu foi um investimento nas formas idealizadas de gênero para que as vantagens não lhes fossem alheias, frente às desvantagens das hierarquias de poder e possível exclusão. Os discursos dos torcedores alinham-se ao fato de que, como compreende Bento (2011, p. 552), uma vez que “as práticas sexuais se dão na esfera do privado” é no gênero que se tenta “controlar e produzir a heterossexualidade” idealizada na heteronormatividade.

Assim, podemos entender que o *ethos* assumido no discurso dos torcedores homossexuais configura-se muito ligado ao sentimento afetivo, à emoção e à cumplicidade compartilhada com o clube e aos sacrifícios que essa relação requer. Os torcedores miméticos, quando necessário, fluem em seus torceres as características naturalizadas para os espaços das arquibancadas, disciplinando seus corpos, de maneira vigilante, como “blindagem”. Alguns deles, replicantes à virilidade requerida, aceitam

de forma consciente as violências praticadas no futebol, ora entendendo-as como inerentes à ritualidade que este fenômeno esportivo manifesta, por singularidade, ora criticando velhos modelos e hierarquias de poder heterossexistas e homofóbicos, quando oportuno.

De maneira geral, os torcedores miméticos tratam com indiferença a suposta incongruência entre a sua homossexualidade e seu pertencimento clubístico. Recusam identidades fixas, “cruzam fronteiras” e movem-se entre os territórios simbólicos de diferentes identidades, assumindo uma identidade ambígua. O que “é ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade” (SILVA, 2014, p. 89).

TC07 – Bom, pra mim eu me dou muito bem, assim, porque eu tenho uma outra postura, assim, sabe? Eu não frequento lugares gays. Geralmente eu não saio acompanhado, eu não tenho amigos gays, né. Eu sou muito na minha. Eu tenho uma vida muito assim, entendeu? Então, pra mim, tudo normal.

TC07 condiciona-se à lógica heteronormativa e a reproduz, ainda que se reconheça como gay. Talvez por representar uma geração diferente da maioria dos demais entrevistados, ele parece carregar consigo uma série de dificuldades para expressar sua sexualidade e a vive “a sete chaves”, reservando sua intimidade e total privacidade. Os hábitos de vida de TC07 aparecem em seu discurso orientados pela negação e pautados pelos incontestáveis pudores que a “normalidade” requer.

TA05, contemporâneo a TC07, também busca referências na normalidade e trata as duas expressões, de pertencimento e sexualidade, como escolhas de vida.

Então, quando existe um amor, uma paixão, como eu tenho pelo Atlético, independentemente de eu ser gay ou ser hétero, aquilo pra mim é normal. Hoje eu vejo isso. Então, hoje, eu tiro de letra. Não tem nada a ver o fato de eu ser gay e ser atleticano. Pra mim, as duas coisas são normais. Eu torcer pelo Atlético, ninguém tem nada com isso. Eu fiz essa escolha. E eu ser gay, ninguém tem nada com isso. É uma escolha minha.

É possível perceber uma série de deslizamentos presentes em formações discursivas ligadas à normalidade, fundamentados em discursos biológicos, religiosos e de valor moral, de maneira que ao seu oposto, ou seja, ao anormal seja atribuído o sentido pejorativo, patológico e desqualificante, condizente com o que está desalinhado à norma.

TA08 – *É normal. É como se fosse normal, um torcedor atleticano qualquer.*

TA04 relata ser indiferente, visto que tem “tudo bem resolvido” com sua sexualidade e o futebol. Ele afirma que “*o sentimento não muda de jeito nenhum*”, independe da sexualidade, e conclui não ser por ela que manifesta seu torcer e clubístico.

Ah! Eu sou muito bem resolvido, então [...] eu não tenho problema nenhum com isso. Pra mim, não faz diferença nenhuma. Eu vou continuar gostando do mesmo jeito, frequentando estádio, torcendo. Às vezes a gente fica com raiva e tudo, mas passa. O sentimento não muda de jeito nenhum. Pelo menos pra mim é assim.

Observem que os advérbios “hoje” e “mesmo”, utilizados a seguir, nos permitem entender que a masculinidade que se deseja firme, às vezes, escapa nos ambientes da torcida, exigindo um investimento de aprendizagem e vigília para que ele possa se manter “confortável” para TA15:

Hoje eu consigo ser um torcedor, da forma que eu sou, dependendo do ambiente tento me blindar mais, me policiar mais, mas me sinto muito confortável de torcer, de tá [...] mesmo sendo gay, de torcer pro Cruzeiro. Acho que não interfere na paixão.

TC03 – *Eu não vejo uma associação entre, tipo, minha sexualidade com a minha paixão pelo Cruzeiro. Uma coisa que difere da outra. Futebol tá cheio disso, cheio de sexismo. ‘Mulher não vai entender de futebol, mulher não vai gostar de futebol. Homem gosta de futebol e gay não gosta de futebol’. Essas são convicções plantadas pela sociedade, tipo assim, tem que ser. E não é. Eu me considero uma prova disso. Eu sou gay, mas eu sou apaixonado por futebol.*

No enunciado acima o léxico “gay” é insinuado como um “terceiro gênero”, contudo, ao fim da oração TC03 é assertivo ao reportar sua condição de torcedor em comparação a muitos outros héteros, afirmando sua sexualidade irrelevante frente a sua identidade de torcedor.

TA02 – Se o cara é gay, se ele não é. Se o jogador é gay, se não é. Se o torcedor é gay, se não é. Não faz o mínimo sentido, a mínima diferença. O cara tá é torcendo porque ele quer que o time dele ganhe. Olha! Minha sexualidade [...] eu acho que ela não influi.

TC06 – Eu não tenho problema quanto a isso. Pra mim, assim, ser homossexual e ir ao campo também... eu me igualo as outras pessoas que tem afinidade por esse esporte, porém, a gente sabe que é um pouco difícil [...] a gente sabe que tem esse preconceito por trás, né. [...] de adversários e até mesmo na própria torcida.

TA12 relembra algumas exceções e concessões possíveis no estádio e justifica a omissão de sua homossexualidade, apesar de, também, não anunciar sua heterossexualidade. No entanto, TA12 se esquece de que em nossa sociedade a heterossexualidade é tomada como compulsória e que ninguém é vítima de violência e de assassinato pelo fato de ser hétero, diferentemente da população LGBT.

Então, eu ajo com naturalidade. O que eu sou dentro de campo - lógico, exceto pelos xingamentos, que a gente fica nervoso - mas o que eu sou dentro de campo eu sou do lado de fora [...] eu não minto no que eu sou. Lógico, eu omito. Eu não cheguei pra ninguém e falei – ‘eu sou gay’ - mas também não cheguei e falei – “eu sou heterossexual” (TA12).

TA13 e TC10 disseram reconhecer a existência de outros gays no estádio, o que modificou a leitura desses torcedores sobre as possibilidades de vivência deste equipamento de lazer.

Eu comecei a perceber que tem vários gays ali. Eu comecei a observar que realmente é uma tremenda de uma bobagem. Eu não tenho que deixar de ir em lugar nenhum porque eu sou gay! (TA13).

Então ali eu lido de boa, porque é uma coisa que me faz bem que eu gosto de vivenciar, de participar e acredito que ninguém tem direito de invadir o espaço do outro pra questionar orientação ou qualquer outro tipo de classificação que a sociedade impõe. Eu penso assim, então eu lido de boa. Até porque eu conheço outras pessoas que vão também (TC10).

TA14 atribui os problemas de segregação e preconceito à torcida, o que preserva sua relação positiva com o clube e a distância dos demais torcedores. TA14 desliza seu discurso em reprovação ao comportamento inoportuno das torcidas.

Eu consigo separar a torcida e o time, sabe? Eu consigo ter uma paixão pelo time e antes eu era muito apaixonado pela torcida do galo. Hoje um pouco menos, cada vez menos. E eu consigo, nesses ambientes, nessas situações de homofobia e de machismo, eu consigo, entre aspas, jogar isso tudo pra culpa da torcida e menos no clube. E quando eu joga no clube, eu joga na diretoria não joga na instituição como um todo, sabe?

Diferente dos demais entrevistados, TA11 não é indiferente à sua sexualidade e o sentimento pelo time, ele parece evitar qualquer aresta que possa arranhar sua vivência de torcedor, talvez, diante do contexto amoroso em que vive hoje, bem como as consequências que um relacionamento homossexual lhe imputa. O que é causa possível para sua visão saudosista do antigo estádio Mineirão, dos antigos torcedores, de sua adolescência livre dos dilemas e responsabilidades da vida adulta.

TA11 – O assunto sexualidade é um assunto fechado comigo. Eu não gosto que fique provocando a respeito disso, pra ninguém. O preconceito é ruim em qualquer lugar. Então, não existe forma de defender o preconceito. Tem que acabar com isso. Agora, cada pessoa reage de uma forma. A minha reação [...] não costuma dividir minha [...] com outras pessoas.

4 CAPITULO III

4.1 O paradoxo da gentileza e da violência potencializada

O espaço é tornado território pela apropriação e dominação social. “[...] tornado território pela apropriação e dominação social num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais” (HAESBAERT & LIMONAD, 2007, p. 49).

Ainda sobre o território, Haesbaert (2012, p. 13) afirma que o mesmo envolve uma “ordem de subjetividade individual e coletiva”, a possibilidade de os grupos manifestarem articulações territoriais de resistência, em contraposição ao “espaço liso”, homogeneizante, imposto pela ordem social e política dominante. Ou seja, “os territórios estariam ligados a uma ordem de subjetivação individual e coletiva e o espaço estando ligado mais às relações funcionais de toda espécie” (HAESBAERT, 2012, p. 82). Isto é, diz respeito ao uso comum ou papel fundante daquele espaço produzido.

No caso dos estádios,⁸⁵ observamos essa apropriação e uso do espaço do futebol como território carregado de sentidos que reforçam e preservam uma territorialidade resistente a todo e qualquer comportamento que destoe de seu enredo “fundante”, obviamente cunhado pelo apelo à tradição. Assim, podemos depreender, como indica Robert Sack (1986), que a territorialidade para esse contexto é usada como estratégia de controle sobre um território. Ângelo Serpa nos ajuda a compreender isso melhor, ao dizer que

é no sistema de relações com o que lhe é externo, ou seja, com a alteridade, que a territorialidade pode ser definida. Ela está impregnada de laços de identidade, que tentam de alguma forma homogeneizar esse território, dotá-lo de uma área/superfície minimamente igualizante, seja por uma identidade territorial, seja por uma fronteira definidora de alteridade. (SERPA, 2011, p. 20)

⁸⁵ Com o advento da realização da copa do mundo de futebol - FIFA (2014), sediada no Brasil, vários estádios foram reformados, bem como outros foram construídos, assumindo a partir de sua (re)inauguração o nome de Arenas.

As atitudes e comportamentos dos torcedores reunidos num mesmo espaço coadunam em territorialidades típicas para esse fenômeno cultural, demarcando em seus contornos a robustez e a virilidade que se deve imitar. Nesse espaço onde confluem também as torcidas rivais, é preciso estabelecer um ordenamento físico, a fim de preservar a integridade física de torcedores de ambos os times em disputa, sujeitos à violência pulsante, enaltecida pela emoção e furor do jogo.

A reforma dos estádios, transformados em Arenas Multiuso, assim como a construção desses novos espaços para receber os jogos da Copa do Mundo – FIFA 2014, nas diferentes capitais do Brasil, são exemplos desse novo ordenamento arquitetônico dos antigos estádios, desenvolvendo “novas/outras sensibilidades”, bem como disciplinando o comportamento dos torcedores nos jogos, seja pela estrutura física das arquibancadas, seja pela visibilidade e policiamento que os torcedores ganharam nesses novos equipamentos de lazer.

A análise dos elementos que compõem a morfologia urbana, tais como ruas, calçadas, edifícios e muros, espaços públicos, torna-se essencial ao entendimento de como as formas também estimulam ou inibem, concentram ou dispersam, fazem com que a “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”, como ressalta Lefebvre, se altere também de acordo com esta base física, “prático-sensível”. (DANTAS, 2011, p. 99)

Sobre esse ordenamento do espaço, Gomes (2012) faz referência tanto aos espaços demarcados nos estádios, como ao trajeto pré-estabelecido para torcedores e torcidas rivais em dias de jogos, em seus deslocamentos para o campo. Nesses dias, os espaços públicos, assim como as regras que orientam seu funcionamento, sucumbem ao interesse privado.

Em diversas ocasiões o poder público interferiu para criar trajetos especiais e roteiros diversos para diferentes grupos de torcedores. Os meios de transporte que conduzem os torcedores aos jogos também são objeto de apropriação. Tudo se passa como se a excepcionalidade do evento tomasse conta da cidade. [...] desfilam seu domínio pela cidade. (GOMES, 2012, p. 244-245)

Bandeira (2017, p. 64) também discorre sobre as concessões no espaço urbano e na dinâmica de circulação de pessoas nos dias de jogos, alterando o panorama do bairro e/ou da cidade onde elas ocorrem. “Existe um funcionamento diferenciado nas cidades mobilizando agentes de trânsitos, segurança pública... Há, também, uma série de

permissividades para algumas ações como ‘buzinaços’ ou torcedores com o corpo para fora dos carros”. No trabalho de observação desta pesquisa, foi possível verificar as cenas descritas por Bandeira no entorno do estádio e pela cidade e, ademais, pudemos notar como a tolerância e a gentileza são potencializadas no espaço das torcidas e torcedores coirmãos, no sentido fraternal empregado a este termo.

Como acontece costumeiramente em dias de jogo no estádio Independência, localizado em um bairro afastado da região central, contornado por ruas estreitas por todos os lados e com acesso pelas ruas paralelas, ao lado de maior extensão do campo, os torcedores se concentram nessas duas ruas, antes do início da partida, para encontrar outros torcedores, bater papo e comprar bebidas e comidas. Nos dias de jogos, são vendidas comidas típicas dos estádios da capital mineira (churrasquinho, feijão tropeiro, bolinho de feijão, entre outros quitutes), bebidas alcoólicas (há um grande consumo de cerveja) e não alcoólicas.

Dentro do estádio, como o objetivo de quem está na torcida parece ser o mesmo daquele com quem ele divide o espaço das arquibancadas, supõem-se haver uma identificação coletiva em apoio ao time, para que ele vença o jogo. Os níveis de tolerância são potencializados em função de um bem maior, que é torcer coletivamente. Dentre as concessões, é comum observar que algumas atitudes, que em outros contextos poderiam desencadear algum atrito - como esbarrões, empurrões e pisões no pé -, são tratadas com mais paciência e, quase sempre⁸⁶, são relevadas. Reiterando as concessões, o uso do cigarro é outra prática que chama muita atenção, visto que em todos os demais espaços sociais, fumar é proibido⁸⁷, combatido e uma atitude intolerável – salvo nos estádios, onde nenhum registro de coerção ao tabagismo foi percebido por nós.

A partir do quadro em que se inscrevem os estádios de futebol, sobretudo, nas grandes cidades cujos clubes têm maior visibilidade e, por isso também, um número bem expressivo de torcedores, a relação de pertencimento clubístico condicionada a uma forma de torcer que afirma em suas práticas a máxima “futebol é coisa de macho”, o

⁸⁶ Embora tenhamos optado por esse registro, não observamos nenhuma atitude que representasse a exceção, o “quase”, para as situações descritas, durante o processo de observação nos estádios.

⁸⁷ Aprovada em 2011, mas regulamentada em 2014, a Lei 12.546 proíbe o ato de fumar cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos em locais de uso coletivo, públicos ou privados, como *halls* e corredores de condomínios, restaurantes e clubes – mesmo que o ambiente esteja parcialmente fechado por uma parede, divisória, teto ou toldo.

futebol pode ser, portanto, o lugar de afirmação da masculinidade dominante, ortodoxa no modo como se (re) produz, resistente às masculinidades subordinadas (CONNELL, 1995).

O preconceito e o cerceamento a homens gays nos territórios do futebol (podemos pensar nos territórios que se constituem em função dessa prática, como por exemplo, o próprio estádio de futebol, ou qualquer outra aglomeração de torcedores em bares, praças ou outros espaços de produção desses territórios) é mais evidente. Na realidade, não tão evidente assim, visto que falar sobre homossexualidade no futebol constitui um campo minado e cheio de silenciamentos.

O tabu nas arquibancadas e nos gramados sugere a fragilidade de uma tradição inventada prestes a eclodir, assim como já aconteceu em outros esportes, onde atletas profissionais se declararam homossexuais antes de encerrarem suas carreiras. Um exemplo é o jogador de rugby Gareth Thomas, jogador emblemático do País de Gales, o primeiro a jogar 100 partidas por sua seleção, que afirmou o fato de manter em segredo sua homossexualidade como a parte realmente difícil de sua carreira. Segundo ele, a batalha que teve que travar como pessoa foi dez vezes pior que as batalhas no campo: *“Eu era forte fisicamente, mas mentalmente fraco e com medo”*.⁸⁸

Embora a sexualidade de jogadores e torcedores seja assunto silenciado e perene (até os dias de hoje), nas discussões sobre futebol, seja no campo acadêmico ou nos ciclos sociais que compõem o cotidiano, é fato também, que ambos os sujeitos são afetados pelo debate sobre diversidade, diferença, alteridade, identidade de gênero e sexualidade. Em pleno século XXI, por certo, os torcedores, assim como grande parte das pessoas, são afetados direta ou indiretamente por diferentes gêneros e sexualidades (na sua própria família, círculo de amizades, trabalho, escola e em outras redes de significação estabelecidas em nossa sociedade).

⁸⁸ Reportagem exibida em 15 de setembro de 2015, no Jornal El País, com o título “Como sair do armário no esporte mais duro quase me levou ao suicídio”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/14/deportes/1442233054_020541.html. Acesso em 20 de abril de 2018.

A categoria “Torcedor Mimético” é oportuna para representar algumas vivências de torcedores nos estádios. Ela faz referência aos torcedores gays que, mesmo diante de um contexto excludente e homofóbico, transitam por esse território, movidos pelo pertencimento clubístico, como personagens fiéis aos modelos viris, de uma masculinidade padrão e irrefutável.

Mas por que o campo do futebol, na contramão das discussões sobre gênero e sexualidade que se dão nas várias esferas sociais, arrefecem esse debate e sustentam uma postura homofóbica em relação ao acesso de homossexuais a essa prática de lazer?

As relações de pertencimento e apropriação do espaço também reforçam esse paradoxo sobre o futebol como território restritivo. Pensando nos grandes estádios, hoje denominados de Arenas Multiuso, que, como o próprio nome sugere, recebem além dos jogos de futebol outras formas de entretenimento, como exposições, shows musicais, feiras, encontros e outros tantos eventos, quais sentidos são atribuídos ao uso desse espaço devotado ao futebol? Ao que parece, como já sinalizado por Sack (1986), Serpa (2011), Haesbaert (2012) e Gomes (2012), a produção desse espaço e os significados que a ele são atribuídos são transitórios e dinâmicos. Correspondem ao sentido pessoal que cada sujeito ou o seu coletivo fazem dele.

Por exemplo, são diferentes os sentidos atribuídos pelos torcedores aos estádios de futebol em dias de jogos. Quanto mais eles se aproximam desse espaço, mais vão conformando seu território numa energia vibrante, entoando o nome do time, os seus cânticos e flamulando as bandeiras e os acessórios característicos na indumentária do torcedor e de sua torcida.

A violência física e simbólica que em outros espaços parece estar mais contingenciada, nos estádios e em seu entorno parece ser potencializada também em direção aos torcedores, jogadores e todos aqueles que se apresentem ou sejam reconhecidos como prejudiciais aos resultados do seu time (como o trabalho da arbitragem, por exemplo) e, conseqüentemente, de sua torcida. A troca de ofensas e a predisposição para o enfrentamento ficam facilmente evidenciados pela exaltação dos ânimos dos torcedores. Diferentemente do que se observa em outros eventos realizados nesse mesmo lugar -

como nos shows, feiras e festivais - ou na apreciação do jogo junto a torcedores rivais em bares – como corriqueiramente também acontece.

De maneira geral, os torcedores miméticos apresentaram uma representação violenta sobre a torcida. Eles não se dirigem exclusivamente às TO's em seus enunciados, no entanto, dão indícios de que os episódios que denotam falta de respeito e todo tipo de violência manifestada a outrem (quase sempre aos rivais), partem das organizadas e “contaminam” os demais torcedores.

TA05 – A gente sabe que o futebol é muito violento. Os torcedores, principalmente de torcidas organizadas, eles são violentos. Então, eu acho que isso também espanta um pouco os gays do ambiente do futebol. Mas eu acho que a gente ainda tá um pouco longe de conseguir chegar num patamar, um nível de cultura, um nível de relação, sabe, sadia, entre torcedores e o meio gay, torcedores e os jogadores. Acho que vai demorar um pouco.

TA01- Qualquer torcida não se respeita.

TA02 – Sempre há um embate entre torcedores, né.

Para essa análise, é importante perguntar: a quais gays TA05 está se referindo? Seria o gay afeminado, estigmatizado? Este torcedor organiza sua reflexão do lugar de estabelecido, de quem reproduz a heteronorma por estar enquadrado por ela, visto que em outro momento de seu discurso diz se sentir “*no meio de iguais*”, quando dentro da torcida. Sua projeção de mudança carrega a esperança de transformação atrelada ao imaginário caricatural de torcedores afeminados, como já se observou na Coligay, distintamente reconhecidos dentro do estádio por sua oposição performativa em relação à virilidade dos demais. Já TC07 e TA12, apresentam generalizações ao desconsiderarem indistintamente o comportamento de torcedores não violentos e de torcidas amistosas, irmãs.

TA14 aponta o grande potencial educativo de que o futebol e o torcer dispõem. Reconhecer essa possibilidade é fundamental para vislumbrarmos a desconstrução de pilares de preconceito tão sedimentados na cultura desse esporte.

TA14 – Como educador, eu acho que o esporte tem uma veia muito de educação e eu sempre acreditei nisso até pela minha formação no karatê e tudo. Que o karatê tem isso de respeitar o adversário de: -"Olha! Precisa o adversário estar aqui pra fazer o esporte". E isso, no futebol, meio que se perde muito o respeito ao adversário e isso eu não gosto não.

Naturalizar o comportamento agressivo, sexista e homofóbico presente nos estádios e no campo do futebol como um todo é também negligenciar a violência sofrida por mulheres, homens, transexuais, homossexuais, entre outros, sustentada pela lógica desse jogo para homens com “agá”, como questiona DaMatta (1997). Bandeira e Seffner (2013, p. 268) confirmam esse quadro de violência, ao afirmar que ela “é produzida na cultura e seus diferentes significados são construídos em um terreno de lutas por significação”. Para eles, a possibilidade de descrição da homofobia como uma violência, curiosamente, pode servir para democratizar o espaço futebolístico. Entendendo a construção de desigualdades e diferenças entre masculinidades como forma de violência, conclui-se que algumas masculinidades parecem ser mais humanas do que outras.

4.2 “É proibido proibir” (?): algumas resistências num torcer e jogar requebrante

Anderson (2005) entende que atitudes conservadoras são passadas de geração em geração, sem a devida reflexão em busca de mudanças, o que ocorre reiteradamente com as estruturas de dominação masculina vigentes no esporte. No entanto, ressalta a inserção histórica das mulheres nos espaços esportivos como inspiração para que homens não “hipermasculinizados” contestem a dominação masculina no esporte.

Um exemplo dessa resistência pode ser situado na organização de times de futebol gay, criados em várias capitais e grandes cidades do Brasil nos anos de 2017 e 2018. Esse coletivo de jogadores assumiu um contradiscurso sobre o imperativo de que “gays não

gostam de futebol” e tem mobilizado dezenas de homens homossexuais para a prática desse esporte. Alguns eventos realizados nos anos de 2017 e 2018, como a Primeira Champions Ligay de Futebol, no Rio de Janeiro e sua Segunda edição na cidade de Porto Alegre, demonstram como essa iniciativa tem ganhado corpo como uma ação política e grande notoriedade em alguns veículos midiáticos. Organizados em uma liga nacional, a Ligay Nacional de Futebol (LGNF)⁸⁹ conta com a participação de várias equipes que estão confirmadas para a próxima edição do torneio, previsto para o segundo semestre de 2018.

Figura 08 – Cartaz com logo da Ligay que será sediada na cidade de São Paulo/2018, com a relação de equipes participantes



TIMES ATUAIS:

Atualmente a LIGAY é composta pelas seguintes 16 (dezesesseis) equipes:

AFRONTA F.C.,
BULLS FOOTBALL SP,
DIVERSUS FUTEBOL CLUBE,
FUTEBOYS F.C., e
UNICORNS BRAZIL,
todas da Cidade de São Paulo, SP;

ALLIGAYTORS SOCCER CLUB
BEESCATS SOCCER BOYS e
KARYOCAS CLUB FUT7,
todas da Cidade do Rio de Janeiro, RJ;

BARBIES ESPORTE CLUBE da Cidade de Goiânia, GO;

BHARBIXAS E.C., e
MANOTAUROS F.C.
da Cidade de Belo Horizonte, MG;

BRAVUS FUTGAY de Brasília, DF;

CAPIVARA FUTEBOL CLUBE da Cidade de Curitiba, PR;

MAGIA SPORT CLUB e
S.C. PAMPACATS
da Cidade de Porto Alegre, RS; e

SEREYOS SC da Cidade de Florianópolis, SC.

Fonte: Arquivo da Ligay, 2018.

⁸⁹ As informações sobre a Ligay foram retiradas de suas páginas sociais, sendo elas o veículo de comunicação direta com as lideranças dessa liga. Via Facebook e Instagram, basta clicar nos campos de busca/pesquisa os caracteres @ligaybr.

Longe do que se espera ser algo recente, provisório e inconsistente, o “Magia”, equipe de Porto Alegre, reúne jogadores homossexuais há mais de uma década e, segundo uma das lideranças do grupo, está sendo produzido um documentário que conta a história dos treze anos de existência do grupo, reunidos em torno de uma paixão - a vivência prática do futebol.

Figura 09 – Cartaz com chaveamento da Primeira Champions Ligay, sediada no Rio de Janeiro/2017



Fonte: @ligaybr

Figura 10 – Cartaz com chaveamento da Segunda Champions Ligay, sediada em Porto Alegre/2018



Fonte: @ligaybr

Em Belo Horizonte, duas equipes também se organizam com seus grupos de jogadores homossexuais: o BHarbixas⁹⁰ e o Manotauros. O primeiro identifica-se como um “time mineiro LGBT de futebol, [...] com a proposta de promover a diversão, a liberdade de expressão e a diversidade através do esporte”, fundado em 25 de junho de 2017. O segundo, identifica-se como mais um time mineiro no segmento LGBT, cujo lema é “juntos somos mais fortes”, e tem sua fundação em 11 de dezembro de 2017 (dados disponíveis na página oficial dos times no *Facebook*).

Acompanhando as redes sociais das equipes vinculadas a Ligay, é possível observar a visibilidade que vários veículos de comunicação (matérias jornalísticas e programas de televisão de grande circulação regional e nacional) têm dado às questões relativas a existência, resistência e participação de homens homossexuais no futebol, como jogadores, dirigentes, técnicos e torcedores; e o combate ao discurso homofóbico que ainda impera nos estádios. Um bom exemplo está no fato de alguns programas esportivos e jornalísticos pautarem os gritos homofóbicos nos estádios com evidente reprovação, sinalizando a necessidade de atitudes inibidoras e, mais que isso, educativas na produção de uma pedagogia da diferença em substituição a do insulto, na cultura do futebol.

As imagens abaixo também apontam algumas atitudes inovadoras em relação à possibilidade de debate sobre o preconceito e significados atribuídos ao estádio como “a casa dos homens” e espaço de validação da masculinidade heteronormativa. As duas fotografias revelam o pioneirismo da administração do Mineirão ao acolher duas agendas da minoria LGBT. A primeira delas diz respeito à iluminação da faixada do Mineirão com as cores do arco-íris, símbolo do movimento, no dia Internacional do Orgulho Gay, no dia 28 de junho de 2017, em ação conjunta com a Secretaria de Estado de Direitos Humanos de Minas Gerais. A segunda é referente ao evento comemorativo de um ano de fundação dos BHarbixas, com a liberação do estádio, incluindo o uso do campo para um amistoso entre jogadores de várias equipes da Ligay. Foi a primeira vez que o Gigante da Pampulha⁹¹ recebeu um jogo assim em sua história.

⁹⁰ O BHarbixas F. C. foi a primeira Campeã da Champions Ligay realizada no Rio de Janeiro, em novembro de 2017.

⁹¹ Gigante da Pampulha é como também é conhecido o Estádio Governador Magalhaes Pinto, ou, simplesmente, Mineirão.

Figura 11 – Iluminação da fachada do Mineirão com as cores da bandeira LGBT



Fonte: Google Imagens

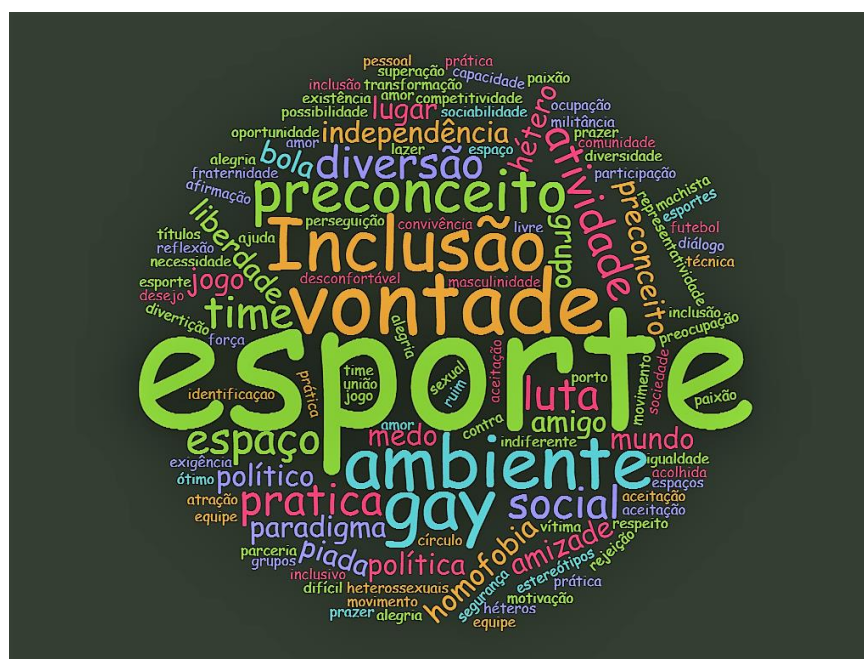
Figura 12 – Aniversário de um ano do BHarbixas, no Mineirão



Fonte: @bharbixas

Em contato virtual com atletas das equipes vinculadas a Ligay, após a primeira edição organizada no Rio de Janeiro, foi lhes apresentado um questionário com perguntas que versavam sobre sua vinculação ao time que integravam e o que os motivava a participar de um time de futebol formado, exclusivamente, por homens homossexuais. A nuvem de palavras abaixo apresenta a resposta de 55 jogadores dessas equipes:

Figura 13 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração própria

As palavras dispostas na figura 13 representam os termos centrais destacados pelos jogadores sobre suas motivações. Aquelas que apareceram com maior frequência nas respostas, consequentemente, ganharam maior destaque na composição do desenho e apontam para o seguinte entendimento: o esporte se revela como prática de grande interesse para esses jogadores; o ambiente inclusivo criado para uma sociabilidade gay, nos times de futebol, possibilita-lhes o acesso a esse bem cultural, muitas vezes negado em outros espaços sociais; a prática resistente de um esporte marcado historicamente pela negação de sujeitos fora da norma, questiona e representa uma posição política para a superação de preconceitos de gênero e de ordenamento heterossexual.

Referindo-se à lógica da hegemonia, Anderson (2009) nos lembra que aqueles que não se encaixam dentro do ideal dominante tendem a acreditar que seu lugar de dominado é certo e natural. Embora esse entendimento seja a base harmônica dentro das relações de poder e hegemonia, é inegável a “quebra de braço” que, uma hora ou outra, desequilibra os sistemas de disputa. Isso pode se observar no futebol, com a emergente manifestação de torcedores gays em relação aos seus clubes, bem como com os questionamentos sobre a banalização da homofobia nesses espaços. Acreditamos, como Gomes (2012, p. 250-251), que “dessa forma [...] a única promessa possível é a de lutar e combater por

um espaço de referência e de visibilidade na cidade, que passa a ser vista como um território aberto para a luta e a conquista.

‘Homossexualidade: o tabu das arquibancadas’⁹². Assim era intitulado o editorial da revista masculina, *Papo de Homem*, em sua seção de artigos e ensaios. Por não se tratar de uma revista para um público específico, como, por exemplo, as revistas destinadas a segmentos sociais ou de gênero, chamou atenção a evidência de um tema, como o próprio editorial afirmou – um *tabu*.

Esse mesmo artigo diz ser inevitável falar sobre esse assunto e apresenta pontos sérios a serem discutidos - a identidade do torcer e a territorialidade no futebol, visto que, segundo a revista online *Papo de Homem*, “enquanto torcedores formam grupos para dar visibilidade à homossexualidade, torcidas organizadas temem perda de espaço”.

Embora as torcidas *queer*, também chamadas de torcidas livres, surjam como fenômeno recente nos ambientes virtuais (a partir de 2013), há registros mais longínquos da existência de torcidas gays no Brasil. Poucos sabem que o espaço das arquibancadas já foi dividido com uma torcida “requebrante”: Coligay⁹³, “a alegre torcida do Grêmio”.⁹⁴

Lúcia Brito (2006), em reportagem publicada na revista *Imortal Tricolor*, totalmente devotada ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, afirmou que essa irreverente torcida teria surgido em 1977, destacando o destemor destes torcedores, em tempos de liberdades civis cerceadas e de inquestionável domínio de machos nas arquibancadas.

O Brasil vivia sob a ditadura militar e não eram tempos dos mais arejados. Era preciso ser muito macho para sair do armário e revelar a preferência sexual alternativa. Que dizer então de sair no maior modelão e ir para um estádio de futebol reduto praticamente exclusivo de homens com H, onde as poucas mulheres que se aventuravam a entrar eram alvo de grosserias no mais baixo nível. (BRITO, 2006, p. 24)

⁹² Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acesso em 23 de mar. de 2014.

⁹³ *Pari passu* a escrita deste trabalho, Luiza Aguiar do Anjos, sob a orientação da professora Silvana Goellner, tem desenvolvido seu trabalho de doutoramento “Desbunde e futebol: uma história da torcida organizada Coligay”, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Recomendando a leitura deste trabalho para maiores esclarecimentos, visto que as fontes disponíveis, até então, dão excessiva ênfase ao aspecto caricatural da Coligay em detrimento ao clubismo manifestado por seus torcedores.

⁹⁴ O nome Coligay faz referência e seria uma homenagem de Volmar Santos à boate Coliseu, voltada para o público homossexual, e à identidade dos componentes do grupo de torcedores. (Cf.) Gerchmann (2014).

“Eles passaram a levar faixas identificativas, a bailar – rebolando e levantando graciosamente o pezinho e quando uma bola raspava a trave defendida pelo goleiro do Grêmio, juntavam as palmas das mãos e soltavam agudos gritinhos de emoção” (FONSECA, 1977, p. 50). “Se destacavam pela animação, - cantando, gritando, pulando e rebolando o tempo todo – e pelo figurino extravagante, com túnicas sedosas esvoaçantes, plumas, paetês e muito, muito glamour” (BRITO, 2006, p. 24).

Para Gerchmann (2014), havia uma aparente relação de cortesia entre a Coligay e o Grêmio. Aos poucos, a Coligay foi ganhando a simpatia de outros torcedores e tornou-se uma espécie de amuleto para os jogos do Grêmio.

Figura 14 - Foto da torcida coligay⁹⁵.



Fonte: Revista *on-line* Papo de Homem, 2014.

Para além de uma eminente militância, a identidade e o pertencimento clubístico com o Grêmio sobressaiam aos interesses secundários da Coligay. Não bastava ser gay, era preciso ser gremista para entrar na coligay. Segundo Gerchmann (2014, p. 114), “[...] muitos colorados homossexuais queriam integrar a coligay, pelo que representava, mas

⁹⁵A tentativa de formar uma torcida organizada gay não é novidade no futebol brasileiro. Foi no dia 10 de abril de 1977, quando o Grêmio foi disputar uma partida pelo Campeonato Gaúcho contra o Santa Cruz (RS), que a novidade estampava as arquibancadas do estádio Olímpico: cerca de 60 torcedores homossexuais impressionaram os demais pela festa que faziam. Era a Coligay, a primeira torcida organizada assumidamente gay do Brasil. A Coligay foi fundada por Volmar Santos, que hoje é colunista social do jornal O Nacional, de Passo Fundo (RS). Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2014.

não eram aceitos, o que os levou, mais tarde, a criar a efêmera Interflowers. [...] se a orientação sexual os unia, também os unia a paixão tricolor.”

Outra torcida que surge nesse mesmo contexto é a torcida organizada Fla-gay, grupo que se dizia torcedor do Clube de Regatas do Flamengo. Entretanto, os dados apresentados por Rosa (2010), registram, diferentemente do sentimento atribuído à Coligay, uma grande rejeição à Fla-gay, sendo ela impedida de entrar nos jogos do Flamengo por decisão da própria diretoria do clube.

Ao que se sabe, nenhuma das torcidas gays resistiram ao tempo. Nesse sentido, a cronologia desenvolvida por Fachini (2006, p.84), em “três ondas”⁹⁶, demarca temporalmente os movimentos de militância LGBT no Brasil e nos permite aproximar o declínio das torcidas ao contexto histórico das décadas de 70, 80 e a partir de 90, no Brasil e no mundo. Isso fica mais claro no trecho abaixo, exposto por Rosa (2010, p. 169-170).

Se nas décadas de 1970 e início dos anos 1980, estes fenômenos tiveram alguma visibilidade midiática, o período seguinte seria silencioso a respeito das torcidas gays. O recuo do movimento organizado, desarticulado por múltiplos fatores internos e externos já tratados anteriormente, que marcaram a segunda onda do ativismo homossexual no país, parecia compor a explicação mais plausível para o desaparecimento daqueles grupos de torcedores. Em tempos de organização social fragilizada e do estigma flagelante da Aids, torcedores recolheram suas cornetas e faixas, mas quando o movimento refloresceu em meados dos anos 1990, elas não retomaram a expressividade que um dia obtiveram.

Segundo o *site* da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), o que se tem observado é o fato de que, desde 2013, muitos torcedores vêm utilizando as redes sociais⁹⁷ para se

⁹⁶Três períodos marcadamente distintos pelos quais passou esta militância: uma primeira onda correspondente ao “surgimento e expansão do Movimento durante o período de abertura política”, que se estende de 1978, com a fundação do grupo “SOMOS”, até meados da década seguinte, com a retomada do regime democrático e a emergência da Aids como “peste gay”; uma segunda onda, que compreende o restante da década de 1980, marcada por uma reordenação do Movimento que, Edward MacRae (1990) nomeou como um “período de declínio” e; uma terceira onda, caracterizada por um reflorescimento e constante expansão das atividades militantes, que teve início com a chegada dos anos 1990.

⁹⁷“Torcidas gays’ (ou atualmente chamadas de ‘livres’ e ‘alternativas’, numa reatualização da nomenclatura para incluir participantes outros, além de apenas os homossexuais) na discussão do cenário futebolístico brasileiro”. (SOUZA; CAMARGO, 2015, p. 04). Os *links* abaixo representam algumas das torcidas virtuais identificadas nas redes sociais. Acesso em 23 de mar. de 2014.

1) Atlético Mineiro: <<https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>>

2) Cruzeiro Esporte Clube: <<https://www.facebook.com/torcidacruzaiomaria>>

3) São Paulo: <<https://www.facebook.com/BambiTricolor>>

4) Grêmio: <<https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294>>

5) Vitória: <<https://www.facebook.com/ecvitorialivre>>

vincularem às torcidas organizadas gays de seus clubes. Essas torcidas têm utilizado esses canais para enfrentar o preconceito no futebol⁹⁸, ainda que nos espaços virtuais.

Analisando os depoimentos de Volmar Santos, idealizador da Coligay, e Felipeh Campos, idealizador da Gaivotas Fiéis⁹⁹, é possível perceber em seus discursos a vontade de torcer por seus clubes de futebol e usufruir dos espaços destinados a esse lazer:

Em entrevista, diz Volmar:

O que eles não entendem é que antes de tudo somos gremistas, que vibramos de paixão pelo nosso clube. Toda essa turma que está aí já vinha ao estádio há muito tempo, e a única diferença é que agora estamos reunidos, torcendo numa boa, na nossa” (FONSECA, 1977, p. 49).

De maneira semelhante, sobre seu pertencimento, relatou Felipeh Campos, em entrevista cedida ao site Terra:

Sou corintiano roxo, ou rosa, como preferirem. Quero ter mais acesso aos estádios. Evitar represálias já vivenciadas por amigos. Quero ser torcedor como qualquer homem. Por que antes de ser gay, sou homem e sou corintiano. Quem vai me impedir?

Nesse contexto, a afirmação da orientação sexual não pode sobrepujar a afirmação do ser torcedor. Se assim acontecer, a torcida será tornada meio, e não fim em seu relacionamento com o clube e a vivência do torcer. Funcionará, muito mais, como “vitrine” para manifestação política (pública) de uma identidade minoritária, do que como espaço identitário constituído a partir do envolvimento afetivo por um time/clube. Segundo Bandeira (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2013), as torcidas gays/livres estão vinculadas “a uma série de ações, especialmente as afirmativas, dos movimentos sociais e, claro, a potencialidade das redes sociais que alteram os lugares tradicionais de autoria e permitem uma exposição de correntes distintas de pensamento”.

6) Bahia:<<https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767>>

7)Internacional:<<https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713>>

8) Palmeiras:<<https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>>

⁹⁸<http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol>. Acessado 23 de mar. de 2014.

⁹⁹ Entrevista cedida ao *site* Terra. Ver em <<http://esportes.terra.com.br/corinthians/idealizador-de-gaivotas-fieis-felipeh-campos-diz-sofrerameacas,9050eaa2886d1410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>> . Acessado em 23 de mar. de 2014.

Corroboramos as ideias de Camargo e Souza (2015, p. 05), que consideram o papel vanguardista da Coligay, evidenciando um novo tipo de sociabilidade torcedora e desestabilizando a neutralidade masculina do ambiente esportivo no futebol e que, em certa medida, “inspirou tantos outros torcedores dos dias de hoje a se organizarem de maneira a protagonizar a sexualidade homossexual como ocorre nas torcidas virtuais de clubes na internet”, embora lhes seja tolhido o direito ao estádio.

O afeminado desrespeita a ordem heteronormativa, por isso é agressivo aos olhos de tantos outros homens. O trabalho realizado por Anjos e Silva Júnior (2018, no prelo), intitulado “Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro”, narra duas histórias de práticas dissidentes no futebol, uma no torcer e outra no jogar. A primeira é sobre Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, torcedor do Grêmio e ex-integrante das torcidas organizadas Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Máquina Tricolor. A segunda é sobre Gustavo Mendes, fundador do BHarbixas, equipe de futebol formada por homens gays de Belo Horizonte.

Entendemos como esses autores que,

por vezes, os agrupamentos gays são marcados pela particularidade: a Coligay como uma torcida gay, os BHarbixas como um time gay. São outra coisa, outro futebol, e talvez, seja justamente por serem entendidos dessa maneira que algumas pessoas e grupos avessos a mudanças no ambiente tradicional do futebol consigam conceder-lhes tolerância. Se por um lado tal identificação é um instrumento de visibilidade e de representatividade do próprio grupo, também assume ares de guetificação e segregação (ANJOS; SILVA JÚNIOR, 2018, no prelo).

Ainda que outro futebol, como esclarecem os autores, o lugar de fala assumido por esses homens homossexuais lhes garante, em última instância, desestabilizar uma série de paradigmas ancorados, ainda hoje, sobre as mais diversas formas de preconceito e segregação, historicamente, preservados no futebol institucionalizado.

Por fim, confluímos a afirmativa de Bandeira e Seffner (2013, p. 247), pois reforçam o entendimento de que “dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol a masculinidade possui preponderância”. Os autores observam duas características particulares da masculinidade do futebol: “ela é machista

e homofóbica”. Quando naturalizada, essa homofobia não é entendida como violenta, o que se pode ver, corriqueiramente, nos cânticos, traduzindo os entendimentos que as torcidas possuem sobre masculinidade, sexualidade e futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais se aproxima dos estádios ou de outros núcleos de representação do futebol mais se vê alimentado nesses espaços o fulgor da excitação e violência pulsante. Não que a violência esteja reservada a um público específico, definida pela identidade de gênero ou comportamento típico, mas parece expressivo o fato de que nesses espaços, ocupados em sua maioria por homens cis, a expressão de sentimentos devotados ao seu time preferido sejam mais reflexos e fluídos - ser interpretado como torcedor adversário, por exemplo, pode representar um risco imprevisível entre torcidas rivais. E essa violência parece se potencializar em relação à homossexualidade de homens gays.

O policiamento sobre as fronteiras de acesso, restrição e segregação ao campo do futebol são orientados por dispositivos heterorreguladores que afastam desse lugar o corpo abjeto do torcedor gay, uma vez que ele compromete a “essência” do “verdadeiro” torcedor, cuja representação está indissociável a uma condição viril e heterossexual. O que não significa dizer que não existam torcedores, jogadores profissionais, árbitros, dirigentes e técnicos gays no futebol. Contudo, o salvo conduto para que esses sujeitos se apropriem e sejam enquadrados está em afastarem-se da suspeita de sua orientação sexual, ao passo que se aproximam da masculinidade ali esperada.

O silenciamento é, por vezes, o armário de muitos homens gays no campo do futebol; a blindagem possível no tolhimento de suas vozes, gestualidades, vestuários e identidades inadequadas para as arquibancadas e para o campo. O desconforto e a polêmica, inerentes ao assunto futebol e homossexualidade, buscam na omissão e no não reconhecimento de uma associação possível entre esta prática esportiva e outra orientação sexual, destoante da heterossexualidade, blindar o imaculado jogo com os pés, uma vez que este esporte é reconhecidamente o espaço de afirmação e resistência de uma masculinidade hegemônica e singular.

Um exemplo da construção de gênero e do engessamento ocasionado na figuração de masculinidades e feminilidades se reproduzem no futebol, assim como em outras cenas

do cotidiano. O armário abriga não só os gays, mas todos aqueles que precisam se misturar, passar despercebidos ou mesmo atuar – como atores - em certos contextos.

Dentro dessa lógica, a representação sobre o jogador/torcedor de futebol não pode ser violada por atitudes que o “feminizem” e corrompam o seu gênero. Um outro argumento trazido por Junqueira (2013) refere-se a frases do tipo “vira homem, moleque!”, tão comumente relatadas. Além de pressuporem uma única via natural de amadurecimento para os ‘garotos’ (que supostamente devem se tornar ‘homens’), tais expressões subjazem a ideia de um único modelo de masculinidade possível.

Embora uma alternativa útil, o armário representa também a estrutura definidora da opressão gay, onde são trancadas as subjetividades e as diferentes formas de ser masculino no mundo. Por isso é providencial falar sobre homofobia no futebol, bem como dar visibilidade a outras formas de preconceito no esporte, para que comportamentos naturalizados sobre gênero e os estigmas que daí foram alicerçados sejam solapados pelo discurso do respeito à diferença.

Outro aspecto que merece atenção consiste no posicionamento institucional dos clubes e o envolvimento dos jogadores em questões tradicionalmente invisibilizadas, como a diversidade sexual no futebol. Vale lembrar que a figura heroica do atleta ressoa nos torcedores e, não por menos, muitos desses têm sua imagem vinculada a produtos ou ideias por seu alto poder de sedução, cuja imagem e credibilidade é refletida sobre o que é anunciado (produtos e ideias). Assim, podemos estimar quão responsáveis são os jogadores e seus discursos para desestruturar uma série de preconceitos presentes na sociedade e que podem, no campo esportivo, fazer emergir discussões, por ora, providencialmente, sucumbidas por uma narrativa normativa.

Os deslocamentos de gênero e as mudanças nos corpos é o que torna tantos sujeitos vítimas de violência. Para nós, opor-se a isso é exatamente o que explica a lógica de circulação e permanência de torcedores homossexuais nos estádios – o fato de não parecerem gays nem reivindicarem essa identificação ali.

Entendemos, como aponta Meyer (2013, p. 13), que “nada é ‘natural’, nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e

resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada”.

Neste trabalho, foram apresentados principalmente as interseções dos discursos dos torcedores entrevistados, tendo em vista a heterogeneidade desses sujeitos e de seus discursos, o que se constituiu em uma extensa e variável quantidade de dados. Alguns paralelos puderam ser observados nesses discursos e serão desdobrados em discussões futuras, em um recorte que permita caracterizar, de maneira mais particular, o discurso e a prática social dos colaboradores desta pesquisa.

Observamos discursos mais inflamados pela emoção e outros mais racionalizados, numa análise menos passional sobre a relação torcedor e clube, aflorando algumas reflexões críticas sobre um “outro lado do futebol”, o que, no entanto, não nos permitiu inferir a negação de um pertencimento clubístico ou desprestígio pelo futebol, ainda que algumas atitudes da torcida e da diretoria do clube sejam questionadas por alguns dos colaboradores desta pesquisa.

Os torcedores gays ouvidos por nós relataram ter o futebol como fenômeno que atravessa suas vidas de maneira muito expressiva, carregado de afetividade e de grande importância pessoal. Nesse sentido, eles negam qualquer relação existente entre a orientação sexual que vivenciam e o sentimento que nutrem pelo clube e pelo futebol. Entretanto, com isso perpetuam comportamentos heterossexistas e homofóbicos nos ambientes de assistência dos jogos, principalmente nos estádios, para que as relações que estabeleceram com o esporte continuem sendo validadas como naturais, valorizadas como próprias do torcer e, portanto, garantam que eles continuem preservados nesses territórios.

É preciso desnaturalizar as formas de preconceito, a partir do entendimento de que os gritos e outras manifestações de cunho homofóbico colaboram para reafirmar um caráter negativo à homossexualidade e um lugar de inferioridade para aqueles que destoam das normas de gênero e da heterossexualidade.

Para isso, entendendo o estádio de futebol como espaço institucionalizado e de vivência, pedagógica, necessitamos de políticas inclusivas aos torcedores, e aí não só aos gays,

mas também, aos mais pobres, às mulheres, aos idosos, às crianças, e a todos aqueles e aquelas que têm sido prejudicados nas suas respectivas permanências nos estádios e desejam estar lá dentro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de Si no discurso: a construção do ethos**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2016.

ANDERSON, Eric. Assessing the sociology of Sport: On changing masculinities and homophobia. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50 (4-5), 2015.

ANDERSON, Eric. **In the game: gay athletes and the cult of masculinity**. New York: State University of New York, 2005.

ANDERSON, Eric. **Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities**. Nova York: Routledge, 2009.

ANDERSON, Eric. Inclusive masculinities of university soccer players in the American Midwest. **Gender and Education**, v. 23, n. 06, 2011.

ANDERSON, Eric; McCORMACK, Mark; LEE, Harry. Male Team Sport Hazing Initiations in a Culture of Decreasing Homophobia. **Journal of Adolescent Research**, v. 27, n.4, 2012.

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM). **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 26, n. 2, p. 167-179, 2015.

ANJOS, Luiza Aguiar dos: “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. de 2015.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Histórias de um futebol fora do armário. **Mosaico**, 2018, no prelo.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação** v. 15, n. 44 maio/ago. 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. **Esporte e Sociedade**, ano 07, n. 19, 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: Elitização, Racismo e Heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2017.

- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, jul./dez., 2013.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 985-998, jul./set. de 2016.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 11. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2017.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. v. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, mai/ago, 2011, p. 549-559.
- BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. **Revista Cult**. 2016. Acesso em 13 de maio de 2016. <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados/>>
- BHABHA, Homi. A outra questão. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrande Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniel Kern/Gulherme J. F. Teixeira. 1 ed. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- BRITO, Leandro Teófilo; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, Ahead of Print, v. 12, n. 2, maio/ago. 2017.
- BRITO, Lúcia. Nação Tricolor: Coligay. In: **Revista Imortal Tricolor**, n. 03, jan. 2006, p. 24.
- BROWN, Gavin. Pensando Além da Homonormatividade: Explorações Performativas de Economias Gays Diversificadas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 125-138, jan. / jul. 2013.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, S. CORNELL, D. **Feminismo como crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGO, Wagner Xavier. A relação esporte-homofobia sob o olhar interdisciplinar. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. , Florianópolis, v. 11, n. 99, p. 207-213, jul./dez. 2010.

CAMARGO, Wagner Xavier. Gênero e Esporte: masculinidade e feminilidades? **Revista Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 378-385, jul./dez. 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier. **Por uma 'etnografia dos vestiários'**: do futebol e outros esportes na sexualização dos espaços. In: 36. Encontro Anual da ANPOCS, 2012, Águas de Lindóia. Programa e Resumos. São Paulo: ANPOCS, v. 1. p. 1-20, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier. Nos armários da sexualidade: polêmicas no futebol alemão. **Contemporânea**, Florianópolis, v. 3, p. 10 - 11, 13 jan. 2013a.

CAMARGO, Wagner Xavier. Polêmicas contemporâneas no esporte: o caso de um beijo. **Pontos de Vista**, LUDENS (USP), v. 1, p. 1 - 4, 09 set. 2013b.

CAMARGO, Wagner Xavier. Notas Etnográficas sobre Vestiários e a Erotização de Espaços Esportivos. **Revista Ártemis**, v. 17, p. 61-75, 2014a.

CAMARGO, Wagner Xavier. Entre o óbvio e o escamoteado: o futebol (masculino) em tempos de Copa. **Novos Debates: fórum de debates em Antropologia**, Brasília, p. 25 - 32, 04 jul. 2014b.

CAMARGO, Wagner Xavier. 'Gays também gostam de Futebol!'. **Pontos de Vista**, LUDENS (USP), p. 1 - 3, 24 jun. 2014c.

CAMARGO, Wagner Xavier. Haraway no país do Futebol: o caso do exoesqueleto de Nicolelis. **Pontos de Vista**, LUDENS (USP), p. 1 - 2, 17 jun. 2014d.

CAMARGO, Wagner Xavier. Homossociabilidades Esportivas. **Pontos de Vista**, LUDENS (USP), v. 1, p. 1 - 3, 10 jul. 2014e.

CAMARGO, Wagner Xavier. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. R@U: **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR**, v. 6, p. 41-62, 2014f.

CAMARGO, Wagner Xavier. Esportes, Política de Estado e Homofobia institucionalizada: Sochi-2014. **Pontos de Vista**, LUDENS (USP), v. 1, p. 1 - 3, 07 mar. 2014g.

CAMARGO, Wagner Xavier. Sexualidade em foco: um debate via Ciências Humanas. **Caderno de Pesquisa em Ciências Humanas**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 15, n106, p 235-242, jan. /jun. 2014h.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas Insurgentes no Esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 22, p. 1337-1350, 2016.

CAMARGO, Wagner Xavier. A sexualidade determina o modo de torcer? **LUDOPÉDIO**, São Paulo, v. 93, n 1, p. 1 - 5, 19 mar. 2017.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: Gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan/abr. 2017.

CAMARGO, Wagner Xavier; SOUZA, Vinicius Gomes de. Coligay e a diversidade sexual no campo esportivo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-6, jan. /jun. 2015.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2010, 142fls.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão: suas características e relações com o clube e com o estádio. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASHMORE, Ellis; CLELAND, Jamie. Glasswing Butterflies: Gay Professional Football Players and Their Culture. **Journal of Sport and Social Issues**. 2011, p. 420-436.

CASTANHEIRA, Dennis da Silva. Patemização e humor em manchetes do jornal “meia hora”. In: GOUVEIA, Lúcia Helena Martins (Org.). **Argumentação pela emoção: um caminho para persuadir**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2. ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CAUDWELL, Jaine. Gender, feminism and football studies. **Soccer & Society**, v. 12, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, Willian; MENDES, Emília (Orgs.). **As emoções no discurso**. v. 1. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia (Orgs.). **As emoções no discurso**, volume II. Campinas, SP.: Mercado das Letras, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CLELAND, Jamie. Discussing homosexuality on association football fan message boards: A changing cultural context. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50 (2), 2015, p. 125-140.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, jan./abr, 2013.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação e Realidade**. jul/dez, 1995.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2016.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro. Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto (org.). Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP – Dossiê Futebol**, n. 22, pp. 10-17, 1994.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? In: CALDAS, Dario. **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **MotusCorporis**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto: 39-72, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec e ANPOCS, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Renato; AMARO, Fausto (org.). **Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 1 -28.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas. Editora Unicamp, 1997.

DAÓLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

DEMETRIOU, Demetrakis Z. Connell's Concept of Hegemonic Masculinity: A Critique. **Theory and Society**, v. 30, n. 3, p. 337-361, 2001.

DUNNING, E. & MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, v. 2, 1997, pp. 321-348.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erik (org.). **A busca da excitação**. Lisboa, 1992.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar, 2000.

FEREZ, Sylvain. **Le corps homosexuel en-jeu**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2007.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. Tese (Doutorado) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FONSECA, Divino. Para o que der e vier. In: **Revista Placar**, n. 370, mai. 1977, p. 48-50.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANZINI, Fábio. Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. v. 25, n. 50, 2003, pp.316-328.

FREITAS, M. **Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd55/paixao.htm>> Acesso em 07 de março de 2015.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. Austin: University of Texas Press, 2008.

GASTALDO, Édison. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul/dez 2005, p. 107-123.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3. Florianópolis, set./dez. 2011, p. 875-893.

GERCHMANN, Léo. **Coligay: Tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. **Soccer: Sociology of the global game**. Cambridge: Polity Press, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Record**: Revista de História do Esporte. Volume 5, n. 1, junho de 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sobras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, abr./jun., 2005, p.143-51.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição - Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

GRIFFIN, Pat. **Strong women, deep closets**: Lesbians and homophobia in sport. Champaign, IL: Human Kinetics, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, setembro de 2012. Disponível em <[http://w3.msh.univse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE Rogério Haesbaert. pdf](http://w3.msh.univse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rog%C3%A9rio%20Haesbaert.pdf)>. Acesso em 25 de junho de 2015.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **etc, espaço, tempo e crítica**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas, n. 2 (4), v. 1. Ago. 2007.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p.68-75, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino/Feminino**: o pensamento da diferença. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1996.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. Subversivos futebol clube. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 10, n. 118. Rio de Janeiro, julho 2015.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. (2013). **Torcidas Queer e a homofobia nos estádios de futebol**: Entrevista especial com Gustavo Andrada Bandeira. <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/519713torcidasqueeroambienteseriamuitohostilentrevistaespecialcomgustavoandradabandeira>. Acesso em: 18 de abril, 2017.

JARVIS, Nigel. The inclusive masculinities of heterosexual men within UK gay sport clubs. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50 (3), 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre e SOUZA, Jane Felipe (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogias do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Org.). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do Armário: a normatização em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; FALCÃO-DEFINO, Paulo César. Esporte e masculinidade: uma longa história de amor, ou melhor, de amizade. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: na Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LAGES, Carlos Eduardo D. Munaier; SILVA, Silvio Ricardo da. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, 2012.

LANE, Silvia T M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Silvia T M. e CODO, Wanderley (org.). **Psicologia Social: o homem em Movimento**. São Paulo. Brasiliense, 1984.

LIMA, Helcira. Patemização: emoção e linguagem. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, Willian; MENDES, Emília (Orgs.). **As emoções no discurso**. v. 1. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.

LIOTARD, Philippe. Sport et Homophobie. In: TIN, Louis-Georges (Org.). **Dictionnaire de l'Homophobie**. Paris: Press Universitaires de France, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e relações de gênero em pauta. **Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ**. Rio de Janeiro, n. 5, junho, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**. Produção do Corpo. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul/dez 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o normal, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. Estereótipos e representação na construção de textos jornalísticos. In: MARI, H. et alii. **Análise do Discurso em perspectiva**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2003.
- MAGNANI, Jose G. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In: MAGNANI, Jose G.; TORRES, Lilian de Luca (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1996.
- MAGRATH, Rory; ANDERSON, Eric; ROBERTS, Steven. On the door-step of equality: Attitudes toward gay athletes among academy-level footballers. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 7, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas de Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de Si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2016.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a.
- MASCARENHAS, Gilmar. “Não vai ter arena”: o futebol e direito à cidade. **Revista Advir** - Associação dos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Asduerj, n.32, p. 24-38, jul. 2014b.
- MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v. 10, n. 17, p.142-170, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>. Acesso em: 08 fev. 2017.
- MASCARENHAS, Gilmar. **O direito ao estádio**. 2015. Disponível em <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-direito-ao-est%C3%A1dio-ae73eb43848f>. Acesso em 15 de maio de 2018.
- MAYOR. Sarah Teixeira Soutto, SOUZA NETO, Georgino Jorge; SILVA, Silvio Ricardo. Dos novos e velhos territórios no futebol: Interstícios reflexivos do torcer na transição Estádio/Arena. **Espaço Plural**. Ano XIV, n. 29, 2º Semestre 2013, p. 193 – 218.
- MCCORMACK, Mark; ANDERSON, Eric. The Influence of Declining Homophobia on Men’s Gender in the United States: An Argument for the Study of Homohysteria. **Sex Roles**, v. 71, n. 3-4, 2014.
- MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perpectiva, 1979.
- MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, Educação Física e esporte: primeiras aproximações. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo. IMBRASA, 2003a.
- MELO, Victor Andrade de. Lazer e camadas populares: reflexões baseadas na obra de Edward Palmer Thompson. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo. IMBRASA, 2003b.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; RIBEIRO, Claudia M; RIBEIRO, Paulo R. Gênero, sexualidade e educação. “Olhares” sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas que instituem um novo G.E. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa e Educação (ANPED)**, 27, 2004, Caxambu. Disponível em <<http://www.ded.ufla.br/gt23/trabalhos.html>>. Acesso em: 25 de mar. de 2014.

MISKOLCI, Richard. Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP, 2016.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(1): 422, jan./abr., 2017.

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. O que faz você feliz? patemização e efeitos de sentido. **Cadernos do CNLF**, volume XVII, nº 01. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013, p. 222-231.

MOORE, Henrietta. **Compreendendo sexo e gênero**. (mimeo) Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, In: Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p.813-830.

MOREL, Márcia; SALLES, José Geraldo. Futebol feminino. In: DaCOSTA, L.P. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MORGADE, Graciela; ALONSO, Graciela. **Cuerpos y sexualidades em la escuela**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MOURA, Eriberto Lessa. **O futebol como reserva masculina**. Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, p. 131 – 147, 2005.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, p. 73-86, 2005.

MURAD, Mauricio. **A Violência no Futebol**. Rio de Janeiro, Ed. Benvirá. 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentido. Campinas: Pontes, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Contribuições dos estudos culturais para a educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2013.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi – 3. ed. – Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1997.

PEREIRA, Annelise Santos Lira Soares; *et al.* Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Revista Psicologia & Sociedade**, 2014, v. 26 (3), 737-745.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol**. Ponto Urbe [online], 2014. Acessado em 28 de abril de 2015. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/1460>

PINTO, Mauricio Rodriguez; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2014, p105-116.

PRONGER, Brian. **The arena of masculinity: Sports, homosexuality and the meaning of sex**. New York: St. Martin's Press, 1990.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

REIS, Heloisa Baldy. **Futebol e violência: as manifestações da torcida**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine (Comp.). **Sexualidad, género y roles sexuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 159-211, 1999.

ROCHA, Luiz Afonso Oliveira da. Depoimento de Luiz Afonso Oliveira da Rocha: **Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Homofobia e esporte na produção da educação física brasileira (1979-2007)**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação Física – universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a "Economia Política" do sexo**. Recife: S.O.S CORPO, 1993.

SACK R., Human territoriality: its theory and history, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SANTOS, Rick J. Assumindo a identidade sexual: masculinidades e responsabilidade. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. **Masculinidades excluídas**: homens na cena contemporânea. Vitória: Flor&Cultura, 2006.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**. 20 (2), 1995, p. 71-99.
- SEDGWICK, Eve. **Tendencies**. Durham: Duke University Press, 1993.
- SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, janeiro-junho de 2007, p. 19-54.
- SERPA, Ângelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2011.
- SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**. v. 17, 2015.
- SILVA, Sérgio Gomes da. Masculinidade na História: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. 2000, p. 8-15
- SILVA, Sílvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- SILVA, Sílvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; PRAÇA, Gibson Moreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Tiago Felipe da; GOMES, André Silveira. Torcedores organizados em Belo. In: SILVA, Sílvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da: A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor Chagas; SANTOS, Doiara Silva dos. “O choro do capitão”: notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, 1149-1162, out./dez. de 2016.
- SOUZA, Vinicius Gomes de; CAMARGO, Wagner. ‘Coligay’ e a diversidade sexual no campo esportivo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.1-6, jan./ jun. 2015.
- SOUZA NETO, Georgino Jorge. A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). In: SILVA, Sílvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002.

TORRESAN, Jorge Luis; COSTA, Murilo Jardelino da. O preconceito de gênero no discurso jurídico: análise dos implícitos na sentença proferida no caso Richarlysson. **Bagoas**. n. 5, 2010, p. 245-261.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VEIGA NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

VELASCO, Honorio; DÍAZ DE RADA, Ángel. **El trabajo de campo**. La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela. Madrid: Ed. Trotta, 1997.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. v. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet: queer politics and social theory**. Minnesota: Minnesota Press, 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2013.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 9, n. 2, 2001, p. 460-482.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero**. 1980. Disponível em <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf>. Acessado em 30 de outubro de 2016.

APÊNDICES**Apêndice A – Roteiro de Observação****Diário de campo n° _____****Pesquisador:** _____**Itinerários de observação:** _____**Data:** _____ **início da observação:** _____ **Fim da observação:** _____**Evento:** _____**Setor (observação no estádio):** _____

- Contexto geral em que acontece o jogo.
- Foi possível observar cenas de homofobia no estádio?
- Foi possível observar cenas de carinho e homoafetividade (nas arquibancadas, banheiros, no campo, nos bares, entrada do estádio (desde a vinda para o estádio) e saída (até a ida para casa)?
- Foi possível observar comentários, acessórios e comportamentos atípicos entre os torcedores?

Relatório de observação:

Apêndice B – Roteiro de Entrevista

- 1- Fale um pouco sobre a sua história com o futebol e o seu time escolhido?
- 2- Como você descreve o seu sentimento pelo (nome do time de futebol)?
- 3- Com que frequência você assiste aos jogos do seu time?
- 4- Onde você costuma assistir os jogos do seu time com maior frequência? Por quê?
- 5- Qual o lugar preferido para acompanhar os jogos do seu time? Por quê?
- 6- Alguém o acompanha para assistir aos jogos? Quem?
- 7- Qual o seu sentimento/como você se sente em relação ao comportamento dos torcedores do seu time e do time adversário nos ambientes de assistência ao futebol (estádios, bares e outros espaços escolhidos para ver os jogos).
- 8- Você acha o futebol e os espaços de assistência aos jogos do seu time um espaço homofóbico?
- 9- Você acha que houve mudança no comportamento dos torcedores nos últimos anos em relação à homofobia?
- 10- Como você se sente diante das brincadeiras jocosas sobre a homossexualidade de jogadores e torcedores no futebol?
- 11- Você tem lembranças/histórias sobre fatos que demonstram homofobia nos estádios?
- 12- Você tem lembranças/histórias sobre fatos que demonstram mudanças no comportamento dos torcedores quanto à participação/presença de gays no futebol, em campo (com os jogadores, arbitragem, equipe técnica) ou nas torcidas (rivals ou na sua própria torcida, ou mesmo em outras torcidas do seu time)?

Apêndice C – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
 Área Interdisciplinar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

PESQUISA: Sobre futebol e barreiras: narrativas do torcer, pertencimento e clandestinidade¹⁰⁰ (?)

As informações contidas nesta folha, fornecidas por José Aelson da Silva Júnior e Sílvio Ricardo da Silva têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

- 1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: compreender como se configura o torcer de homens gays no âmbito de uma prática caracterizada pelo encapsulamento do torcer no futebol como espaço de afirmação da masculinidade; e, a partir da compreensão desse cenário, analisar como se desdobram as representações e relações entre torcedores e a homossexualidade no futebol.
- 2) Participantes da pesquisa: trezentas de dez pessoas de ambos os sexos e maiores de dezoito anos.
- 3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do coordenador do projeto.
- 4) Sobre as coletas ou entrevistas: As entrevistas serão realizadas em local escolhido pelo entrevistado e os questionários serão respondidos nos estádios Independência e Mineirão, bem como em seu entorno, em dias de jogos.
- 5) Protocolo experimental: O protocolo experimental será desenvolvido e adaptado a partir de protocolos já utilizados em pesquisas científicas já finalizadas e que versaram sobre tema a fim ao proposto nesta pesquisa. O roteiro de entrevista será organizado de forma semi-estruturado.
- 6) Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF, e oferece riscos mínimos aos seus participantes.

¹⁰⁰ Corresponde ao título inicial do trabalho.

7) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da(o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

8) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

9) Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

10) Liberdade de recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalizações. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE: _____

Belo Horizonte, ____/____/____

Telefone para contato: _____

Assinatura do Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Contato do responsável pela pesquisa:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

e-mail: prof.srs@gmail.com telefone: (31) 99751-4630

EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 campus – Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 31270901

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Projeto: CAAE – 57527916.6.0000.5149

Interessado(a): Prof. Silvio Ricardo da Silva
Departamento de Educação Física
EEFFTO- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 18 de agosto de 2016, o projeto de pesquisa intitulado “**Sobre Futebol e Barreiras: narrativas do torcer, pertencimento e clandestinidade (?)**”, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Vivian Resende'.

Profa. Dra. Vivian Resende

Coordenadora do COEP-UFMG